

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE HISTÓRIA

GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Ana Clara de Faria do Nascimento

Victor Hugo e o Haiti:

O Protagonismo dos escravizados na Revolução Haitiana nas páginas do
Romance “Bug-Jargal” (1826)

Uberlândia, 2023

ANA CLARA DE FARIA DO NASCIMENTO

Victor Hugo e o Haiti:

O Protagonismo dos escravizados na Revolução Haitiana nas páginas do
Romance “Bug-Jargal” (1826)

Monografia apresentada ao Instituto de História da
Universidade Federal de Uberlândia, como parte das
exigências para a obtenção do título de licenciatura e
bacharelado em História.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Flávia Cernic Ramos

Uberlândia, 2023

NASCIMENTO, Ana Clara de Faria. “Victor Hugo e o Haiti: O Protagonismo dos escravizados na Revolução Haitiana nas páginas do Romance ‘Bug-Jargal’ (1826)” – Uberlândia, 2023.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Ana Flávia Cernic Ramos

Monografia (Licenciatura e Bacharelado) Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui Bibliografia.

Palavras-chave: Victor Hugo, Revolução Haitiana, Romantismo, Literatura.

ANA CLARA DE FARIA DO NASCIMENTO

Victor Hugo e o Haiti:

O Protagonismo dos escravizados na Revolução Haitiana nas páginas do
Romance “Bug-Jargal” (1826)

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Ana Flávia Cernic Ramos
Orientadora, Universidade Federal de Uberlândia

Prof.^a Dr.^a Daniela Magalhães da Silveira
Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Dr. Florisvaldo Paulo Ribeiro Júnior
Universidade Federal de Uberlândia

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa teve início desde o momento em que entrei no curso de História, em 2018. Sempre tive apreço pela disciplina quando mais nova, mas até realmente tomar a grande decisão, nunca me imaginei estudando para me tornar historiadora e professora de História. Depois de cinco anos este é o resultado, e quando digo que iniciei esta pesquisa no momento em que ingressei no curso é justamente porque queria estudar algo que não tive acesso nos meus anos de ensino básico. Quero poder repassar para meus futuros alunos que aqueles que sempre foram vistos como submissos e vítimas pela ideologia dominante, além de serem parte da História, também fizeram ela acontecer.

Descobri a História da Revolução Haitiana durante uma de minhas disciplinas do início do curso e me envolvi completamente. Era esse tipo de tema que eu estava procurando desde o momento em que decidi fazer História. Me dedicar a estudar e ensinar momentos como esta Revolução é algo muito significativo para mim. A história também é daqueles que um dia foram dominados e se libertaram de seus algozes. A partir deste momento, tive a sorte e a honra de ser orientada por Ana Flávia Cernic Ramos, a melhor professora que tive, sem dúvida alguma. Sem as reuniões, orientações, conselhos e correções que recebi e absorvi dela não conseguiria chegar até aqui e, talvez, essa pesquisa também não seria possível de ser feita. Foi sua mente genial que me apresentou o romance que trabalho nesta monografia. Obrigada por ter acreditado na minha capacidade de fazer este trabalho acontecer, quando nem eu acreditava que seria possível.

Também gostaria de agradecer aos professores Daniela e Florisvaldo por terem aceitado participar da avaliação deste trabalho. Obrigada por tirarem um tempo de suas agendas corridas para se dedicarem a um momento tão importante para esta (quase formada) universitária!

Sem o apoio e dedicação de minha família eu também não teria conseguido. Aos 18 anos resolvi sair de casa para realizar o sonho de entrar na Universidade Pública, um sonho que só foi possível de ser realizado com o esforço que minha mãe, pai, irmã, tias, tios e primas fizeram em conjunto para eu chegar até aqui. Porém, alguém que com certeza fez tudo isso acontecer foi minha querida avó Sebastiana Rosa. Ela foi a primeira a acreditar que, mesmo eu

sendo extremamente nova e inocente para viver tão longe de casa, convenceu meus pais de que poderia ser algo bom para mim. Infelizmente ela não está mais entre nós para ver o resultado de seu esforço, mas sei que está abençoando toda a caminhada que tive até aqui e os próximos passos que estou planejando dar.

Meus últimos agradecimentos vão para meus amigos e colegas que fiz ao longo desses cinco anos de graduação. Sempre tive a sorte de estar rodeada de pessoas incríveis e inteligentes, que assim como eu também estão vivendo essa fase complicada e incrível da faculdade. A todos os amigos que tiraram um tempo de suas agendas para me ouvir desabafar sobre as dificuldades da pesquisa, sobre as alegrias (e anseios) de estar finalizando este momento tão esperado, além de adentrar em uma nova fase completamente diferente em minha vida: o meu muitíssimo obrigado! Se eu não tivesse a possibilidade de compartilhar com vocês tudo que vivi dentro e fora da universidade todo esse momento não teria a menor graça!

RESUMO:

Esta pesquisa de monografia pretende estudar o romance *Bug-Jargal*, de Victor Hugo, publicado na França em 1826. A obra narra o começo da grande insurreição de escravos que deu origem à Revolução Haitiana, ocorrida entre os anos de 1791 e 1804. A proposta é compreender como o romance dialogou com o contexto histórico no qual foi produzido, buscando analisar como Hugo interpretou tais eventos históricos em sua ficção. As primeiras décadas do século XIX foram marcadas por eventos importantes, entre eles o fim do tráfico de escravos na Inglaterra, em 1807, a expansão de uma campanha abolicionista internacional, e, por outro lado, uma forte expansão do sistema escravista nas Américas, chamado hoje de segundo escravismo. Outro fator determinante no período foi o “haitianismo”, ou seja, expressão de época que desnudava o medo das elites escravocratas de que a Revolução Haitiana contagiasse as senzalas do mundo atlântico. Por todo esse cenário, pretende-se compreender como o jovem Victor Hugo, então se consolidando como um dos idealizadores da literatura romântica, construiu uma narrativa ficcional sobre uma revolta escrava em diálogo com esse contexto. Interessa-nos, em particular, entender como o literato representou o papel dos escravizados revolucionários nos eventos ocorridos no Haiti. O referencial teórico desta pesquisa está fundamentado numa abordagem da Literatura pelas lentes da História Social da Cultura.

Palavras-Chave: Victor Hugo, Revolução Haitiana, Romantismo, Literatura.

RÉSUMÉ:

Cette recherche monographique vise à étudier le roman *Bug-Jargal* de Victor Hugo, publié en France en 1826. Le roman raconte le début de la grande insurrection des esclaves à l'origine de la Révolution haïtienne, qui s'est déroulée entre 1791 et 1804. Il s'agit de comprendre comment le roman a dialogué avec le contexte historique dans lequel il a été produit, en cherchant à analyser comment Hugo a interprété de tels événements historiques dans sa fiction. Les premières décennies du XIXe siècle ont été marquées par des événements importants, parmi lesquels la fin de la traite des esclaves en Angleterre en 1807, l'expansion d'une campagne abolitionniste internationale et, d'autre part, une forte expansion du système esclavagiste dans les Amériques, aujourd'hui appelé second esclavage. Un autre facteur déterminant de la période est le "haïtianisme", une expression de l'époque qui révèle la crainte des élites esclavagistes de voir la révolution haïtienne contaminer les esclaves du monde atlantique. Dans ce scénario, nous entendons comprendre comment le jeune Victor Hugo, qui s'affirme alors comme l'un des idéalisateurs de la littérature romantique, a construit un récit de fiction sur une révolte d'esclaves en dialogue avec ce contexte. En particulier, nous cherchons à comprendre comment l'écrivain a représenté le rôle des esclaves révolutionnaires dans les événements survenus en Haïti. Le cadre théorique de cette recherche est basé sur une approche de la littérature à travers le prisme de l'Histoire sociale de la culture.

Mots-clés: Victor Hugo, Révolution haïtienne, Romantisme, Littérature.

Sumário

Introdução	9
Capítulo 1 - Victor Hugo e a Insurreição escrava	14
I – O jovem Victor Hugo na França dos anos 1820.....	14
II – <i>Bug-Jargal</i> e a revolução escrava em São Domingos	18
III – <i>Bug-Jargal</i> : leituras e interpretações do romance.....	23
IV – <i>A escravidão e a revolta dos escravos sob o olhar de Victor Hugo</i>	33
Capítulo 2 – Patriarca do Romantismo: Victor Hugo e o Sublime/Grotesco da Revolução Haitiana em <i>Bug-Jargal</i>	40
I – Victor Hugo e o Romantismo francês	46
II – As duas versões da São Domingos rebelde de Victor Hugo	52
III – Fontes para a escrita de <i>Bug-Jargal</i>	64
IV – Uma revolução grotesca?	69
Capítulo 3 – “Liberdade ou morte”: Victor Hugo e o abolicionismo	76
I – Abordagens sobre os abolicionismos francês e inglês	78
II – A visão da Revolução Haitiana por Victor Hugo nos anos 1840.....	98
III – Republicano e abolicionista: o exílio e a mudança dos discursos de Victor Hugo ..	108
Considerações Finais	115
Fontes	118
Bibliografia	118

INTRODUÇÃO

A trajetória desta pesquisa começou com um projeto de iniciação científica que tinha como objetivo principal compreender o papel da religião dentro das revoltas escravas. Movimentos como a Revolta dos Malês de 1835¹, a organização insurrecional que ocorreu em Campinas em 1832² e a Revolução Haitiana foram os eventos estudados nesta primeira pesquisa. A importância do vodu na Revolução Haitiana foi algo que acabou se destacando neste início de atividade científica, pois foi a partir de uma cerimônia vodu que os escravizados da ilha de São Domingos instauraram as primeiras revoltas escravas que deram vida ao movimento. Com esta primeira pesquisa, outras perguntas acabaram surgindo e, junto com elas, a principal fonte deste atual trabalho: o romance *Bug-Jargal*, escrito por Victor Hugo (1802-1885) e publicado pela primeira vez em 1826.

Este romance tem como pano de fundo o começo das primeiras revoltas escravas que deram início ao grande movimento por libertação escrava que foi a Revolução Haitiana, iniciada em 1791 e finalizada em 1804, com a independência da ilha de São Domingos da França, tornando-se então uma nova nação, o Haiti. No romance, a história é narrada por Leopoldo D'Auverney, um jovem francês que foi para São Domingos se casar com sua prima, Maria. A moça era filha de um rico fazendeiro de escravos e, entre os seus escravizados, estava Pierrot, um escravo gentil e bondoso com os seus e com os brancos, além de também ser um dos líderes da revolta que tomaria conta da ilha, sendo também reconhecido pelo seu nome de batismo: Bug-Jargal. O escravo, secretamente apaixonado por Maria, a salva de uma terrível morte, ganhando a amizade e a confiança de Leopoldo. Porém, a amizade que os dois personagens construíram logo cai por terra com o início da revolta escrava que toma conta da ilha, iniciada no mesmo dia do casamento dos jovens apaixonados. O tio de Leopoldo é encontrado morto e Pierrot é visto fugindo com Maria em seus braços, atitude que faz o narrador jurar vingança contra o escravo e iniciar uma jornada em busca dele e de sua noiva. Nesta jornada, Leopoldo se depara com outros líderes da revolta, como Biassou e o feiticeiro Habibrah, que acabam aprisionando o francês no acampamento do exército de escravizados.

¹ Ver REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

² Ver PIROLA, Ricardo Figueiredo. "Senzala insurgente." *Malungos, parentes e rebeldes nas fazendas de Campinas* (1832). Campinas: Editora Unicamp, 2011.

A partir da leitura do romance, perguntas sobre como Victor Hugo lidou com questões como a religião dos escravizados, a organização da revolta, a escravidão e a própria Revolução Haitiana foram importantes para construir a pergunta principal desta pesquisa monográfica: Como Victor Hugo, no início da sua carreira, representou em seu romance o papel dos escravizados do Haiti na luta contra a escravidão?

A História da Revolução Haitiana e a forma como ela foi recebida é algo que até os dias atuais gera discussões acadêmicas e sociais de importante valor. A ilha de Hispaniola, primeiro local em que os europeus colonizadores chegaram da América, foi, anos mais tarde, palco de uma das maiores Revoluções que a humanidade pode presenciar: em agosto de 1791, uma revolta escrava na pequena ilha de São Domingos daria início ao primeiro (e único) movimento de libertação escrava que atingiu sucesso. No final do século XVII, mais precisamente em 1695, a França toma posse da parte Ocidental da ilha, que a até aquele momento pertencia ao Império Ultramarino Espanhol³. Com a posse da então ilha de São Domingos, a França investe no tráfico de escravizados africanos e na economia de plantation, principalmente na produção de cana-de-açúcar, que se tornou a principal fonte econômica da ilha. Para que esta atividade fosse lucrativa o aumento no número de escravizados foi essencial, e junto com isso, a violência da escravidão foi se tornando cada vez mais intensa.

A então ilha de São Domingos ficou conhecida, ao longo do século XVIII, como “A Pérola das Antilhas”⁴. A possessão francesa se destacou dentro do comércio de cana-de-açúcar, tornando a metrópole cada vez mais rica e os escravizados cada vez mais explorados. Essa exploração fez com que, no fim da década de 1780, a população de escravizados fosse de aproximadamente 80% da população da ilha, um número importante para que a Revolução tivesse sucesso. Em conjunto com essa exploração e violência extremas dos quais os escravizados de São Domingos eram vítimas, em 1789, a França inicia a sua Revolução Francesa, que derrubou a monarquia absolutista do então rei Luís XVI, e iniciou um importante

³ “Franceses, ingleses e espanhóis invadiam e tornavam a invadir e queimaram tudo. Mas em 1695, o Tratado de Ryswick entre França e Espanha deu aos franceses mais direito legal sobre a parte ocidental da ilha. Em 1734, os colonizadores começaram a cultivar o café. A terra era fértil e a França oferecia um bom mercado”. Ver JAMES, C.L.R. Os Jacobinos Negros: Toussaint L’Ouverture e a Revolução de São Domingos. São Paulo: Boitempo, 2018, p.20.

⁴ “E no resplendor do século das Luzes, por volta de 1766, a Ilha de São Domingos tornara-se a mais próspera das possessões francesas, conhecida como A Pérola das Antilhas. Em 1777, o Tratado de Aranjuez determina a fronteira entre as partes espanhola e francesa da ilha, respectivamente, República Dominicana e o Haiti atuais. Uma rica colônia francesa, isto é, onde os colonos e a metrópole enriqueciam. Gerou-se uma infraestrutura administrativa, com centros urbanos florescentes que encantavam os europeus nos trópicos, entre as quais se destacavam Port-au-Prince e Cabo Francês”. MOREL, Marco. A Revolução do Haiti e Brasil escravista: O que não deve ser dito. Jundiaí: Editora Paco, 2017, p.67.

processo a favor da liberdade política e social no país, servindo de influência para uma nova ordem política no Ocidente como um todo⁵. Os escravizados de São Domingos já tinham iniciado inúmeros movimentos de libertação que não foram bem sucedidos antes da Revolução da metrópole, como o plano de revolta do escravo Mackandal, em 1745⁶, e as movimentações que o mulato Vincent Ogé⁷ articulou na metrópole, e depois em São Domingos, buscando direitos civis para os “homens de cor”⁸ das colônias. Mas foi em agosto de 1791 que as massas de escravizados da ilha se voltou contra o sistema escravista, iniciando uma luta que durou mais de 10 anos e fez nascer o primeiro Estado independente que havia abolido a escravidão em seu território.

Quando decidimos utilizar o romance *Bug-Jargal* como fonte para analisar a Revolução Haitiana algo que não poderíamos deixar de lado são os posicionamentos que Victor Hugo possuía na época em que desenvolveu essa narrativa, além da forma como essa foi construída. Uma primeira versão de *Bug-Jargal* foi publicada pela primeira vez como um conto entre 1819 e 1820, na revista *Le Conservateur Litteraire*, de Victor Hugo e seu irmão Abel. A revista era uma filial do jornal de corrente conservadora *Le Conservateur*, que pertencia ao também escritor François-René Chateaubriand. Ainda nesta mesma década de 1820, Hugo era um importante apoiador da monarquia restaurada da família Bourbon, que retomou o poder da França com a queda do Império de Napoleão Bonaparte em 1815. O escritor já dedicara muitas de suas poesias da juventude para a monarquia. Essa mesma família real que Victor Hugo apoiava em sua juventude também chegou a tentar recolonizar o Haiti, já consolidado como um país independente. Tais tentativas só cessaram com o reconhecimento da independência do Haiti pela França em 1825, através de uma indenização que prejudicou a economia haitiana de formas drásticas. Portanto, ter em mente que esse era o posicionamento que Hugo possuía no momento em que desenvolveu seu romance é importante para compreendermos que agência ele dá para os escravizados em seu romance.

⁵ Ver HOBBSAWM, Eric. *A Era das Revoluções 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

⁶ “Já em 1745 ocorrera uma impressionante manifestação coletiva e subterrânea de escravos liderada por Mackandal, cujo resultado foi envenenar sistematicamente famílias inteiras de colonos e também cativos que lhes eram fiéis. Os episódios sucederam-se causando centenas de mortes e deixando a população branca em um verdadeiro terror, elevando a tensão social a um patamar de violência repressiva e minando as bases da sociedade escravista. Tal conspiração, descoberta, foi acompanhada de marronage (fuga para regiões de difícil acesso ou formação de quilombos), desafiou as autoridades coloniais – e, somente em 1758, Mackandal, sacerdote do vodu, foi preso e queimado vivo em praça pública”. MOREL, Marco. *A Revolução do Haiti e Brasil escravista: O que não deve ser dito*. Jundiá: Editora Paco, 2017, p.87.

⁷ “Vicent Ogé, um mulato livre, vai a Paris onde tenta articular ações em favor dos direitos de seus semelhantes e, sem obter resultados efetivos, retorna a São Domingos e começa a organizar um movimento armado. Ogé foi executado em 1791, em praça pública[...]” *Ibidem*, p. 88.

⁸ Forma como os como mulatos/mestiços se autodenominavam em São Domingos.

Victor Hugo também foi um importante nome dentro do movimento romântico na França. O prefácio de sua peça *Cromwell* (1827), *Do grotesco e do sublime*, se tornou um importante manifesto para o romantismo no país, dando ainda mais visibilidade para Victor Hugo, que desde muito novo já se destacava com seu talento para as letras. Buscando se afastar do perfeccionismo presente na estética neoclássica, a defesa de Victor Hugo em seu manifesto é a de que as artes dramáticas e poéticas deveriam valorizar a originalidade de seus autores, além de saber tematizar bem a ideia de sublime de grotesco nas obras, ou seja, apresentar ideais inicialmente opostos fazendo parte de um mesmo elemento nas narrativas românticas, sejam eles a caracterização de um personagem, o tema de uma história, o local onde a narrativa se desenvolve e etc. Além disso, Hugo também defendia que os poetas tinham um papel transformador na sociedade, servindo de guia para a população, quase como profetas. A ideia da literatura e seus agentes como partes da transformação social foi definidora dentro de todo o movimento romântico. Sendo assim, esse papel de Hugo dentro da construção da expressão romântica na França é um elemento importante para localizarmos onde *Bug-Jargal* se encontra neste processo, e se a forma como Hugo representou a Revolução Haitiana neste romance está de acordo com as suas concepções sobre o romantismo.

Não podemos esquecer que, no momento em que Victor Hugo publica *Bug-Jargal*, na década de 1820, a escravidão ainda era uma realidade no continente Americano. Sendo assim, discussões sobre abolição do tráfico e sobre a abolição da escravidão em si já estavam sendo feitas desde o final do século XVIII, com as primeiras manifestações que a Inglaterra fez contra o tráfico através do parlamento e da imprensa, e no começo do século XIX, em 1807, quando este país criminalizaria o comércio de escravos, iniciando uma campanha para que os países sob a sua esfera de influência também acabassem com a atividade. Compreender como essas discussões são apresentadas no romance e como o próprio Victor Hugo se posicionava com relação a escravidão e ao abolicionismo no período também será essencial para alcançar o nosso objetivo final.

Sendo assim, no primeiro capítulo, temos como foco principal analisar como Victor Hugo interpretou as discussões sobre a Revolução Haitiana em seu romance. Partimos da evidência⁹ de que esta Revolução não teve uma recepção unilateral, pois, ainda que boa parte da sociedade escravista tenha se sentido ameaçada com o modelo de revolta escrava que a Revolução Haitiana estabeleceu – no qual os brancos da ilha caribenha foram quase todos

⁹ Ver MOREL, Marco. A Revolução do Haiti e o Brasil Escravista: o que não deve ser dito. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

massacrados pelos escravizados rebeldes – a Revolução também teve uma boa recepção, ou pelo menos uma reação moderada, por parte de muitos de seus contemporâneos. Portanto, temos como objetivos principais neste capítulo analisar os posicionamentos políticos de Victor Hugo no início de sua carreira na literatura, suas caracterizações da Revolução e dos escravizados, e como o escritor se relacionou com as diversas percepções que existiram sobre o evento que serviu de base para o seu romance.

No segundo capítulo buscamos desenvolver a análise do romance, porém, a partir do importante papel de Victor Hugo dentro do romantismo. A ideia é compreender se os conceitos desenvolvidos pelo autor e pela escola romântica como um todo estão presentes em *Bug-Jargal* e se eles ajudaram o autor a construir a sua narrativa ficcional sobre a revolta. Além disso, uma análise comparada entre a versão em conto de *Bug-Jargal* (1820) com a versão final em romance (1826) também nos ajudará a entender como Victor Hugo adaptou sua história para o formato de um romance daquela época e como o escritor transformou suas concepções sobre a escravidão e sobre a Revolução Haitiana de uma versão para a outra.

No terceiro e último capítulo temos como missão principal compreender a trajetória de Victor Hugo dentro do abolicionismo. Ou seja, como o autor expressou seus sentimentos sobre o movimento em seu romance e também em outros espaços de sua vida pública. Partindo da evidência que a Revolução Haitiana foi um mote importante para que as discussões sobre a abolição da escravidão se tornassem mais fervorosas, neste capítulo vamos traçar uma espécie de linha do tempo na vida do escritor, desde o início de sua carreira, com *Bug-Jargal*, até o fim de sua vida, com relação ao relacionamento do escritor com o movimento abolicionista. A partir disso, ficará evidente como Victor Hugo, ao longo de sua vida pública, lidou com o abolicionismo e também com a própria Revolução Haitiana.

Capítulo 1

Victor Hugo e a insurreição escrava

A literatura é uma fonte histórica que nos apresenta diversas facetas de uma sociedade. Representações sociais, ideologias, conceitos e outras ideias podem ser encontrados em um texto literário, além daquilo que poderíamos chamar de intenção do(a) autor(a). Suas crenças pessoais, sociais e políticas estão de alguma maneira presentes na imaginação da história que ele deseja contar. Inspirando ou provocando, a experiência social do escritor deixa seus vestígios na escrita literária. Carlo Ginzburg, na introdução do livro *O Fio e os Rastros*¹⁰ afirma que “escavando os meandros dos textos, contra as intenções de quem os produziu, podemos emergir vozes incontrolladas [...]”¹¹. Este pequeno trecho pode servir de exemplo para pensar a relação estabelecida entre qualquer fonte e os historiadores. No caso da literatura, essa regra se faz tão essencial quanto na análise de qualquer outro documento histórico. Ao analisarmos um romance, conto ou qualquer outro gênero literário devemos também nos atentar não apenas para o que está explícito no texto, mas aquilo que também não foi dito, ou que está nas entrelinhas, ou ainda que se refere ao contexto histórico e social no qual a obra foi escrita e como o autor ou autora se experimentavam em seu mundo. É também importante estarmos atentos ao entendimento que o escritor tinha do próprio fazer literário ou o papel que atribuía à literatura. É isto o que pretendemos fazer neste trabalho ao analisar a obra *Bug-Jargal*, romance escrito em 1826 por Victor Hugo (1802-1885). Um dos principais objetivos deste capítulo é compreender como este ilustre autor desenvolveu sua obra a partir de uma determinada experiência histórica e intelectual, estabelecendo um diálogo com o mundo do qual fazia parte e das suas contradições.

I. O Jovem Victor Hugo na França dos anos 1820:

Victor Hugo nasceu na comuna de Besançon, na França em 1802. Foi o terceiro filho de um general Bonapartista, Joseph Léopold Sigisbert Hugo, e de Sophie Trébuchet, uma importante incentivadora das artes literárias na vida de seus filhos. Conhecido mundialmente

¹⁰ GINZBURG, Carlo. “Introdução”. In: *Os Fios e os Rastros: Verdadeiro, Falso, Fictício*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2007, p.7-14

¹¹ *Ibidem*, p.11.

por grandes romances como *O Corcunda de Notre Dame* (1831) e *Os Miseráveis* (1862), famoso por sua intensa atuação política, Victor Hugo, em uma de suas primeiras obras, optou por abordar um tema que, nos anos de 1820, ainda era considerado incendiário¹²: a maior revolução liderada por escravizados, a Revolução Haitiana. Iniciada como uma insurreição escrava generalizada, este evento mudou os rumos do escravismo moderno e do colonialismo, pois fez do Haiti o primeiro país das Américas a abolir a escravidão, pelas ações dos próprios escravizados, e ainda se tornou independente em 1804. Em um mundo ainda marcado pela presença da escravidão no qual o “haitianismo” havia se tornado palavra proibida e perigosa, o jovem escritor decide representar, ou ainda revisitar, fatos e temas passados na antiga colônia francesa de São Domingos, atual Haiti¹³. Importante lembrar que Hugo tinha apenas dois anos de idade quando o Haiti declarou sua independência da França. Porém, passados mais de duas décadas, quando o autor decide escrever o romance *Bug-Jargal* os eventos transcorridos em São Domingos ainda ecoavam em países europeus e no Atlântico escravista e não se ausentou das discussões públicas ao redor de todo Atlântico nas décadas seguintes¹⁴. O medo de que as outras colônias e dos novos países, que estavam se formando nesta época, seguissem o exemplo do Haiti era gigantesco, podendo colocar em risco o sistema colonial como um todo.

Ainda muito novo, Victor Hugo se destacou por seu talento como escritor. Em 1817, por exemplo, ele participou do concurso anual da Academia Francesa, com uma ode de 334 versos que, segundo Daniela Callipo, impressionou os “Imortais” e, “se não lhe possibilita obter o primeiro lugar, por causa da idade, abre-lhe as portas para o reconhecimento dos membros da Academia e lhe traz fama imediata. Hugo depois disso tornou-se o “enfant sublime, respeitado e conhecido”¹⁵. O começo de sua carreira também se destacou por suas críticas à estética neoclássica, arte que buscava resgatar a arte da antiguidade clássica (Grécia e Roma) dentro de uma roupagem mais moderna. A vontade de Hugo era de renovar o movimento, especialmente nas áreas da literatura e dramaturgia¹⁶. Em 1827, ele publicará um

¹² Ver BUCK-MORSS, Susan. “Hegel e o Haiti”. *Novos Estudos*, 90, julho 2011.

¹³ “As imagens e os sentidos construídos em torno do haitianismo podem ser concebidos conforme as lógicas e desdobramentos do protesto negro contra a dominação e o controle social ou como um movimento mais amplo de expansão das idéias iluministas, envolvendo debates sobre a liberdade e seus protagonistas”. SOARES, Carlos Eugênio Líbano; GOMES, Flávio. *Sedições, haitianismo e conexões no Brasil escravista: outras margens do Atlântico Negro*. *Novos estudos*, v. 60, p. 131-144, 2002.

¹⁴ Ver NASCIMENTO, Washington Santos. *Além do medo: a construção de imagens sobre a revolução haitiana no Brasil escravista (1791-1840)*. *Revista de Ciências Humanas-Especiarias*, v.10, n.18.2007.

¹⁵ CALLIPO, Daniela Mantarro. Victor Hugo: sobretudo, poeta. *Lettres Francaises (UNESP Araraquara)*, v. 12, 2011, p. 11.

¹⁶ “O enfant sublime tem o espírito irrequieto, a vontade de modificar a história da Literatura Francesa. Em 1824, compõe as primeiras Ballades, gênero pré-clássico, abolido e execrado pelos seguidores de Boileau. Mas Hugo já estava decidido a iniciar uma revolução estética que não poderia se dissociar da revolução política: dois anos mais tarde, publica Odes et Ballades, sabendo que a decisão implicará em ruptura com o Classicismo.” *Ibidem*, p. 12.

de seus textos de crítica literária mais famosos, o prefácio de sua peça intitulada *Cromwell, Do Grotresco e do Sublime*¹⁷. A obra se tornaria o manifesto romântico da França, transformando o autor em um dos pais do romantismo francês.

Além de um grande escritor, Hugo também se aventurou na carreira política. Em sua juventude estava ligado ao partido dos ultrasmonarquistas e se declarava católico, escrevendo odes a então monarquia restaurada dos Bourbon¹⁸ (especificamente ao rei Luís XVIII). Vale ressaltar que Hugo chegou a receber uma pensão do então rei por conta de seu grande talento para as letras. Porém, como destaca a bibliografia sobre o autor, essas suas primeiras escolhas políticas e religiosas tinham um fundo muito mais familiar do que social. Seu pai, bonapartista, era extremamente autoritário entrando em choque com a família. Nessa explicação, Victor Hugo, junto de sua mãe, que já não era mais casada com seu pai, e de seus irmãos Abel e Eugene, utilizavam a então restaurada monarquia Bourbon para confrontar o patriarca¹⁹. O historiador Michel Winock, demonstra que a questão familiar seria apenas uma das razões para as escolhas políticas do jovem Victor Hugo. Um exemplo disto era a sua grande admiração por escritores como François-René Chateaubriand (1768-1848), que também pertencia ao partido dos ultramonarquistas²⁰ e era anti-bonapartista. Assim, Victor Hugo também indicava que suas escolhas políticas talvez passassem por outros caminhos naqueles anos. Winock, no seu livro *Victor Hugo na Arena Política*, argumenta que a juventude de Hugo foi marcada, além do apoio a monarquia restaurada, pela sua luta contra a pena de morte na França, sendo esta a primeira causa que defendeu publicamente. Um dos resultados de sua atuação nesta campanha foi seu romance-panfleto *O último dia de um condenado à morte* (1829), obra que mostra o engajamento do autor sobre o tema. O livro, que foi duramente atacado pela crítica, deu, por outro lado, importante visibilidade para o autor²¹. Exemplo disso é que décadas depois Victor

¹⁷ HUGO, Victor. *Do Grotresco e do Sublime*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2014, p.80

¹⁸ “As Odes, em que aborda ainda o gosto neoclássico com a ode, forma do antigo gênero grego que sempre cantou feitos políticos e guerreiros. Hugo, ainda monarquista, canta os feitos da Restauração, ou seja, da dinastia Bourbon.” MORETTO, Fulvia ML. Victor Hugo e o romantismo. Lettres Françaises, 2003, p. 15.

¹⁹ “A escolha política do primeiro Hugo, então, esteve estreitamente ligada ao drama familiar de que ele foi vítima, junto com o irmão Eugene.” WINOCK, Michel. *Victor Hugo na Arena Política*. Rio de Janeiro: Diffel, 2008, p.13.

²⁰ “Um mapeamento das configurações do campo literário, na França, entre 1830 e 1840, em sua relação com o campo político, identifica a constituição de grupos distintos de escritores e artistas, com tendências políticas conflitantes: ultramonarquistas ou legitimistas, opondo-se tanto aos liberais, a favor de uma monarquia constitucional de acordo com o modelo inglês, quanto aos republicanos, fiéis aos ideais revolucionários.” DE MELLO, Celina Maria Moreira. As revistas literárias no romantismo francês: a ilustração. Teresa, n. 12-13, 2013, p. 148-149.

²¹ “Hugo [...] continuou a lutar pela abolição. Em 1848, a República proclamou-a para crimes políticos. Mas enquanto ele viveu não conseguiu convencer os legisladores e nem a opinião pública”. WINOCK, Michel. *Victor Hugo na Arena Política*. Rio de Janeiro: Diffel, 2008, p. 26-27.

Hugo continuava a ser lembrado – se tornando uma referência obrigatória – pelas lutas contra a pena de morte.

Se na juventude chegou a flertar com monarquistas, ao longo de sua vida, Hugo vai se abrindo cada vez mais para o republicanismo. Primeiro, aproximou-se do bonapartismo que por tanto tempo recusou²², e depois se voltando contra a família Bourbon, que tentou trazer o absolutismo de volta ao país²³. Além disso, a Revolução de julho de 1830²⁴ também foi um ponto crucial para Hugo iniciar seu processo de abandono das ideias monarquistas. De forma geral, Hugo vai se aproximando lentamente dos ideais republicanos ao longo dos anos, e além disso, no fim de sua vida, também aderiu ao abolicionismo, sendo amigo próximo de grandes nomes do movimento na França, como Victor Schoelcher (1804-1893), que foi membro da Assembleia Nacional da França e um dos nomes por trás da lei que aboliu a escravidão nas colônias francesas. Trocou cartas com o jornalista, farmacêutico, escritor e abolicionista brasileiro José do Patrocínio (1853-1905), sendo uma delas publicadas no jornal deste jornalista, a *Gazeta da Tarde*²⁵. Por alguma razão, Winock não cita a participação de Hugo no movimento abolicionista neste trabalho, e só se refere ao romance *Bug-Jargal* uma vez para demonstrar quais foram as suas primeiras obras. É interessante perceber como essa faceta de Hugo é constantemente apagada por seus biógrafos, o que nos deixa mais intrigados a compreender qual era a história do autor com este movimento. Mas em resumo, Victor Hugo foi uma grande personalidade de sua época. Viveu quase todo o século XIX, e assim como a política francesa, que foi se alternando de regime em regime durante este século, o escritor também foi transformando suas opiniões e convicções sobre a monarquia, a república, as causas que defendia e etc. Mas o nosso foco aqui é compreender o jovem Victor Hugo e como se deu sua relação com a Revolução Haitiana.

²² “Em fevereiro de 1827, compôs a ode *À coluna da praça Vendôme*, ou seja, o monumento moldado no bronze fundido dos caminhões tomados dos inimigos em 1806. Era a marca de reconciliação com o pai, era a confissão da simpatia bonapartista, no momento em que a oposição liberal se apropriava da lenda napoleônica, contra a monarquia dos Borbon [...]” *Ibidem*, p. 17.

²³ “Tal qual Thierry, Tocqueville viu a Revolução de 1830, como a segunda edição, mais bem sucedida, de 1789, tornada necessária por conta da tentativa dos Bourbon de fazer retroceder o relógio para 1788”. *Ibidem*, p. 26.

²⁴ “Os Bourbon foram derrubados em Paris por uma típica combinação de crise do que se considerava a política da monarquia Restaurada e de intranquilidade popular devida à depressão econômica”. HOBBSAWM, Eric. *A Era das Revoluções 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 134-135.

²⁵ “O dia 25 de Março em Pariz”. *Gazeta da Tarde*, 18 de abril de 1884.

II. “Bug-Jargal” e a revolução escrava em São Domingos:

Fruto de uma aposta entre amigos, feita quando Hugo tinha apenas 16 anos²⁶, a história de *Bug-Jargal* surgiu pela primeira vez em 1820 como um conto de mesmo nome. A história foi publicada originalmente na revista que Victor Hugo e seu irmão Abel fundaram, a *Le Conservateur Littéraire*, periódico que era uma filial do jornal *Le Conservateur* e que ficou em atividade de 1819 a 1821. Foi apenas em 1826 que este conto, entretanto, foi transformado em um romance e então publicado pela editora Lachevardiere Fils.

O Romance conta a história do escravo e príncipe africano Pierrot/Bug-Jargal, do capitão francês Leopoldo de Auverney e sua esposa e prima Maria. Narrada a partir do ponto de vista de Leopoldo, a vida de Pierrot/Bug-Jargal surge como evento curioso que é contado aos soldados enquanto estes se encontravam na França e se preparavam para uma batalha contra a Inglaterra, durante a primeira república francesa em 1794. Leopoldo, nascido na França, relembra sua ida a São Domingos (Haiti) para se casar com sua prima, Maria. A dama, contudo, tinha um admirador secreto, que descobrimos ser escravo de seu pai, Pierrot, nome dado ao escravo Bug-Jargal, que também era um dos líderes dos escravos rebelados na revolução que estava prestes a explodir. No dia do casamento, 22 de agosto de 1791, estourava a revolta dos escravos de São Domingos, dando início ao que se transformaria na Revolução Haitiana. Na História, Leopoldo é impedido de consumir seu casamento com Maria por conta do início das revoltas escravas, e acreditava que ela havia sido raptada por Pierrot/Bug-Jargal. Motivado pelo ciúme e desespero o jovem se junta às forças coloniais para conter a revolta e salvar sua amada. Durante a jornada em busca de sua noiva, planejando vingança contra o escravo-príncipe, Leopoldo é capturado por outros escravos insurgentes, entre eles Biassou e o feiticeiro Habibrah, também conhecido como obi. Todo o romance parte das lembranças de Leopoldo sobre sua experiência em meio à rebelião e sobre a sua interação com os revolucionários.

Representado como uma testemunha ocular da revolução, a narrativa de Leopoldo evidenciava nas entrelinhas as tensões existentes entre escravos e livres, brancos, mestiços e negros, tensões estas que colocavam em xeque as hierarquias sociais da então ilha de São Domingos. As lideranças mestiças dos escravos rebeldes, Biassou e Habibrah, possuem um

²⁶“Whether true or not, there exists a well-known story, circulated in his wife’s *Victor Hugo raconté par un témoin de sa vie* (1863), that Victor was dining with his brothers and other friends toward the end of 1818 and the decision was made to write a “collective book. BONGIE, Chris. “Appendix A: Bug-Jargal (1820)”. In: Bug-Jargal. Toronto: Broadview editions, 2004, p.213.

papel de destaque no romance, pois antagonizam com Pierrot/Bug-Jargal na questão de como lidar com a população branca da ilha. O protagonista sempre se coloca em defesa dos senhores brancos, enquanto Biassou e Habribah buscam fazer com que estes sintam na pele as dores da escravidão²⁷.

Pano de fundo da saga amorosa de Leopoldo e sua prima Maria, a Revolução Haitiana pode ser considerada um dos grandes acontecimentos da história, pois demonstrou que a escravidão poderia ser combatida (e destruída) pela base da sociedade colonial: os escravizados africanos²⁸. A importância deste evento espalhou-se rapidamente pela Europa e pelo Atlântico escravista. Como rastilho de pólvora, deu concretude à ação dos muitos homens e mulheres escravizados nas plantations de cana-de-açúcar das Américas²⁹. A ilha de São Domingos foi uma das principais colônias escravistas da América, se tornando no final do século XVIII a maior produtora de açúcar do continente³⁰.

Colonizada pela França a partir de 1665, que até então era de posse da Espanha, a ilha produzia sua riqueza do suor dos escravizados africanos. Para que a produção continuasse lucrativa, a necessidade de mais escravos foi se tornando maior e, junto dela, a violência cometida contra esses foi se tornando cada vez mais brutal. Em seu livro *A Revolução do Haiti e o Brasil Escravista: o que não deve ser dito* Marco Morel enfatiza a situação de tensão que pairava sobre São Domingos momentos antes da ação revolucionária. Segundo o autor, a população escravizada da ilha chegou a ser estimada em aproximadamente 450 mil habitantes, enquanto a população branca e a de libertos (negros libertos e mestiços) juntas estavam próximas dos 100 mil. Esta grande diferença numérica já pode nos dar um indício das desigualdades que acometiam a ilha. Além disso, as fortes divisões de raça e de classe

²⁷ “Acredite Biassou, os brancos são menos cruéis do que nós. Vi muitos plantadores salvar a vida de seus escravos; é verdade que para a maior parte deles não se tratava de salvar uma vida de um homem, mas de uma certa quantidade de dinheiro, contudo seu interesse representava uma virtude. HUGO, Victor. Bug-Jargal: O Libertador Negro. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1954, p. 169.

²⁸ “Essa foi a única revolta de escravos bem sucedida da História, e as dificuldades que tiveram de superar colocam em evidência a magnitude dos interesses envolvidos.” JAMES, C.L.R. *Os Jacobinos Negros: Toussaint L’Ouverture e a revolução de São Domingos*. São Paulo, Boitempo, 2018, p.15

²⁹ Ver LINEBAUGH, Peter & REDIKER, Marcus. *A hidra de muitas cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

³⁰ “A Colonização Francesa nesta ínsula situada entre o mar do Caribe e o Oceano Atlântico, vizinha de Cuba, inicia-se em meados do século XVII: em 1665 foi nomeado pelo Ministro Colbert o primeiro administrador local, Bertrand d’Ogeron. Território que já fora controlado pelos espanhóis, e ainda cobiçado pelos ingleses. O cultivo de cana-de-açúcar e do café, intensificado nas décadas seguintes à posse francesa, baseava-se no conhecido tripé: agricultura de exportação através do trabalho de escravizados oriundos da África, embora houvesse significativa produção de subsistência. E no resplendor do século das Luzes, por volta de 1766, a Ilha de São Domingos tornara-se a mais próspera das possessões francesas, conhecida como A Pérola das Antilhas”. MOREL, Marco. *A Revolução do Haiti e o Brasil Escravista: o que não deve ser dito*. Jundiá: Paco Editorial, 2017, p. 82.

ambientadas em um forte contexto de violência institucional³¹ dessa sociedade aumentavam ainda mais o caldeirão de tensões sociais e não davam paz para nenhum proprietário de escravos, que tremiam só de pensar em uma revolta como a de São Domingos, mas nunca imaginaram que o seu pior pesadelo poderia se materializar na realidade. A questão é, o pesadelo dos senhores (e de qualquer pessoa que possuísse escravos, independentemente do número) se concretizou em agosto de 1791, quando os escravizados de São Domingos tomando poder na ilha decidiram atear fogo nas plantações e matar todos os brancos que se encontravam no caminho – e também qualquer um que se opusesse à libertação. O movimento que se iniciou como uma insurreição escrava, terminou com a independência de São Domingos, rebatizado como Haiti³² em 1804.

No livro *Os Jacobinos Negros*, uma das principais obras sobre a Revolução Haitiana, o autor C.R.L James também pontua a grande tensão racial que marcou São Domingos durante os anos de Revolução. Ele conclui que a política de extermínio da população branca por parte de Dessalines – que tomou o lugar de liderança de Toussaint após sua prisão, por Napoleão Bonaparte – foi algo que acabou marcando negativamente a história do Haiti. O último ano da revolução teve como destaque uma grande política de carnificina, que vinha tanto dos brancos, quanto dos negros de São Domingos. O autor comenta que por parte dos negros “aquela não era uma política e sim uma vingança, e a vingança não tem lugar na política. [...] esses massacres sem propósito degradam e brutalizam uma população [...]”³³. É interessante ver que James considera os massacres que ocorreram no fim da Revolução Haitiana como atos de vingança, pois isso também é algo que Victor Hugo acabou afirmando em *Bug-Jargal*. Através de seu narrador Leopoldo, Hugo descreveu o movimento dos negros como um ato de vingança contra os brancos e as barbaridades cometidas por eles durante os anos de escravidão, e dessa forma, intencionalmente ou não, também revelou como a escravidão era uma instituição extremamente violenta e mortífera, apesar de condenar apenas os atos dos escravizados rebeldes durante a Revolução. Em um trecho do romance, no momento que o anão Habibrah/obi se revela para Leopoldo e admite ter matado seu tio, ele declara que

Como foi breve a minha vingança, comparada com tão longo sofrimento! Quisera fazer teu tio sofrer todos os tormentos que

³¹ “Os escravos recebiam o chicote com mais regularidade e certeza do que recebiam a comida. Era o incentivo para o trabalho e o zelador da disciplina. JAMES, C.L.R. *Os Jacobinos Negros: Toussaint L’Ouverture e a revolução de São Domingos*. São Paulo, Boitempo, 2018, p.26.

³² “Em 31 de dezembro, a Declaração de Independência definitiva foi lida numa reunião com todos os oficiais em Gonaives. Para enfatizar a ruptura com os franceses o novo estado foi batizado de Haiti”. *Ibidem*, p.335.

³³ *Ibidem*, p. 338.

renasciam para mim todos os dias. Quisera que ele tivesse destilado antes de morrer, toda a amargura do orgulho ferido. Só assim ele sentiria abrirem-se em seu rosto, estes sulcos que há no meu, produzidos pela raiva, pela vergonha e pelo riso a que estive condenado.³⁴

Este trecho é um dos diversos momentos do romance em que podemos compreender que, se Hugo não reconhecia as motivações dos escravizados de São Domingos para iniciar a Revolução, de alguma maneira, ele conseguiu captar o sofrimento acometido pelos escravizados. Entretanto, a hipótese de que Hugo não considera legítima a luta dos escravos, ao ponto de minimizá-la a mera vingança é algo que demonstra que seus posicionamentos no momento da escrita do romance estavam longe de serem favoráveis aos haitianos, e saber que existiram diversas opiniões sobre a Revolução Haitiana durante os anos primeiros anos de formação do Haiti é importante para conseguir localizar onde Hugo se encontrava neste debate.

Marco Morel analisa em seu livro os posicionamentos dos abades franceses Raynal, Henry Gregoire e De Pradt sobre a Revolução Haitiana. Nesse cenário, Raynal e Gregoire demonstravam seus argumentos contra a escravidão, vendo a Revolução do Haiti como um evento positivo, que também sinalizava a força dos negros contra um sistema que os oprimia. Porém, De Pradt³⁵, segundo Morel, considerava os negros seres inferiores, mas também afirmava que a escravidão e o sistema colonial eram sistemas dialéticos, ou seja, trariam para si mesmos a própria destruição. Para ele, a Revolução Haitiana era um exemplo desta dialética, além de ser um exemplo de que os negros poderiam governar seu próprio Estado. Morel também destaca a questão do “modelo haitiano”³⁶, ou seja, a Revolução Haitiana representou para a época uma forma de destruição do sistema escravista e colonial, algo que deixou uma parte da sociedade apreensiva, pois esse modelo poderia ser seguido em outros lugares, ao mesmo tempo que representava o começo do fim da era escravagista. É neste cenário de posicionamentos múltiplos que Victor Hugo se encontra e acaba dando as suas cartas sobre o

³⁴ HUGO, Victor. Bug-Jargal. São Paulo: Editora Assunção Limitada, 1946, p.170.

³⁵ Com sua teoria das ‘três idades das colônias’, o abade De Pradt pregava a emancipação preparada em comum acordo entre os reinados europeus e seus territórios de outros continentes [...] utilizando-se de uma metáfora biológica para entender as relações históricas, o autor afirmava que as colônias, num processo de desenvolvimento semelhante ao dos seres humanos, teriam seu nascimento vinculado às mães-pátrias, em seguida, começariam a amadurecer, e, naturalmente, separar-se-iam dos pais, obtendo sua autonomia. Modelo independentista aliás, que acabaria em certa medida aplicado no Brasil de 1822”. MOREL, Marco. A Revolução do Haiti e Brasil escravista: O que não deve ser dito. Jundiaí: Editora Paco, 2017, p.150-151.

³⁶ “No sentido de um modelo político, isto é, de práticas políticas e sociais e referências culturais. Ora, na medida em que a Revolução do Haiti pode ser compreendida como a destruição quase simultânea de domínio colonial e senhorial, conduzida por setores oprimidos do ponto de vista étnico e social (sobretudo, mas não apenas, trabalhadores escravizados, pois se destacaram negros libertos e mulatos livres), gerando Independência e Abolição interligadas e efetivadas por meio violento de guerras e ruptura, tais características se diferenciam do que foi o processo brasileiro de independência e abolição”. *Ibidem*, p. 31.

evento. É interessante pontuar que Chris Bongie, tradutor da edição em inglês de 2004 de *Bug-Jargal*, nos apresenta em um dos apêndices da tradução, uma evidência de que Victor Hugo não era nem um pouco simpático ao abade Henry Gregoire, que foi um grande defensor dos escravizados e um importante nome do abolicionismo francês no fim do século XVII e início do século XIX. O abade também foi um dos membros da Sociedade Amiga dos Negros, associação antiescravista francesa que iniciou suas atividades no fim do século XVIII. Em um trecho, Bongie comenta que

O jovem Hugo, também, tinha muito desprezo por Grégoire, que encarnava para ele tudo que ele odiava na Revolução Francesa. Como Roger Toumson utilmente apontou, Hugo já havia mirado diretamente em Grégoire no seu poema de 1819 “Le Télégraphe”, onde faz referência a o papel proeminente do abade na abolição da monarquia e na execução de Luís XVI: “[...] Quando Grégoire ocupa uma cadeira vazia no Senado / eu o odeio por ser um liberal, tenho pena dele por ser um regicida; / E se ele chorou por seu crime, em vez de ter-se em tal estima, / Se ele se detestasse, sim, então eu poderia mantê-lo querido”.³⁷

Essa declarada antipatia de Hugo contra Henry Gregoire, um abolicionista e defensor da soberania haitiana, é mais uma prova de que, pelo menos em sua juventude, o autor não era favorável ao movimento, ou pelo menos, ao abolicionismo que Gregoire defendia. O que mais impressiona é o fato de que Hugo declara sua antipatia por Gregoire não por conta de seu abolicionismo, especificamente, mas por conta do seu papel durante a Revolução Francesa (1789 – 1804), acusando Gregoire de regicida. Novamente a questão da defesa da monarquia entra em cena, porém, ela nos apresenta a possibilidade de interpretar essa desavença de Hugo com Gregoire indo além da política francesa.

Além de Victor Hugo, outro importante intelectual do XIX olhou para a Revolução Haitiana, e enquanto o processo da Revolução ainda estava ocorrendo. Segundo Susan Buck-Morss no texto “Hegel e o Haiti” argumenta que o filósofo Georg Wilhelm Friedrich Hegel se inspirou na Revolução do Haiti para construir a dialética do senhor e do escravo na sua obra *Fenomenologia do Espírito*, de 1807. Obviamente o filósofo não cita a revolução haitiana como

³⁷ “The young Hugo, likewise, had a great deal of contempt for Grégoire, who embodied for him everything that he hated about the French Revolution. As Roger Toumson has usefully pointed out (19-20), Hugo had already taken direct aim at Grégoire in his 1819 poem “Le Télégraphe,” where he makes reference to the Abbé’s prominent role in the abolition of the monarchy and the execution of Louis XVI: “Quand Grégoire au Sénat vient remplir un banc vide, / Je le hais libéral, je le plains régicide, / Et s’il pleurerait son crime, au lieu de s’estimer, / S’il s’exécrait lui-même, oui, je pourrais l’aimer.” [“When Grégoire takes up an empty seat in the Senate / I hate him for being a liberal, I pity him for being a regicide; / And if he wept for his crime, instead of holding himself in such esteem, / If he loathed himself, yes, then I could hold him dear.”] BONGIE, Chris. “Appendix E: Historical and Cultural Sources”. In: *Bug-Jargal*. Broadview Press, 2004, p. 322. (Tradução nossa)

um exemplo em seu livro, porém, como comenta a autora, sua lógica para compreender a relação senhor x escravo era de,

[...] inaugurar, como a metáfora central de seu trabalho, não a escravidão oposta a algum estado mítico de natureza (como todos aqueles entre Hobbes e Rousseau haviam feito antes dele), mas escravos contra senhores, trazendo para dentro de seu texto a realidade presente, histórica, que o circundava como uma tinta invisível³⁸.

Segundo Buck-Morss, filósofos do iluminismo, como Jean-Jacques Rousseau³⁹, também pontuavam a importância da liberdade dos homens, da luta contra a tirania, e da civilização se sobressaindo à barbárie, mas em nenhum momento citaram as condições desumanas dos escravizados africanos nas colônias do Novo Mundo. Fica claro, portanto, que a Revolução Haitiana foi um evento catarse que transformou para sempre a imagem de inferioridade e submissão que foi construída dos escravizados africanos⁴⁰ e ao mesmo tempo, criou uma grande tensão nas outras sociedades coloniais do Atlântico que temiam que Revolução servisse de exemplo. Victor Hugo, sendo um homem de seu tempo, foi um desses artistas e intelectuais que olhou para a Revolução Haitiana e a interpretou de acordo com a sua realidade.

III. Bug-Jargal: leituras e interpretações do romance

Bug-Jargal foi o segundo romance escrito por Victor Hugo. Originalmente a história foi publicada como um conto e depois ampliado para a versão do romance. O conto que dá origem à história estava previsto para integrar uma coletânea que Hugo produziria com alguns amigos, mas o literato resolveu não publicar o material. O livro pensado pelo grupo se chamaria “Contos da Tenda”, no qual todas as histórias eram narradas nas tendas de batalha que os soldados ficavam descansando antes de entrar em combate. No prefácio da primeira edição da obra, Victor Hugo comenta que:

³⁸ BUCK-MORSS, Susan. “Hegel e o Haiti”. *Novos Estudos*, 90, julho 2011, p 144.

³⁹ “Rousseau referia-se aos seres humanos de todas as partes, mas omitia os africanos; falava dos groenlandeses transportados à Dinamarca que morriam de tristeza, mas não da tristeza dos africanos transportados às Índias, que resultava em suicídios, motins e fugas. Declarava a igualdade entre os homens e via a propriedade privada como a origem da desigualdade, mas jamais somava dois e dois para discutir a lucrativa escravidão francesa como algo central para as discussões tanto sobre a igualdade como sobre a propriedade.” *Ibidem*, p 137.

⁴⁰ Ver SILVA, Amanda Bastos da. *A Revolução de São Domingos e os embates entre forças abolicionistas e escravistas no longo século XIX: as contribuições de Marcus Rainsford e Jean-Louis Dubroca*, Ano de Obtenção 2019.

O autor supõe que, durante as guerras da revolução, vários oficiais franceses concordam entre si em ocupar cada um a seu tempo a duração das noites de acampamento, pelo relato de algumas de suas aventuras. O episódio aqui publicado fez parte desta série de narrações, dela pode ser destacado sem inconvenientes; e, além disso, a obra da qual deveria fazer parte não está concluída, nunca será e não vale o trabalho de ser.⁴¹

Segundo Chris Bongie, as duas versões da história de Hugo possuem algumas diferenças significativas entre si, mas talvez as principais sejam que “[...] em ‘Bug-Jargal’, o conto é narrado durante o período das Guerras napoleônicas, por volta de 1806, enquanto no romance é contado no auge do Terror em 1794”⁴². Além disso, no conto, o nome do narrador é Delmar e não Leopoldo, como no romance. Na versão original da história, a personagem Maria não aparece, tirando um pouco do foco da trama amorosa interrompida pela revolução. No entanto, talvez a principal diferença entre as duas obras seja a participação de personagens mestiços na história, já que no romance, ao contrário do que acontece no conto, eles são essenciais para o desenvolvimento da trama. Segundo Bongie, ao adicionar os personagens mestiços, Hugo talvez pretendesse demonstrar seu desconforto com a existência dessa "classe", fruto de relações interracialis como com a vitória revolucionária do Haiti sobre a França⁴³. O amor não correspondido de Pierrot/Bug-Jargal pela moça e a sugestão de que o escravo poderia tirar sua virgindade, demonstra para Bongie novamente o sentimento anti-mestiçagem de Hugo. Em um trecho do romance, podemos perceber essa sugestão quando Leopoldo descobre o suposto sequestro de Maria por Pierrot/Bug-Jargal:

O encadeamento doloroso de minhas ideias, trazia-me Pierrot diante de mim, e então a raiva me deixava possesso. Parecia que as artérias de minha fronte iam rebentar. Eu me odiava e me maldizia e me desprezava por haver unido por um instante, a amizade de Pierrot e o amor de Maria, sem procurar explicar-me e motivo que o levou a se atirar às águas do Rio Grande. Chorava desesperado por não havê-lo matado. Mas ele estava morto e eu ia morrer. O que me afligia, era não ter satisfeito minha vingança.⁴⁴

⁴¹ “L’auteur suppose que, pendant les guerres de la Révolution, plusieurs officiers français s’étaient entendus entre eux pour passer la durée des nuits de camp, chacun à son tour, en racontant quelques-unes de leurs aventures. L’épisode publié ici faisait partie de cette série de narrations, il peut en être détaché sans inconvénient ; et, de plus, l’ouvrage dont il devrait faire partie n’est pas fini, ne le sera jamais, et ne vaut pas la peine d’être.” HUGO, Victor. *Bug-Jargal*. Paris: Lachevardierre Fils, 1826, p.2. (tradução nossa)

⁴² “[...]”(in “Bug-Jargal,” the tale is narrated during the Napoleonic Wars, sometime around 1806, whereas in the novel it is recounted at the height of the Terror in 1794). BONGIE, Chris. “Appendix A: Bug-Jargal (1820)”. In: *Bug-Jargal*. Toronto: Broadview editions, 2004, p.214. (tradução nossa)

⁴³ “In the passage from short story to novel, Hugo settles upon the figure of the mulatto as the embodiment not merely of a desire, inter-racial or otherwise, with which he is profoundly uncomfortable, but of a revolutionary modernity that he would like to expunge from the historical record.” *Ibidem*, p.215.

⁴⁴ HUGO, Victor. *Bug-Jargal*. São Paulo: Editora Assunção Limitada, 1946, p. 121.

Bongie também destaca que, diferente do conto, Victor Hugo passa a utilizar fontes históricas no romance, insistentemente apontadas ao leitor em notas de rodapé. Segundo o autor Hugo era um grande leitor e admirador do escritor escocês Walter Scott (1771-1832), considerado criador da ficção histórica. Segundo sua análise “Hugo já havia publicado breves resenhas de dois romances de Scott (*The Bride de Lammermoor, Ivanhoe*) no *Conservateur littéraire*, e ele retornou ao tópico de Scott em 1823, recém-saído da experiência de ter publicado seu primeiro romance, *Han da Islândia*”⁴⁵. Na crítica do romance *Quentin Durward*, de Walter Scott, ao elogiar o autor, Victor Hugo comenta,

[...] ao contrário de certos romancistas ignorantes, não força personagens de outros tempos a aplicar o mesmo pó e tinta, o mesmo verniz que usaríamos hoje, mas quem em vez disso, como um conselheiro sábio e hábil que encoraja os filhos ingratos a retornar a seus pais, obriga os leitores contemporâneos através de seu poder mágico de reinvestir-se, pelo menos por algumas horas, com o espírito de tempos antigos (o que é um objeto de desdém nos dias de hoje).⁴⁶

O escritor, portanto, seguia uma importante referência ao escolher recontar um evento histórico como a Revolução Haitiana. Julien J. Lafontant, no seu artigo “A Tribute to Victor Hugo’s ‘Bug-Jargal’”, também reconhece a herança de Walter Scott na obra de Victor Hugo e reivindica o lugar do romance de Hugo dentro do gênero de ficção histórica. Lafontant também afirma que a obra de Hugo é um ótimo exemplo de romance histórico pois faz questão de retratar com fidelidade o local em que o romance se passa (São Domingos/Haiti), descrevendo a organização militar tanto dos negros quanto dos brancos, colocando na narrativa a tensão racial que foi um dos motivos para o início da Revolução. Além disso, o autor também comenta a participação de personagens que foram parte do evento da Revolução Haitiana no romance de Victor Hugo. Entre os exemplos dados por Lafontant temos Boukman e Toussaint que tem

⁴⁵ “Hugo had already published brief reviews of two other Scott novels (*The Bride of Lammermoor, Ivanhoe*) in the *Conservateur littéraire*, and he returned to the topic of Scott in 1823, fresh from the experience of having published his first novel, *Han of Iceland*.” BONGIE, Chris. “Appendix C: Politics and Poetics”. In: *Bug-Jargal*. Toronto: Broadview editions, 2004, p.255. (Tradução nossa)

⁴⁶ “[...] who, unlike certain ignorant novelists, does not force characters from times gone by to apply the same powder and paint, the same varnish, as we would use today, but who instead, like a wise and adroit counsellor encouraging ungrateful sons to return to their fathers, obliges contemporary readers through his magical power to reinvest themselves, at least for a few hours, with the spirit of olden times (which is such an object of disdain these days)”. Op.cit. BONGIE, Chris. *Ibidem*, p. 256. (Tradução nossa).

algumas de suas características relacionadas a vida pessoal emprestadas para Pierrot/Bug-Jargal⁴⁷.

É importante pontuarmos que Victor Hugo não foi o primeiro a escrever um romance sobre a Revolução Haitiana. Em seu estudo, Bongie cita romances como *Adonis* (1798) e *Zoflora* (1800), do escritor francês Jean-Baptiste Piquenard (1771-1826), que também se passam no começo da Revolução Haitiana. Além de Piquenard, Bongie também cita os romances *Paulo e Virgínia* (1788), de Bernardin Saint-Pierre (1737-1814), *Atala* (1801), de François-René Chateaubriand (1768 -1848), que segundo o autor podem ser importantes inspirações para a atmosfera exótica de *Bug-Jargal*⁴⁸. *Oroonoko* (1688) de Aphra Behn (1640 – 1689) também é uma possível influência segundo o autor⁴⁹. Apesar dessas obras, Bongie comenta que os romances de Piquenard são os que mais podem ter influenciado Hugo, pois são uma transição entre os romances de cunho negrófilo⁵⁰ do fim do século XVIII, que representavam a nobreza dos ditos “selvagens” – negros – para uma literatura que passou a retratar a negritude de forma ainda mais racista, que segundo ele ocorreu após a Revolução Haitiana. Esse argumento pode ser compreendido no seguinte trecho:

Como observa Régis Antoine, *Adonis* foi escrito em uma época que viu “uma inegável erosão da sensibilidade negrófila”, que foi muito exacerbada pelos eventos nas colônias, e o retrato de Piquenard do “repugnante” Biassou atesta amplamente essa erosão, mesmo enquanto tenta corajosamente manter uma crença iluminista em certos valores “universais” – notadamente, “a preciosa semente de sensibilidade que a natureza colocou em todos os corações”, uma humanidade comum compartilhada por brancos e negros.⁵¹

⁴⁷“As we can see in his preface of 1826 to *Bug-Jargal*, he had done his best to get more information about local color and historical truth from many persons who, in one way or another, had had something to do with Saint-Domingue and the revolt that took place there. Hugo wanted to make his second version of *Bug-Jargal* a more serious work closer to the models established by Sir Walter Scott.” LAFONTANT, Julien J. A tribute to Victor Hugo’s “*Bug-Jargal*”. *Rocky Mountain Review of Language and Literature*, Vol. 32, No. 4 (Autumn, 1978), p. 208.

⁴⁸ “[...]the exotic dimension of *Bug-Jargal* owes a tremendous debt to Bernardin de Saint Pierre’s *Paul et Virginie* (1788) and the New World narratives of Chateaubriand, such as *Atala* (1801); BONGIE, Chris. “Appendix F: Literary Sources”. In: *Bug-Jargal*. Toronto: Broadview editions, 2004, p. 325.

⁴⁹ “[...] em seu retrato do nobre negro, *Bug-Jargal*, Hugo se baseia em uma longa tradição de literatura negrófila, de *Oroonoko* de Aphra Behn (1688; traduzido para Francês 1745) à *Le Nègre comme il y a peu de blancs* de Joseph Lavallée (1789), embora seja difícil ir além dos argumentos sobre semelhanças familiares entre *Bug-Jargal* e qualquer um desses textos para evidência de instâncias de influência e apropriação; e, finalmente, como com o seu anterior *Han da Islândia*, os romances góticos e frenéticos em voga na época certamente teve impacto nos elementos mais melodramáticos da trama de Hugo. *Ibidem*, p. 325. (tradução nossa)

⁵⁰ O termo, no início do século XIX, era usado para identificar aqueles que tinham simpatia pelos negros e apoiavam, em algum grau, a abolição da escravidão.

⁵¹ As Régis Antoine notes, *Adonis* was written at a time that saw “an undeniable erosion of the negrophilic sensibility,” which was greatly exacerbated by events in the colonies, and Piquenard’s portrait of the “loathsome” Biassou amply testifies to this erosion, even as it valiantly attempts to retain an Enlightenment belief in certain “universal” values—notably, “the precious seed of sensibility that nature has placed in all hearts,” a common

Concordamos com Bongie nesta afirmação, pois o único personagem negro/mestiço do romance de Hugo que é colocado (quase) no mesmo patamar de civilidade dos brancos é o próprio Pierrot/Bug-Jargal. É interessante pontuarmos, inclusive, que são os personagens mestiços os mais vilanizados em todo romance. Pierrot/Bug-Jargal, revela possuir uma origem real na África e ter se tornado escravo nas Américas após seu pai ter sido enganado por traficantes espanhóis. Este fator faz com que ele seja o único personagem escravizado a ter a empatia do narrador da história, e conseqüentemente, do leitor. Em um trecho do romance ele é descrito por Leopoldo da seguinte forma:

O caráter de Bug-Jargal, pelo o que se dizia, contrastava enormemente com a ferocidade dos demais chefes. Enquanto Buckmann e Biasson inventavam mil meios de tortura para os prisioneiros, Bug-Jargal ajudava-os a abandonar a ilha. Os primeiros pactuavam antecipadamente com as lanchas espanholas que cruzavam a costa, vendendo com a condição de serem pagos antecipadamente, os despojos dos desgraçados que eram obrigados a fugir. Bug-Jargal pôs a pique vários destes navios corsários.⁵²

O fato de Pierrot/Bug-Jargal também salvar a esposa de Leopoldo da morte pelos escravos insurgentes – ação que o narrador interpretou como um rapto no início do romance – e escondê-la (junto de seu irmão pequeno e sua ama) em uma gruta no meio da floresta, reforça ainda mais o espírito bondoso do personagem. Ainda que ele fosse líder de uma grande revolta escravista, se preocupava, contudo, com a integridade da família senhorial. Em contrapartida, os personagens de Biassou - que é baseado em George Biassou⁵³, um dos primeiros líderes da Revolução Haitiana - e o fictício Habibrah/obi, são os principais antagonistas do romance e, curiosamente ou não, são caracterizados como mestiços/mulatos. Estes personagens também são caracterizados como selvagens sem capacidade para liderar, promíscuos, supersticiosos, charlatões, influenciáveis e falsos cristãos. Habibrah, em específico, além de mestiço, também

humanity shared by whites and blacks alike. BONGIE, Chris. "Appendix F: Literary Sources". In: Bug-Jargal. Toronto: Broadview editions, 2004, p. 326. (Tradução nossa).

⁵² HUGO, Victor. Bug-Jargal. São Paulo: Editora Assunção Limitada, 1946, p.57.

⁵³ "Georges Biassou, nascido escravo, foi um dos participantes da cerimônia do Bosque Caiman, evento mítico e histórico ocorrido nas florestas do Norte da ilha e que marcou simbolicamente o início da Revolução do Haiti. Os grupos armados sob seu comando compunham-se de etnias africanas diferentes e, em geral, hostis entre si, mas que se uniam nos momentos de combate, época de acentuada violência, marcada por torturas e extermínios de todos os lados, quando grande parte das fazendas foi destruída, milhares de escravizados mortos e a maior parte da população branca exterminada. Afirmando-se monarquista, Biassou se autointitulou Marechal e Vice-Rei da colônia ao saber da morte de Louis XVI na guilhotina em 1792." MOREL, Marcos. A Revolução do Haiti e o Brasil Escravista: o que não deve ser dito. Jundiá: Paco Editorial, 2017, p.60.

possui uma deficiência que o deixa com nanismo, sendo este o motivo do tio de Leopoldo ter feito o escravo de seu bobo da corte particular⁵⁴. Ele também é o feiticeiro (obi) da tropa de soldados de Biassou, e no romance, utiliza seu poder (que é mais descrito como charlatanismo) para manipular os escravos insurgentes⁵⁵.

A questão da raça no romance de Hugo foi tema central do estudo desenvolvido por Alberto Oliveira Pinto, em especial seu no artigo intitulado “Bug-Jargal de Victor Hugo: As representações culturais e somáticas dos escravos de São Domingos como legitimação da negrofilia e do abolicionismo”. Seu problema central consiste em desvendar dentro da trama de *Bug-Jargal* aspectos da ideologia pós-colonialista do século XIX, que afirmava que os povos não brancos eram selvagens, incapazes de construir um Estado-nação – aos moldes do que o pensamento eurocêntrico considerava um Estado-nação – e portanto, povos que deveriam ser colonizados para sair do seu estado de barbárie. O autor apresenta as teorias racistas de um colono de São Domingos chamado Moreau de Saint-Mery (1750-1819), que foram utilizadas por Victor Hugo para a compor seus personagens mestiços. Em um trecho do artigo, o autor argumenta,

Os mestiços, divididos pelos teóricos coloniais por 9 estratos somáticos, quando viviam na condição de escravos, o que era o caso da maioria, eram considerados “negros”, embora sobre eles incidisse a designação “população de cor”. Victor Hugo classifica-os apoiando-se, conforme o explica numa nota de rodapé, na hierarquização epidérmica referente à mestiçagem teorizada pelo seu ainda contemporâneo Moreau de Saint-Méry[...]⁵⁶

Segundo Oliveira Pinto, o uso dessas classificações raciais e a forma como Hugo caracteriza os personagens mestiços seriam indícios de que o escritor não simpatizava com os revolucionários de São Domingos. Além disso, em seu artigo, Oliveira Pinto destaca o fato de Victor Hugo mostrar no romance que ele estava absolutamente atento às primeiras teorias raciais de sua época⁵⁷. O fato de o autor apenas referir-se aos eventos do Haiti como

⁵⁴ “Entre todos os escravos, só um soube granjear a simpatia de meu tio. Era um anão espanhol, cor de jambo, presente de Effingham, governador da Jamaica.” HUGO, Victor. *Bug-Jargal*. São Paulo: Editora Assunção Limitada, 1946, p.15.

⁵⁵ “Compreenderão, isso era tão irrisório como o culto onde se proclamava ministro; e é provável, o escasso número de curas feitas por casualidade não lhe desse a confiança dos negros, se ao mesmo tempo que ás drogas e o charlatanismo, ele não misturasse um pouco de sugestão na imaginação de todos.” *Ibidem*, p.83.

⁵⁶ PINTO, Alberto Oliveira, “Bug-Jargal de Victor Hugo: As representações culturais e somáticas dos escravos de São Domingos como legitimação da negrofilia e do abolicionismo”, Lisboa: 5th European Conference on African Studies, 2014, p.1670.

⁵⁷ “Bug-Jargal, o príncipe da negrofilia, tem como antítese um griffe, ou seja, um indivíduo que se integra na categoria que se segue ao sacatra, de entre as 9 em que Moreau de Saint-Méry dividiu os mestiços das Antilhas e

revolta/insurreição de São Domingos, também é algo a se pontuar, pois, aparentemente, ele se recusou a aceitar o status de nação independente que a então colônia francesa havia adquirido em 1804, vinte e dois anos antes da publicação de seu romance *Bug-Jargal*. Esse é, inclusive, um dos argumentos de Irene Stone, no artigo “Remembering the Haitian Revolution Through French Texts: Victor Hugo's Bug-Jargal and Alphonse de Lamartine's Toussaint Louverture”. A autora parte do princípio de que, após a Revolução Francesa, surgiram duas França, a pré-revolucionária medieval e católica, na qual a religião era a principal instituição, e a França pós-revolucionária republicana, sendo a razão e o progresso da Nação as principais forças que deveriam guiar o país⁵⁸.

Segundo Stone, o romance *Bug-Jargal* (1826) e a peça *Toussaint L'Ouverture* (1830), de Alphonse de Lamartine são obras que colocam essas duas “Franças” em conflito, tendo em comum a colônia de São Domingos como pano de fundo. Stone argumenta que *Bug-Jargal* é uma alegoria ao passado medieval e cristão da França, sendo o personagem principal uma representação de Jesus Cristo. A autora enfatiza o fato de o livro ter sido escrito durante a restauração da monarquia na França, momento da história francesa em que a dinastia dos Bourbon volta ao poder após a deposição durante a Revolução Francesa, porém tendo um poder limitado⁵⁹.

Segundo Stone, São Domingos e a sua transformação em Haiti são uma parte importante deste processo de transformação da França em uma nação laica e que prezava pelo racionalismo e pelo progresso. Isso porque, a partir da perda da sua colônia mais lucrativa, o país teria partido para outros lugares afim explorar outros povos, mas não mais em nome da religião católica, como até então fizera, mas em nome da civilização dos “povos bárbaros” de continentes como a África e a Ásia. A autora conclui, portanto, que é preciso reconhecer o papel do Haiti nesse processo histórico, uma vez que é constantemente apagado dos livros franceses⁶⁰.

que, segundo a sua teoria, consiste no resultado de cinco combinações, podendo ter entre vinte e quatro e trinta e duas partes brancas e noventa e três ou cento e quatro negras.” *Ibidem*, p. 1690.

⁵⁸ “Since the Revolution, the New France no longer believed it was a nation that God had destined to become the most cultured and cultivated in the world; it was simply this because it was. God was no longer the reason; and it was a powerful nation, under a powerful leader.” STONE, Irene Joyce Kim. "Remembering the Haitian Revolution Through French Texts: Victor Hugo's Bug-Jargal and Alphonse de Lamartine's Toussaint Louverture" 2013. Brigham Young University, p. 19.

⁵⁹ “a Restauração dos Bourbon não restaurou o velho regime, ou melhor, quando Carlos X tentou fazê-lo, foi deposto. A sociedade do período da restauração foi a dos capitalistas e carreiristas de Balzac, do Julien Sorel de Stendhal e não a dos duques emigrantes que retornaram.” HOBBSAWM, Eric. A Era das Revoluções 1789-1848. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 204.

⁶⁰ “These are of course the founding principles of the mission civilisatrice, a term originating 19th from the late century when France started to colonize West Africa, Algeria, and Indochina. Justified by principles of spreading “civilization” to native peoples around the world, the French started this tradition long before the phrase was

Léon-François Hoffmann, estudioso francês da literatura francesa e caribenha, também contribui com os estudos sobre o romance. Em seu artigo “L'idéologie de Bug-Jargal”, o autor demonstra que a forma como Victor Hugo retrata a escravidão, pelo olhar dos brancos (Leopoldo, seu tio e Maria), é feito de forma que esses brancos tem sua parcela de culpa quase anulada. Segundo Hoffmann, Victor Hugo utiliza os escravizados de origem mestiça (Habibrah e Biassou) para serem os representantes dos males da escravidão, enquanto os brancos são colocados como as vítimas dos supostos “massacres” feitos contra eles pelos negros escravizados rebeldes. A forma com que estes brancos entram em contato com o mundo escravo, antes da revolta estourar, é algo que segundo Hoffmann está muito mais ligado a um sentimento de caridade e compaixão do que por um sentimento de que eles de fato mereciam ser libertos. Hoffmann afirma que o tio de Leopoldo é caracterizado como uma exceção (quando na realidade era a regra) dentro do mundo escravo por ser muito rígido e violento, e ainda assim, essa rigidez se explica através da suposta influência que seu escravo/bobo da corte, Habibrah exercia sobre ele, fazendo com que o senhor fosse cada vez mais severo com seus servos. Em um trecho, o autor afirma que:

Quando os negros não estão associados à destruição, massacre e crueldade, são retratados numa atitude submissa; perante o colonizador e o seu chicote, claro, mas também perante os seus chefes, perante o obi cujo poder temem, perante Bug-Jargal, a quem adoram como um deus vivo. Por um sim ou um não, prostram-se e batem na terra com a testa, caem de joelhos, curvam-se três vezes, curvam-se ao chão, curvam-se humildemente, caem em adoração, curvam-se profundamente, curvam-se três vezes, etc. Mesmo Bug-Jargal impressiona a mulher que ele ama com a sua submissão ... talvez porque ela é branca: 'Ele foi tão humilde comigo, tão respeitoso, mais do que quando era nosso escravo', comenta Maria. E Bug-Jargal assegura a d'Auverney a sua fidelidade canina: 'Eu sou Rask para ti' diz ele à sua rival”.⁶¹

Esse caráter submisso do personagem-título com relação aos brancos é algo que Hoffmann inclusive compara com as atitudes rebeldes dos mestiços Biassou e Habibrah/obi.

born.” STONE, Irene Joyce Kim, "Remembering the Haitian Revolution Through French Texts: Victor Hugo's Bug-Jargal and Alphonse de Lamartine's Toussaint Louverture". Brigham Young University, 2013, p.26.

⁶¹ “Lorsque les noirs ne sont pas associés à la destruction, au massacre, à la cruauté, c'est dans une attitude de soumission qu'ils sont dépeints; devant le colon et son fouet, certes, mais aussi devant leurs chefs, devant l'obi dont ils craignent le pouvoir, devant Bug-Jargal, qu'ils vénèrent comme un dieu vivant. Pour un oui ou pour un non, ils se prosternent et battent la terre de leurs fronts, ils tombent à genoux, ils s'inclinent trois fois, ils s'inclinent jusqu'à terre, ils s'inclinent humblement, ils tombent en adoration, ils saluent profondément, ils saluent trois fois etc.... Même Bug-Jargal, impressionne la femme qu'il aime par sa soumission ...peut-être parce qu'elle est blanche: "Il était avec moi si humble, si respectueux, plus que lorsqu'il était notre esclave", (194) remarque Marie. Et Bug-Jargal assure d'Auverney de sa fidélité canine: "Je suis Rask pour toi" (178) affirme-t-il à son rival.” HOFFMANN, Léon-François. L'idéologie de Bug-Jargal. J.-M. Tremblay, 1989, p.13. (Tradução nossa)

Para Hoffmann, Pierrot/Bug-Jargal é o exemplo perfeito do negro submisso aos brancos e que não possui nenhum aspecto de fato revolucionário, no quesito de buscar a liberdade para o seu povo. O próprio só vira líder do movimento para conseguir salvar seus filhos e sua esposa (vale lembrar de origem real africana) que viviam em outra plantação, mas acabaram mortos. É tão gentil com os brancos que chega ao ponto de salvar Maria e o resto de sua família da fúria dos escravizados rebeldes, e ao mesmo tempo condena a violência que os negros utilizaram durante o começo da revolta contra os brancos. Em contrapartida, os antagonistas do romance, diferentemente de Pierrot/Bug-Jargal, são personagens que estão de fato alinhados com a revolução e com a liberdade de seu povo, segundo Hoffmann. Algo que o autor também considera, é que por mais que Hugo busque a todo custo dar a estes personagens tons maléficos, animalizados e cruéis, a forma como estes agem demonstram mais a crueldade e a violência exacerbada da escravidão e como ela foi um importante motor para que a Revolução Haitiana acontecesse. Segundo o autor,

[...] ao contrário de Bug-Jargal, tanto Biassou como Habibrah eram líderes políticos, o primeiro na medida em que estendeu a sua luta a todos os negros oprimidos do Novo Mundo, o segundo na medida em que escolheu como tática a "dialética do pior", ou seja, empurrar o seu mestre para a crueldade a fim de incitar os escravos à revolta. Vimos d'Auverney e Maria praticarem a caridade. Em última análise, é a justiça que Habibrah persegue⁶².

Portanto, concordamos com a afirmação do autor onde o mesmo defende que é possível compreender que mesmo buscando colocar os rebeldes de São Domingos como os vilões da história – de uma forma que beira o maniqueísmo – Victor Hugo, através de seus personagens mestiços, aponta diversos aspectos da vida escrava de São Domingos que justificam a possibilidade de uma revolta⁶³. Portanto, segundo Hoffmann, Hugo, através de seu narrador Leopoldo, define a Revolução Haitiana como um acontecimento heteróclito, ou seja, algo irregular e fora das regras⁶⁴.

⁶² “[...] contrairement à Bug-Jargal, tant Biassou que Habibrah sont des têtes politiques, le premier dans la mesure où il élargit son combat à celui de tous les noirs opprimés du Nouveau Monde, le deuxième dans la mesure où il a choisi comme tactique la "dialectique du pire", c'est-à-dire pousser son maître à la cruauté, afin de pousser les esclaves à la révolte. Nous avons vu d'Auverney et Marie pratiquer la charité. C'est en fin de compte la justice que poursuit Habibrah”. HOFFMANN. Léon-François. L'idéologie de Bug-Jargal. J.-M. Tremblay, 1989, p.18. (Tradução nossa).

⁶³ “Biassou prêche l'union non seulement des noirs créoles et congos, mais aussi des mulâtres et des noirs. Son analyse est parfaitement exacte: l'opresseur s'ingénie à créer des dissensions chez ceux qu'il opprime, et ce n'est que lorsque les opprimés prennent conscience de leur commune condition et s'unissent qu'ils ont une chance de se libérer. C'est ce qui s'est passé em Haïti.” *Ibidem*, p.18.

⁶⁴ “Ainsi le théorème: ce qui est placé sous le signe de l'hétéroclite est condamnable, la révolte des nègres est placée sous le signe de l'hétéroclite donc la révolte des nègres est condamnable.” *Ibidem*, p.14.

Portanto, segundo a bibliografia especializada no romance, Victor Hugo estava ligado, aparentemente, a uma espécie de ressentimento francês com relação a perda de São Domingos. Porém, no prefácio da edição de 1826, Hugo comenta que no momento em que publicou o conto que deu origem ao romance, em 1820, “[...] política da época se preocupava muito pouco com o Haiti, é óbvio que o assunto de que trata desde então assumiu um novo grau de interesse, não é culpa do autor, são os eventos que foram arranjados para o livro, e não o livro para os eventos”⁶⁵.

Um fato importante que não é citado pela bibliografia, é que a França só reconheceu a independência do Haiti em 1825, curiosamente um ano após a publicação do romance. Não podemos afirmar com certeza que Hugo se sentiu mais à vontade para publicar o romance apenas por conta desse novo status da antiga colônia, mas a afirmação do autor de que a França não se preocupava com o Haiti no começo dos anos 1820 é no mínimo contraditória, haja vista que, em 1816 o jornal *Correio Brasiliense* publicou, por exemplo, duas correspondências do então monarca francês Luís XVIII com o então presidente do Haiti, Alexandre Pétiön:

[...] o *Correio* publica dois textos do monarca europeu: um propondo o fim do tráfico de trabalhadores escravizados nas colônias francesas; e outro em que propõe um tipo de acordo no qual o Haiti voltaria a ser subordinado à França, mas com um grau de autonomia, preservando-se, a princípio, as autoridades constituídas e transformando o presidente da República em Governador Geral, mantendo-se a abolição da escravidão e impedindo o retorno de antigos proprietários. Ao fim do texto, o jornal publica a resposta do presidente haitiano: “O Povo do Hayti deseja ser livre e independente. Eu também o desejo. Eles o serão. Eles não precisam de apoio estrangeiro: as suas mesmas forças protegerão a sua liberdade”.⁶⁶

O que podemos concluir dessas afirmações é que, provavelmente, Hugo não era tão ligado às movimentações do governo francês com relação ao Haiti a ponto de compreender todas as nuances dos acordos feitos entre os dois países. O autor Alberto de Oliveira Pinto também expõe uma confusão de Hugo ao citar em seu romance o Clube Massic⁶⁷, fundado por

⁶⁵ “Il est évident que le sujet dont on traite depuis ce temps n'a pas grand chose à voir avec Haïti, il est évident que le sujet dont on traite depuis ce temps, on ne connaît pas un nouveau livre pour le degré d'intérêt de l'auteur, sont les événements qui ont été rendus publics pour la politique d'intérêt de l'auteur.” (tradução nossa) HUGO, Victor. *Bug-Jargal*. Paris: Lachevardierre Fils, 1826, p.2.

⁶⁶ MOREL, Marco. A Revolução do Haiti e o Brasil escravista: o que não deve ser dito. Jundiaí: Editora Paco, 2017. p.229.

⁶⁷ “Demonstra-o o jovem Victor Hugo ao confundir estas duas entidades numa nota de rodapé de Bug-Jargal, na qual afirma erroneamente ter sido o Clube Massic uma “associação de negrófilos” (HUGO, 1977, p. 37, nota a), quando na realidade fora uma congregação de plantadores coloniais, muitos dos quais “crioulos”, como M. Moreau de Saint-Méry, que procurava defender os seus interesses precisamente contra os negrófilos.” PINTO, Alberto Oliveira, “Bug-Jargal de Victor Hugo: As representações culturais e somáticas dos escravos de São

Moreau de Saint-Mery – um clube de senhores de escravos contra o abolicionismo – e que foi introduzido por Hugo no romance como uma associação negrófila – ou seja, que simpatizava com a causa dos negros, como a Sociedade Amiga dos Negros⁶⁸. Talvez Hugo não estivesse totalmente atento às informações que utilizou para escrever o romance, ou como sugere Oliveira Pinto: “Em 1818, em plena Monarquia Constitucional, a Societé des Amis des Noirs e o Clube do Hotel Massic parecem ter-se apagado da memória dos franceses, pelo menos daqueles já nascidos no século XIX”⁶⁹. Esse desencontro de informações pode indicar que, por mais que seguisse, na época, a escola de Walter Scott, Victor Hugo demonstrou não ter total conhecimento dos eventos históricos do Haiti, fato que inclusive as críticas contemporâneas da obra pontuaram⁷⁰.

Ao analisar estes trabalhos sobre o romance temos uma pergunta da qual ainda não encontramos uma devida resposta: Victor Hugo reconheceu a luta dos escravizados de São Domingos/Haiti como algo legítimo? Autores como Bongie e Hoffmann nos apresentam com clareza que Hugo certamente não era favorável a Revolução, e é bom lembrar que o autor em nenhum momento denomina os eventos do Haiti como uma Revolução de fato, ou seja, uma transformação significativa nas principais estruturas de uma sociedade. Portanto, como ele compreende este movimento? Que papel dá aos escravizados e aos brancos da colônia? O esclarecimento que Stone aponta sobre o ressentimento francês com relação a perda de São Domingos nos dá mais algumas pistas. Mas a forma como ele transmite isso para a escrita do romance deve ser analisada de forma mais minuciosa.

IV. A escravidão e a revolta dos escravos sob o olhar de Victor Hugo:

O romance se inicia com o Capitão Leopoldo d’Auverney sendo intimado por seus soldados a contar algumas de suas aventuras, pois, como comenta um de seus homens “O

Domingos como legitimação da negrofilia e do abolicionismo”, Lisboa: 5th European Conference on African Studies, 2014, p.1672.

⁶⁸ Ver DE SAES, Laurent Azevedo Marques. a sociedade dos amigos dos negros: o antiescravismo na revolução francesa. História Econômica & História de Empresas, v. 16, n. 2, 2013.

⁶⁹ PINTO, Alberto Oliveira, “Bug-Jargal de Victor Hugo: As representações culturais e somáticas dos escravos de São Domingos como legitimação da negrofilia e do abolicionismo”, Lisboa: 5th European Conference on African Studies, 2014, p.1673.

⁷⁰ “Now all that remains for us is to praise him in a great many respects, while nonetheless reproaching him for an overall flaw in the book’s construction, a lack of harmony and wholeness in its stylistic forms, as well as for its incongruities; these incongruities serve as evidence of what must have been a strenuous effort on his part at conveying to us some sense of a world that he has never observed, and which forces him to resort to botanical nomenclature in order to give us some image of that world.” Op. Cit. BONGIE, Chris. “Appendix D: Contemporary Reviews”. In: Bug-Jargal. Toronto: Broadview editions, 2004, p.281.

senhor não viajou, não correu pelo mundo? Não visitou as Antilhas, África, Itália, Espanha?... Aqui está seu cachorro manco”⁷¹. Ao ver o cachorro Rask, que antes pertencia a Pierrot/Bug-Jargal, ao lado do soldado Tadeu, o Capitão Leopoldo se comove e inicia a narração de sua história. É interessante observar como o romance inicia, pois, como já comentamos, Hugo tinha como ideia inicial introduzir *Bug-Jargal* em uma coletânea de contos sobre soldados franceses contando suas aventuras. Ele mantém a ideia original no romance e provavelmente não foi uma escolha feita aleatoriamente. Uma hipótese, pode estar no fato de que a batalha na qual Leopoldo e seus soldados estão travando é contra os ingleses, durante o período do Terror da França revolucionária (1793-1794). Os ingleses também tiveram um papel significativo durante a Revolução Haitiana, pois se aliaram aos escravos rebeldes durante o início da revolta, o que pode indicar que o ressentimento francês sobre a perda da colônia de São Domingos também tenha recaído sobre os ingleses. Ademais, talvez a escolha do escritor de colocar esta época da França como parte do romance, ao invés do início da era napoleônica – como acontece no conto – foi uma forma de tornar a história mais próxima da realidade histórica.

Algo que logo de cara nos deixou intrigados é o fato de que quem está narrando a história aqui não é o suposto protagonista do livro, Pierrot/Bug-Jargal, mas o francês Leopoldo. Nessa escolha, Hugo declara qual ponto de vista quer seguir, e fica claro que não é o ponto de vista do escravizado. De certa forma, sua escolha faz o mínimo de sentido, se pensarmos que, no início do século XIX ele escrevia para um público leitor europeu, que talvez se sentisse mais próximo do narrador criado por ele, ao invés da voz de um escravo insurgente contando a história da derrota da França sobre os escravizados haitianos. Sendo assim, Victor Hugo deixa explícito que quem terá a voz principal no romance será um homem branco que faz parte da classe senhorial, escolha que demonstra minimamente em que lugar ele coloca os escravizados na narrativa. Outra questão que fica clara durante a leitura do romance está na minimização dos atos dos senhores de escravos. Ao citar seu Tio (que curiosamente não possui um nome) e que possui um grande número de escravos, o narrador o descreve como um homem que foi endurecido pelo seu ofício, ou seja, ser um senhor de escravos o tornou cruel. Podemos ver essa afirmação no seguinte trecho:

Oitocentos negros cultivavam aqueles extensos domínios e, confesso, a triste condição dos escravos agravava a insensibilidade de seu dono. Meu tio era um desses patrões a quem o hábito do despotismo havia endurecido o coração. Acostumado à obediência, diante do mais insignificante olhar, a menor vacilação por parte do escravo era

⁷¹ HUGO, Victor. *Bug-Jargal*. São Paulo: Editora Assunção Limitada, 1946, p.5

castigada com rigor, e frequentemente, a interferência de seus filhos servia para aumentar-lhe a cólera. Viamo-nos portanto, sua filha e eu, obrigados a auxiliar secretamente os escravos, na medida do possível.⁷²

Ao pontuar que seu tio era “um desses patrões a quem o hábito do despotismo havia endurecido o coração”, o narrador defende os que senhores de escravos cruéis só tinham atitudes violentas porque, da mesma forma que os escravizados eram maltratados, os senhores também tinham suas almas corrompidas. Porém, podemos ver no mesmo trecho o narrador sentindo uma compaixão mínima pelos escravizados, pois sabia que aquele tratamento era desumano, mas não a ponto de apoiar a abolição da escravidão⁷³. Victor Hugo não estava ausente das discussões sobre escravidão e abolicionismo de seu tempo, que no início do século XIX eram muito voltadas para os relatos de ex-escravizados e de abolicionistas sobre os horrores da escravidão⁷⁴. Portanto, seria impossível Hugo não ter conhecimento dessas questões, mas ainda assim, ele preferiu dar razão aos senhores do que aos escravizados, por mais que nas entrelinhas, também representou o terror que estes viviam durante todo o romance.

Além da minimização da violência dos senhores, Victor Hugo também fez o exercício de caracterizar os líderes da revolta como seres que se utilizam desse movimento para obter conquistas pessoais, e não coletivas. Habibrah/obi, que foi humilhado pelo tio de Leopoldo a vida inteira, dedica seu trabalho ao exército de Biassou para conseguir se vingar dos males que o seu senhor lhe causou⁷⁵. Biassou, também se utiliza de sua posição de liderança para alcançar a tal vingança contra anos de escravidão. Em um trecho do romance ele clama a seus soldados: “negros, crioulos e congos – continuou Biassou – vingança e liberdade! Mulatos! Não se deixem cair pelas seduções dos diabos brancos. Seus pais estão com eles, mas suas mães estão conosco!”⁷⁶. A vingança é, na narrativa de Hugo, um dos motores principais para que a revolta dos escravos ocorra. Porém, esse sentimento só é bem visto quando praticado por brancos - como Leopoldo - ou pela exceção dos negros insurgentes: Pierrot/Bug-Jargal. Imaginando que sua esposa tinha sido raptada por este escravo, com o qual tinha consolidado uma boa amizade

⁷² HUGO, Victor. Bug-Jargal. São Paulo: Editora Assunção Limitada, 1946, p.14.

⁷³ Ver HOFFMANN. Léon-François. L'idéologie de Bug-Jargal. J.-M. Tremblay, 1989.

⁷⁴ Ver SIQUEIRA, Francisca Pereira. Abolicionismo inglês e francês (1787-1833) em perspectiva comparada. Revista de História Comparada.

⁷⁵ “Como foi breve a minha vingança, comparada com tão largo sofrimento! Quisera fazer teu tio sofrer todos os tormentos que renasciam para mim todos os dias. Quisera que ele tivesse destilado antes de morrer, tôda a amargura do orgulho ferido. Só assim ele sentiria abrir-se em seu rosto, êstes sulcos que há no meu, produzidos pela raiva, pela vergonha e pelo riso a que estive condenado.” HUGO, Victor. Bug-Jargal. São Paulo: Editora Assunção Limitada, 1946, p.155.

⁷⁶ *Ibidem*, p. 80.

após o escravo ter salvo Maria de uma morte terrível, Leopoldo se volta contra o antigo amigo e promete matá-lo por ter lhe tirado seu grande amor⁷⁷. A motivação de Pierrot/Bug-Jargal para se revoltar contra os brancos também é uma vingança pessoal, pois, ao explicar sua origem ao narrador, o escravo-príncipe comenta que: “obrigaram minha mulher a prostituir-se aos brancos, e ela morreu pedindo vingança. [...] Todos os negros me animavam a rebelião, para alcançarem a liberdade e a vingança”⁷⁸. Interessante observar que os motivos de Pierrot/Bug-Jargal e Leopoldo se encontram em um ponto específico: honrar a memória de suas esposas, e as suas próprias honras masculinas, apesar de serem em diferentes circunstâncias. De certa forma, Victor Hugo constrói a empatia dos leitores para com o escravo-príncipe a partir da perda de sua amada, algo que também ocorre com Leopoldo. Ou seja, para que fosse possível compreender as ações de Pierrot/Bug-Jargal sem desumanizá-lo, foi necessário colocá-lo no mesmo patamar que o personagem branco de maior destaque na trama. Além disso, o fato de Leopoldo ter perdido sua amada para os escravizados rebeldes deixa implícito que a culpa da infelicidade do narrador está na revolta que os escravizados iniciaram, e não daquilo que fez com que ela acontecesse: a escravidão.

Observamos na construção desses dois personagens que, com a revelação da sua origem real de Pierrot/Bug-Jargal, o personagem fica cada vez mais próximo moralmente do francês Leopoldo, colocado como o ideal masculino durante toda narrativa. A forma como Hugo descreve a fisionomia Pierrot/Bug-Jargal também nos revela esse efeito. Quando o escravo-príncipe salva Maria de ser devorada por um crocodilo, o narrador descreve a cena dizendo que “[...] um jovem negro, de estatura colossal, que com um braço sustinha a jovem espantada, e com o outro introduzia uma acha de duas pontas, na acerada boca do monstro”⁷⁹. Pierrot/Bug-Jargal é caracterizado como um homem alto, forte, parte da realeza africana, que sabe falar diversas línguas e ainda tem um coração puro; ele apenas se difere do narrador Leopoldo por um simples fato: é negro e escravizado. O exercício feito aqui pode ser analisado da seguinte maneira: quanto mais próximo moralmente do homem branco menos desumanizado se é no romance de Victor Hugo. Diferente dos mestiços Biassou e Habibrah, Pierrot/Bug-Jargal se juntou às forças insurgentes de São Domingos para vingar sua família, não pelo ódio puro que sentia dos brancos e pela escravização que eles impuseram. Ter se apaixonado por Maria, uma

⁷⁷ “A luz do incêndio iluminando toda a colônia demonstrando aos brancos que os brancos eram seus mortais inimigos, convenceu-me de que Pierrot, tão bom, tão generoso, e dedicado, que me devia a vida por três vezes, era um ingrato, um monstro, um rival. Roubar-me a esposa, na mesma noite do casamento, demonstrava o que eu suspeitei logo no princípio da história.” *Ibidem*, p. 55.

⁷⁸ *Ibidem*, p. 141.

⁷⁹ *Ibidem*, p.26.

mulher branca e parte da classe senhorial, também é uma prova de que sua vingança era de natureza nobre e honrosa, diferente das motivações dos mestiços insurgentes.

A hipótese de que Hugo não considerou legítima a luta dos escravos, ao ponto de minimizá-la a mera vingança é algo que reforça que seus posicionamentos não eram favoráveis aos haitianos, pois é importante lembrar que nesta época o escritor era apoiador da monarquia restaurada dos Bourbon, que queria a restauração da colônia de São Domingos. A análise inicial que temos da visão de Hugo sobre a Revolução e seus agentes é a de que eles são movidos por vinganças egoístas, apesar de demonstrar, mesmo que involuntariamente, que estes escravizados além de terem conseguido chegar em um grande nível de organização revolucionária, também tinham bons motivos para se revoltar. Vale lembrar que o lema da já República Haitiana era “Liberdade ou Morte”, portanto, teria Victor Hugo reduzido a luta coletiva por liberdade dos haitianos a mera vingança contra os anos de escravidão? Defendemos que sim. Mas é claro que a questão da vingança contra os brancos foi sim um tema caro durante a Revolução, como também foi defendido por C.R.L James, porém, o que observamos Hugo fazer no romance é justamente reduzir a luta por liberdade dos escravizados a esse único sentimento.

Reforçamos esse argumento utilizando as contribuições da autora Soraya de Freitas Matos. Segundo esta estudiosa o conceito de revolução, antes de ter um significado político e social, era muito usado na astronomia para representar o movimento de um astro que voltava para a mesma posição da qual saiu. Com o século XVIII e com a Revolução Francesa, este conceito ganhou o seu significado de transformação histórica. Portanto, “a palavra revolução estava na moda, e, como podemos inferir, esta não alcança a todos. Assim, o termo que foi tão largamente usado na Europa, sofreu algumas alterações ou silenciamentos para que essa moda não coubesse a todos⁸⁰”. Esses “silenciamentos” que a autora aponta são o que ela aprofunda em sua argumentação principal: a Revolução Haitiana não ganhou o status de revolução, pensando nas abordagens trazidas pelos periódicos brasileiros do início do século XIX, pois estes silenciaram/diminuíram os acontecimentos dos Haiti a insurreição, sublevação, e outros adjetivos. Por ser uma revolução feita por negros, o medo de que ela se tornasse um exemplo para os negros escravizados do resto da América era grande. Ela acrescenta dizendo que,

No constitutivo, entendemos que há o silêncio da atitude de substituir uma palavra por outra, ou seja, falar de insurreição de escravos é diferente de falar

⁸⁰ DE FREITAS, Soraya Matos. Entrelinhas da Revolução: o dito e o não dito nas páginas do Correio Braziliense e da Gazeta do Rio de Janeiro sobre a Revolução Haitiana (1808-1822). Palavra Da Moda: “Revolução” – Palavra Proibida. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009, p. 3.

em revolução feita por escravos; para dizer que houve uma insurreição, independência, abolição em uma colônia liderada por negros e mulatos, livres e escravos, é preciso “não dizer” ou contar que houve uma sublevação.⁸¹

A partir destas afirmações, podemos considerar Victor Hugo como parte dos indivíduos que diminuíram o status revolucionário do Haiti, a fim de fazer com que o movimento não se repetisse em outros lugares da América ou de minimizar a culpa dos franceses após perderem uma de suas colônias mais lucrativas. Uma revolta, diferente de uma Revolução é possível de conter e de destruir. Além disso, no fim do romance, Victor Hugo não dá um fim para a insurreição dos escravos. O livro termina com uma nota explicativa sobre o fim do narrador Leopoldo. Nesta nota, um funcionário da então República Francesa (1793-1794), ordena ao general do exército francês que Leopoldo seja preso por ter compartilhado com seus soldados sua história sobre a insurreição. Segundo o funcionário:

Leopoldo D'Auverney, capitão da segunda 32^a brigada, convicto primeiro, de haver relatado em um conciliábulo de conspiradores, uma história contra-revolucionária que tendia a ridicularizar os princípios de liberdade e igualdade, e exaltar as antigas superstições conhecidas com os nomes de poder e religião; convicto segundo, de se ter valido de expressões reprovadas por todos os sansculottes, para caracterizar vários feitos memoráveis e, em particular, o da emancipação dos negros de São Domingos; convicto terceiro, de haver empregado sempre a palavra senhor em sua história, e jamais usar a palavra cidadão; finalmente em quarto lugar, convicto por haver conspirado claramente contra a República, em proveito dos girondinos...merece a morte.⁸²

Para a decepção do funcionário da República, o general lhe informa que Leopoldo foi morto durante a batalha contra a Inglaterra, e se não fosse pela sua morte a vitória não teria ocorrido. Leopoldo é considerado um traidor pela República Francesa por ter mencionado a insurreição de São Domingos, ao mesmo tempo que obtém um status de herói por ter se sacrificado por sua pátria. Provavelmente, esta nota foi feita para, novamente, dar mais veracidade histórica à narrativa, mas ela também demonstra que Hugo tinha o conhecimento de que mencionar, mesmo que minimamente, os acontecimentos do Haiti poderiam trazer graves consequências, ou, pelo menos, menciona-los durante esta fase da Revolução Francesa que ele resolveu representar, onde qualquer ato poderia ser considerado contrarrevolucionário⁸³. Acreditamos que esta nota também possa ser uma crítica, um tanto

⁸¹ *Ibidem*, p. 7.

⁸² HUGO, Victor. Bug-Jargal. São Paulo: Editora Assunção Limitada, 1946, p.172.

⁸³ Ver HOBBSAWM, Eric. A Era das Revoluções 1789-1848. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

irônica, a essa fase do Terror na França (ou talvez a Revolução Francesa como um todo), algo que faz sentido se lembrarmos dos posicionamentos políticos do escritor nesta fase de sua vida.

Em resumo, Victor Hugo representa em seu romance *Bug-Jargal* uma insurreição de escravos do ponto de vista de um homem branco francês, que interpreta a luta por liberdade dos escravizados como um sentimento individual de vingança contra os brancos e não reconhece estes como seres capazes de governar e consolidar um novo Estado autônomo e soberano. Ao encerrar a narrativa contando o fim de Leopoldo, e não o desenrolar da insurreição, Hugo demonstra que o que realmente importa são os fatos contados pelo seu narrador, o ponto de vista dele é o único confiável – e o único que nos é dado. Isso revela que, provavelmente, o escritor acreditava que a História da Revolução Haitiana deveria ser escrita pelos franceses derrotados, e não pelos escravizados vitoriosos.

A Revolução Haitiana foi um evento catarse para a era moderna, pois em conjunto com a Revolução Francesa, deu início a uma verdadeira Era das Revoluções por todo o Atlântico e inspirou muitas revoltas escravas posteriores⁸⁴, que como sabemos, não tiveram o mesmo sucesso. Apesar disso, como argumenta Eugene D. Genovese, os revolucionários haitianos foram os responsáveis por fazer com que os demais escravizados do Novo Mundo aderissem as pautas de liberdade, progresso e direitos iguais para todos, que apenas os brancos letrados do iluminismo tinham apenas para si mesmos. Estas demais revoltas, como as que ocorreram na Bahia, Jamaica, Guiana, Suriname, no Sul dos Estados Unidos, entre outros pontos da então América colonizada dos séculos XVIII e XIX, foram significativas para que a abolição da escravidão se tornasse a pauta, e depois o movimento de grandes proporções, que foi durante todo o século XIX.

⁸⁴ Ver GENOVESE, Eugene D. Da rebelião à revolução. Global, 1983.

Capítulo II

O Patriarca do Romantismo: Victor Hugo e o Sublime-Grotesco da Revolução Haitiana em “Bug-Jargal” (1826)

O romantismo como movimento artístico e literário começou a sua formação no fim do século XVIII e início do século XIX⁸⁵. O movimento estava voltado aos ideais sobre a elevação da natureza, o sentimentalismo exacerbado, as tradições populares (especificamente do medievo), entre outros conceitos que eram exaltados nas obras. Segundo Benito Nunes, essa expressão artística foi um movimento que podemos considerar como um dos reflexos de sua época. Segundo o autor, “as ideias da visão romântica do mundo nascem em oposição às do iluminismo, e agrupam-se, como estas, de maneira ordenada, num esquema de caráter sistemático”⁸⁶. Portanto, filósofos como Kant, Fichte, Schelling e Hegel, segundo Nunes, são extremamente importantes para a filosofia do romantismo, pois o idealismo que estes autores defendiam é algo que está no âmago das origens do movimento.

Como um dos elementos característicos do que veio a se chamar Romantismo temos ainda a crítica que o movimento, em geral, proferia contra os chamados clássicos/neoclássicos. A estética neoclássica passou a perder espaço entre os artistas a partir do momento em que, segundo os românticos, iniciou um processo de “elitização” da arte, onde apenas aqueles que soubessem utilizar bem as regras por eles construídas eram considerados bons artistas. O Neoclassicismo foi um movimento que se popularizou entre os séculos XVII e XVIII na Europa que tinha como principal objetivo retornar a estética artística da antiguidade clássica greco-romana, tornando o Renascimento europeu dos séculos XV e XVI uma de suas principais referências⁸⁷. Portanto, para os neoclássicos, a ideia de perfeição e de belo era muito valorizada.

⁸⁵ “No romantismo, que se desenvolveu entre as duas últimas décadas do século XVIII e os fins da primeira metade do século XIX, quando num período de cronologia oscilante, verificou-se a grande ruptura com os padrões de gosto clássico, prolongados através do neoclassicismo iluminista, fundiram-se novas fontes filosóficas, estéticas e religiosas próximas, e reabriram-se veios mágicos, míticos e religiosos remotos.” NUNES, Benito. “A visão romântica”. In: O Romantismo. Org. J. Ginzburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002, p. 52.

⁸⁶ *Ibidem*, p. 55-56

⁸⁷ “Até o início do século XIX, falar em Belas-letras, em literatura, era falar em versos. Poesia e artes poéticas eram palavras que se confundiam com a própria natureza do objeto literário, assim como Poeta era o artista da palavra, por excelência. Mas, a partir do momento em que o romance começa a ganhar espaço, o verso passou por uma profunda transformação, e estudar poesia passou a ser, entre outras coisas, um trabalho que buscava suas características mais essenciais, aquilo que realmente fazia de um determinado texto Poesia. Parte dessa história, especialmente quando pensamos na tradição do verso latino, aconteceu em território francês. A França não teve dificuldades para abraçar o verso renascentista italiano quando Paris queria mudar as regras do jogo intelectual e da dominação política sobre o país. A partir daí, no entanto, e apegada sempre a suas regras, adotou uma postura dura que se estabeleceu até o Romantismo – e será ele o responsável por começar a discuti-la. Estudar a forma do

Os românticos criticavam justamente esta questão, pontuando as ambiguidades e os dois lados que a humanidade possui. O belo, segundo eles, tinha que ser complementado pelo feio, a luz pela escuridão, o seco pelo molhado, e assim por diante. Segundo Nunes

Sentimento do sentimento ou desejo do desejo, a sensibilidade romântica, dirigida pelo “amor da irresolução e da ambivalência”, que separa estados e une estados opostos - do entusiasmo a melancolia, da nostalgia ao fervor, da exaltação confiante ao desespero -, contém o elemento reflexivo de ilimitação, de inquietude e de insatisfação permanentes de toda experiência conflitiva aguda, que tende a reproduzir-se indefinidamente à custa dos antagonismos insolúveis que a produziram.⁸⁸

Portanto, demonstrar esse aspecto binário do mundo foi uma das missões que a sensibilidade romântica se impôs a cumprir. Além disso, muitos dos artistas que propuseram trabalhos nesse sentido, buscavam também dar para esta arte aspectos mais populares e de tradição cristã, bases para esse romantismo inicial. O cristianismo foi, inclusive, um dos principais temas dessa expressão artística em sua gênese. A obra *O Gênio do Cristianismo* (1802), de Jean-René Chateaubriand, por exemplo, tornou-se referência de como o romantismo considerava a religião uma espécie de unção da sua arte. O fato de os primeiros românticos serem em quase sua maioria cristãos católicos teve ainda mais peso, pois era uma instituição que após a Revolução Francesa estava tendo os seus valores contestados. Entretanto, apesar da religião cristã ser um pilar para o Romantismo, isso não significava que os românticos negavam completamente o conceito de racionalidade, que o iluminismo trouxe em seus debates. Como argumenta Gerd Bornheim,

Mas é precisamente essa teologia do sentimento que nos interessa para bem compreender o Romantismo. Não é justo asseverar que os românticos desprezavam a razão: no máximo a menosprezavam; o descaso completo à razão é incompatível com o seu sentido de totalidade, de integração harmonizadora. Mas sem dúvida, o sentimento ocupa um lugar privilegiado na postura romântica. A obsessão do romântico é sempre o absoluto, a totalidade. E por isso o sentimento romântico adquire uma coloração religiosa que lhe é própria, e que se traduz, em sua forma mais típica, na nostalgia, quer dizer, na impossibilidade de integrar-se plenamente no Absoluto⁸⁹.

verso francês é compreender um pouco dessa história”. STROPARO, Sandra Mara. O Romantismo e o verso clássico francês. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, v. 32, n. 3, 2022, p.58-59.

⁸⁸ NUNES, Benito. “A visão romântica”. In: *O Romantismo*. Org. J. Ginzburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002, p. 51-52.

⁸⁹ BORNHEIM, Gerd. “Filosofia do romantismo”. In: *O Romantismo*.Org. J Ginzburg. São Paulo: Perspectiva, 2002, p.95.

O romantismo, portanto, reafirmou a importância que a religião cristã e instituição da monarquia, por exemplo, davam às sociedades ocidentais, especificamente as europeias do fim do século XVIII e início do século XIX.

Eric Hobsbawm afirma que expressões artísticas como a literatura e a música foram as que mais se destacaram durante o período entre 1789 e 1848. Por mais que continuassem sendo artes que não chegavam a todas as camadas da população, eram artes das quais a recém-nascida classe média tinha um pouco mais de acesso, principalmente a literatura romântica, que foi muito consumida pelas mulheres dessa classe. Isso se deve, obviamente, por conta da, denominada pelo autor, “revolução dupla” (Revolução Francesa e Revolução Industrial), que teve uma grande influência nas artes e também em quem as consumia. Inclusive, o fato de artes como a pintura terem menos destaque neste período – expressões artísticas muito ligadas à nobreza e a aristocracia – demonstra essa mudança de público que a Revolução dupla causou. Em um trecho o autor comenta que,

Na primeira metade do século XIX, a literatura e a música russas surgiram repentinamente como uma força mundial, assim como, de maneira bem mais modesta, aconteceu com a literatura americana com Fenimore Cooper (1787-1851), Edgar Allan Poe (1809-49) e Herman Melville (1819-1891). O mesmo se deu em relação à música e literatura polonesas e húngaras, e, pelo menos sob a forma de publicação de canções folclóricas, contos de fadas e épicos, em relação à literatura nórdica e dos Bálcãs.⁹⁰

Portanto, com a Burguesia se tornando a camada social dominante após as Revoluções Burguesas, que tomaram conta da Europa no início do século XIX, algo que inicialmente rompeu com essa nova dominância foi justamente o romantismo, que negou muitos dos novos valores que a então nova sociedade burguesa passou a defender⁹¹. Segundo Hobsbawm, esse novo movimento não era completamente contra o novo regime voltado para os ideais burgueses, pois a ideia de glorificar heróis, como os da Revolução Francesa e o próprio Napoleão era algo comum entre os românticos. Porém, com a ascensão política e econômica desta classe, uma parte da sociedade ficou insatisfeita. Para o autor, essa parte insatisfeita era a dos mais jovens, especialmente os jovens artistas, que faziam parte das primeiras gerações nascidas após as Revoluções Burguesas. Jovens que viram suas artes desvalorizadas no mundo

⁹⁰ HOBBSAWM, Eric. *A Era das Revoluções*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 276-277.

⁹¹ “Em qualquer caso, nos centros da sociedade burguesa avançada, as artes como um todo vinham em segundo lugar em relação às ciências. O culto engenheiro ou fabricante, americano ou britânico, poderia apreciá-las, especialmente em momentos de descanso ou férias em família, mas seus verdadeiros esforços culturais se dirigiam para a difusão e o avanço do conhecimento - do seu próprio, em instituições tais como a Associação Britânica para o Progresso da Ciência, ou do povo, através da Sociedade para a Difusão de Conhecimentos Úteis e outras organizações semelhantes.” *Ibidem*, p. 296.

burguês, que, apesar de consumir arte, passou a dedicar mais tempo com o progresso científico e tecnológico muito investido naquela época. Segundo o autor,

Por trás do descontentamento dos românticos como jovens (e ocasionalmente também como mulheres jovens, já que foi este o primeiro período em que as mulheres do continente europeu apareceram como artistas em posse de seus plenos direitos e em considerável número) e como artistas, havia um descontentamento mais genérico em relação ao tipo de sociedade que surgia a partir da revolução dupla.⁹²

Algo que também surgiu nesta época romântica foi o conceito do artista “gênio” ou “artista incompreendido”, porém a burguesia foi a precursora da ideia de que o talento/dom não era algo natural para certas atividades. Estas características deveriam ser absorvidas através do trabalho, do estudo e da dedicação.⁹³ O romantismo deu a volta e passou a defender a ideia de “gênio” e de como essa genialidade artística deveria ser usada em prol da sociedade. Segundo Benito Nunes, "Talento originário para a arte, faculdade e dom inato, intuição e predestinação, o gênio tornou-se, no romantismo, o mediador entre o Eu e a natureza exterior"⁹⁴. Essa questão deixa ainda mais clara o papel do cristianismo neste movimento, que de certa forma, é uma base importante para essas ideias de predestinação do artista romântico, pois assim como os profetas bíblicos, o artista é aquele que leva a palavra ao povo e que pretende guiá-lo para um caminho justo.

Victor Hugo no prefácio de sua peça *Cromwell* (1826), *Do Grotresco e do Sublime*, também reconhece no cristianismo um importante papel para a arte romântica. Esta peça, considerada “impossível de ser encenada”, nunca foi de fato interpretada, porém o seu prefácio foi considerado o manifesto romântico francês, colocando Hugo na linha de frente da luta pelo reconhecimento da expressão romântica na França. Em seus primeiros argumentos Hugo se debruça sobre a sua “teoria das três idades”, na qual o autor divide as expressões poéticas em três momentos, a idade primitiva – lírica – a idade antiga – épica – e a idade moderna – dramática, idade da qual o autor fazia parte. Para o autor na idade primitiva a poesia era baseada na natureza, como se a sua própria existência fosse uma poesia. O autor comenta que esta idade

⁹² *Ibidem*, p. 284.

⁹³ “Entretanto, à parte seus estilos, os arquitetos e engenheiros daquela época se comportavam como profissionais e não como gênios. Também nas formas genuinamente populares de arte como a ópera na Itália ou (em um nível socialmente mais alto) o romance na Inglaterra, compositores e escritores continuavam a trabalhar para divertir os demais e consideravam a supremacia da bilheteria como uma condição natural de sua arte, e não como uma conspiração contra sua musa.” *Ibidem*, p. 283.

⁹⁴ NUNES, Benito. “A visão romântica”. In: O Romantismo. Org. J. Ginzburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002, p.61

tem como base principal a bíblia e mais especificamente o livro do gênesis. A idade antiga era, segundo ele, a idade épica, na qual Homero, considerado o pai da História, era o representante para Hugo. As tragédias também são segundo o autor uma representação importante desta idade, pois

[...] é sobretudo na tragédia antiga que a epopeia se sobressai por toda parte. Ela sobe o palco grego sem nada a perder, de alguma forma, de suas proporções gigantescas e desmedidas. Suas personagens são ainda heróis, semideuses, deuses; suas molas, sonhos, oráculos, fatalidades; seus quadros, enumerações, funerais, combates.”⁹⁵

Para Hugo, essa idade, vai se modificando com a chegada do cristianismo quando a questão do corpo e da alma são colocados na poesia. Isso porque, na idade antiga, segundo ele, deuses e homens tinham a mesma relevância, porém no cristianismo homem e deus haviam se separado. Contudo, é na idade moderna, com o drama, que Hugo afirma a consolidação da ideia de sublime e de grotesco, pois nas outras duas idades apenas o sublime reinava⁹⁶. A negação de Victor Hugo ao mundo burguês condiz com a forma como ele constrói suas narrativas, pois é nesta época que cenários campestres e medievais passaram a ser comuns na literatura romântica. A fuga dos valores da nova sociedade burguesa para um mundo mais idealizado e sensível tornou-se algo crucial para a compreensão dos primeiros anos da formação do romantismo. E, nesse sentido, Victor Hugo representa um nome de destaque, justamente por ser um dos autores que mais irá defender essas ideias no início de sua carreira.

O principal argumento de Hugo neste prefácio se encontra em sua exposição do que seria o sublime e o grotesco dentro do drama moderno. Ademais, o escritor produz pesadas críticas ao neoclassicismo, que segundo ele, passou a ditar regras para a arte, algo que ele discordava veemente, pois para Hugo o papel da arte era de instigar seu público e sempre produzir originalidade⁹⁷. O escritor também argumenta que a arte que deveria substituir o neoclassicismo tinha o papel de romper com as imitações, com as cópias, um movimento muito comum na idade antiga, onde um artista (qual fosse a sua área) tinha como princípio de fazer homenagens em suas obras, onde elementos de outros artistas poderiam ser percebidos com

⁹⁵ HUGO, Victor. *Do Grotesco e do Sublime*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2014, p.18-19.

⁹⁶ “Voltemos pois, e tentemos fazer ver que é da fecunda união do tipo grotesco com o tipo sublime que nasce o gênio moderno, tão complexo, tão variado nas suas formas, tão inesgotável nas suas criações, e nisto bem oposto à uniforme simplicidade do gênio antigo, mas traremos que é daí que é preciso partir para estabelecer a radical e real diferença entre as duas literaturas.” *Ibidem*, p. 27.

⁹⁷ “A poesia nascida do cristianismo, a poesia do nosso tempo é pois, o drama; o caráter do drama é o real; o real resulta da combinação bem natural de todos os tipos, o sublime e o grotesco, que se cruzam no drama, como se cruzam na vida e na criação. Porque a verdadeira poesia, a poesia completa, está na harmonia dos contrários.” *Ibidem*, p. 18-19.

facilidade, porém, com o romantismo, essa ideia passou a ser entendida como cópia, como algo que não eram bom para a criatividade e originalidade do artista⁹⁸.

É relevante pontuar, mais uma vez, que Victor Hugo, ao escrever *Bug-Jargal*, está iniciando a sua trajetória dentro destes parâmetros que o romantismo propôs. Publicado um ano antes do prefácio de *Cromwell*, *Bug-Jargal* narra a história de Leopoldo D'Auverney, sua prima e noiva Maria e o escravo Pierrot/Bug-Jargal, que dá nome ao romance, durante os primeiros momentos do viria a se tornar a Revolução Haitiana. A narrativa se passa em um momento da história que não era tão distante da data de publicação do livro (1826), mas que era distante o suficiente para os jovens (incluindo Victor Hugo) daquela época, que só tinham ouvido as histórias sobre os eventos de São Domingos, naquele agosto de 1791.

Analisando os princípios da escola romântica, Hugo decide escrever sobre um episódio histórico que já se distanciava de sua própria existência histórica. Com seus vinte e quatro anos, o jovem Hugo, em sua contemporaneidade, ouvia histórias e ecos sobre os eventos ocorridos na antiga colônia francesa. O mote para seu romance, que decidia olhar para o passado, seguia o que já havia sido feito por muitos outros romances publicados nesse mesmo período e que tinham escolhido temas e eventos que se passavam em lugares/épocas diferentes⁹⁹. A religião católica e a forma como Hugo descreveu sua ritualização pelos escravizados no romance é um dos pontos da vida dos escravizados que o narrador de *Bug-Jargal*, Leopoldo, fica horrorizado, pois interpreta uma suposta heresia dos escravizados para com a sua religião. Podemos ver a indignação do narrador, ao ver o obi/Habibrah utilizando artefatos da igreja católica em sua cerimônia para os escravizados: “Trouxeram um tabernáculo e um cálice roubados da igreja do Acul, do mesmo templo onde recebeu a benção do céu meu enlace com Maria”¹⁰⁰. Além disso, citações aos reis, tanto da Espanha quanto da França, são feitas pela personagem de Biassou, que se mostra simpático a essas figuras¹⁰¹. Sendo assim, podemos começar a pensar em *Bug-Jargal* como uma espécie de “teste” de Hugo para as suas próprias ideias sobre o movimento

⁹⁸ “O verdadeiro poeta é uma árvore que pode ser açoitada por todos os ventos e irrigada por todos os orvalhos, que traz suas obras como seus frutos, da mesma forma que o fabuleiro trazia suas fábulas. Para que prender-se em um mestre? Enxertar-se com um modelo? Vale mais ainda ser o espinheiro ou o cardo, alimentado com a mesma terra que o cedro e a palmeira, que ser o fungo ou o líquen destas grandes árvores”. HUGO, Victor. *Do Grotesco e do Sublime*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2014, p. 58.

⁹⁹ O próprio Hugo, em romance diverso *Notre Dame de Paris*, escolhe falar sobre uma história que se passa na França Medieval do século XIV.

¹⁰⁰ HUGO, Victor. *Bug-Jargal*. Editora Assunção Limitada: São Paulo, 1946, p. 77.

¹⁰¹ “- Que é isso? – perguntou-me em mau francês. – Acaso te empalaram como mereces, que não podes dobrar a espinha diante de João Biasson, generalíssimo do país conquistado e marechal de campo de sua Majestade Católica? (a tática dos principais chefes rebeldes, era fazer acreditar serem representantes do rei de França, da revolução, ou do rei da Espanha).” *Ibidem*, p.75.

romântico, pois é possível ver muitas das características que mais tarde o escritor vai defender em seu manifesto.

I. Victor Hugo e o Romantismo Francês:

A participação de Victor Hugo na formação do romantismo francês é algo de extrema importância para que possamos compreender a sua trajetória. Victor Hugo ficou conhecido como o “pai do romantismo francês”, por conta de seu prefácio da peça *Cromwell* (1827)¹⁰². Isso porque seus ideais de livre arbítrio para os artistas e de dedicação à originalidade foram considerados essenciais para um delineamento geral do movimento. Mas antes de publicar este manifesto, Hugo já participava de alguns grupos românticos, mais especificamente do grupo monarquista¹⁰³. Segundo Michel Winock existia também na França uma corrente romântica de perfil liberal, algo que, segundo o autor, só vai se juntar com a corrente monarquista após a morte do rei Luís XVIII, primeiro rei da monarquia restaurada, e principalmente com a estreia da peça *Hernani*, de Victor Hugo, em 1830. As duas correntes tinham como principal diferença justamente as aspirações políticas. O romantismo monarquista dedicou sua arte para a exaltação da família real restaurada e da nobreza¹⁰⁴. Já o romantismo liberal, assim como o monarquista, também criticava as regras neoclássicas, mas sua pauta política-ideológica era muito mais próxima da visão burguesa da sociedade francesa¹⁰⁵. Isso demonstra que o romantismo, no caso francês, se bifurcou em duas correntes ideológicas/políticas distintas inicialmente, demonstrando que a expressão artística não foi unilateral, e que apesar de estarem do mesmo lado quando o assunto era a estética do movimento, a forma como cada corrente compreendia a função dessa arte na sociedade, por um tempo, foi objeto de disputa.

¹⁰² “O primeiro acontecimento foi *Cromwell*, que começou a circular em livrarias em 5 de dezembro de 1827. Foi um acontecimento maior na história literária, nem tanto pela própria peça, impossível de ser encenada, mas pelo prefácio, verdadeiro manifesto pelo novo teatro. Inversamente à tragédia clássica, ainda atada por regras, Hugo proclamou liberdade na arte, que apenas o *drama* conseguiria exprimir, descrevendo o homem em sua totalidade, tanto sublime quanto grotesca”. WINOCK, Michel. *Victor Hugo na Arena Política*. Rio de Janeiro: Diffel, 2008, p. 18-19.

¹⁰³ “Quando no decorrer da década de 1820, o romantismo surge na França, ainda está longe de ser uma escola, muito menos um exército pronto para a luta. Observam-se pelo menos duas tendências, a do romantismo monarquista cristão e do romantismo liberal.” WINOCK, Michel. *Vozes da Liberdade: Os escritores engajados do século XIX*. São Cristóvão: Editora Bertrand Brasil, 2006, p.140.

¹⁰⁴ “No início da década de 1820, Hugo, Vigny, Lamartine, na trilha de Chateaubriand, erguem a bandeira da poesia contra a fria razão dos enciclopedistas, dos ideólogos do Iluminismo, e aderem a um monarquismo eivado de religião católica, tornando-se, ocasionalmente, cantores da união do Trono com o Altar. O Retorno maciço da poesia parece comungar com a causa da contra-revolução e da política ultra”. *Ibidem*, p. 152.

¹⁰⁵ “De um modo geral, os liberais professam um anti-romantismo ideológico, a exemplo de *La Constitutionnel*. Contudo, há românticos entre eles. O salão de Étienne Delescluze torna-se, a partir de 1821, o lugar de encontro dos liberais românticos”. *Ibidem*, p.143.

Para o jovem Victor Hugo, poesia e monarquia eram duas instituições inseparáveis, e o fato de ser católico também era crucial, pois o escritor via a sua profissão quase como a de um profeta. Em seu prefácio/manifesto, Hugo compara o paganismo das sociedades antigas (Grécia e Roma) com o cristianismo moderno, e segundo o autor, enquanto no paganismo homem e deus são representados como iguais, com os heróis da mitologia antiga sendo tão poderosos quanto os seus criadores¹⁰⁶, no cristianismo esse conceito é quebrado. A religião cristã separa os homens de Deus, e segundo Hugo, a partir desta divisão, também é iniciada a divisão de sublime e de grotesco que o autor defende em todo o prefácio. Segundo Victor Hugo,

O cristianismo conduz a poesia à verdade. Como ele, a musa moderna verá as coisas com um olhar mais elevado e mais amplo. Sentirá que tudo na criação não é humanamente belo, que o feio existe ao lado do belo, o disforme perto do gracioso, o grotesco no reverso do sublime, o mal com o bem, a sombra com a luz¹⁰⁷.

Assim, o cristianismo, segundo Hugo, deu para a modernidade essa divisão binária da humanidade, tão importante para uma nova fase dentro da arte poética. Além disso, por ser um jovem monarquista católico, Hugo via a monarquia como o único regime possível para que a sua concepção do romantismo pudesse vingar¹⁰⁸. A política e a religião, eram, portanto, elementos definidores do início do romantismo francês. A peça, *Hernani*, por exemplo, havia estreado num momento de grande tensão política e social na França, tornando-se um exemplo claro das relações do romantismo com a política e a religião. Em 1830, ano da estreia da peça, o então rei da Monarquia Restaurada dos Bourbon, Carlos X, tentara organizar um golpe de Estado que traria o retorno da Monarquia Absolutista ao país¹⁰⁹. A imprensa e as artes foram as mais censuradas pelo então rei. O próprio Victor Hugo – que foi inclusive foi convidado pelo rei para a sua coroação, além de receber uma pensão real que patrocinava as suas obras – teve sua peça *Marion de Lorme* (1828) e *Hernani* (1830)¹¹⁰ censuradas pela coroa francesa.

¹⁰⁶ “Ademais, não há nada de tão material como a teogonia antiga. Longe dela ter pensado, como no cristianismo, em separar o corpo do espírito; ela dá forma e fisionomia a tudo, ainda às essências, ainda às inteligências. Tudo nela é visível, palpável, carnal. Seus deuses têm necessidade de uma nuvem para se furtarem aos olhares. Bebem, comem, dormem. Ferem-nos, e seu sangue corre, aleijam-nos, e ei-los mancando eternamente”. HUGO, Victor. *Do Grotesco e do Sublime*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2014, p. 21-22.

¹⁰⁷ *Ibidem*, p. 25.

¹⁰⁸ “Victor Hugo é, então, ferrenhamente antiliberal, porque vê no liberalismo “uma facção que é anti-poética porque anti-religiosa e anti-social”. Poeta consagrado, encarregado de uma missão, ele fala em nome de Deus: nessa época, para ele, a poesia e o monarquismo são indissociáveis”. WINOCK, Michel. *Voices da Liberdade: Os escritores engajados do século XIX*. São Cristóvão: Editora Bertrand Brasil, 2006, p.141.

¹⁰⁹ “A primeira ordenação suspende a liberdade de imprensa, só os jornais autorizados podem circular; as prensas e os tipos de jornais que transgridem a lei serão apreendidos ou inutilizados. Numa segunda ordenação, o rei declara uma nova dissolução da câmara dos deputados.” *Ibidem*, p. 155

¹¹⁰ “Logo no prefácio, Victor Hugo defende, enquanto escritor romântico, a necessidade de dar maior liberdade à Literatura. Percebi um tom de decepção em suas palavras ao revelar que teve de censurar algumas cenas do

Sua pensão foi inclusive aumentada como forma de compensação. Contudo, contrariado o escritor se ofende de tal forma, que recusa a proposta. O início de seu rompimento com a monarquia começava então com este episódio. O que conhecemos por “Revolução de 1830” e “Monarquia de Julho”, são os momentos em que a monarquia restaurada dos Bourbon caí após a mobilização da população, dando lugar a uma monarquia constitucional, liderada pelo rei Louis Philippe. Hugo apoia essas mobilizações e, conseqüentemente, este novo regime¹¹¹.

O ano de 1830 foi, portanto, decisivo na trajetória de Victor Hugo e também na trajetória do romantismo francês. Em meio a uma grande tensão entre grupos artísticos e intelectuais românticos – agora já compostos tanto por liberais quanto por monarquistas – e neoclássicos, em um momento político de mudanças caóticas e intensas, *Hernani* surge para consolidar o movimento como uma arte séria e legítima. A peça conta a história do personagem homônimo, Hernani, um jovem exilado pelo rei da Espanha, D. Carlos, que matou seu pai e também é apaixonado pela mesma mulher do protagonista, Doña Sol, que está prometida em casamento ao tio de Hernani, o duque de Pastraña. Hernani jura vingança pela morte de seu pai, ao mesmo tempo que busca viver ao lado de sua amada¹¹². Segundo Sandra Mara Stroparo, com *Hernani*, Hugo coloca em prática o seu conceito de peça dramática, explicitado no prefácio de *Cromwell*, substituindo o texto em versos das peças para o texto em prosa e se consagrando dentro dos círculos românticos, ganhando o respeito de boa partes dos artistas neoclássicos que ainda discordavam dos ideais do romantismo¹¹³.

Segundo Michel Winock, os grupos monarquista e liberal do movimento também acabam convergindo por conta do início da censura imposta por Carlos X. A fim de

Hernani, para que fosse ao palco. Ele demonstra grande desejo de um dia ver a versão original de sua obra, na forma como foi concebida, o que se realizará tempos depois”. COUTINHO, Daniel. Hernani, de Victor Hugo – RESENHA #12. Literatura & Eu. 2016. Disponível em: <http://blogliteraturaeu.blogspot.com/2016/05/hernani-de-victor-hugo-resenha12.html#:~:text=A%20hist%C3%B3ria%20se%20passa%20no,a%20seu%20velho%20tio%2C%20D>. Acesso em, 28 de maio de 2023.

¹¹¹ “No fundo, o novo regime de Luís Filipe, uma monarquia burguesa, espécie de república coroada, livre do direito divino e prometendo maior liberdade, lhe pareceu a melhor solução – ou a menos ruim – naquele momento da França: ‘Antes da república, tenhamos, se for possível, uma coisa pública’”. WINOCK, Michel. *Victor Hugo na Arena Política*. Rio de Janeiro: Diffel, 2008, p. 32.

¹¹² Ver resenha completa da peça em COUTINHO, Daniel. Hernani, de Victor Hugo – RESENHA #12. Literatura & Eu. 2016. Disponível em: <http://blogliteraturaeu.blogspot.com/2016/05/hernani-de-victor-hugo-resenha12.html#:~:text=A%20hist%C3%B3ria%20se%20passa%20no,a%20seu%20velho%20tio%2C%20D>. Acesso em 28 de maio de 2023.

¹¹³ “A famosa ‘Batalha de Hernani’ foi um marco: uma das muitas reedições dos conflitos entre antigos e modernos, uma tomada de posição da nova geração, da nova escola, de toda uma nova atitude perante possibilidades de criação. Se em 1827 o prefácio de *Cromwell* (e a própria peça) já tinha representado uma tomada de posição, especialmente de conteúdo, em 1830, *Hernani* choca suas plateias porque alterou o alexandrino”. STROPARO, Sandra Mara. O Romantismo e o verso clássico francês. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, v. 32, n. 3, 2022, p. 66.

revolucionar não apenas as novas expressões artísticas que vinham tentando consolidar, esses artistas também levantam a bandeira da indispensável liberdade de expressão para que essa mesma arte fosse possível de ser feita, sem censuras. Nesse processo, Victor Hugo se torna, uma espécie de porta voz dessa da bandeira romântica na França. Com o lançamento de uma de suas obras de maior destaque, *Notre Dame de Paris*, em 1831, a relevância do escritor só aumentou. Seu nome tornar-se-ia cada vez mais conhecido do grande público ao longo dos anos.

As críticas literárias que Hugo recebeu sobre suas primeiras obras também são de extrema relevância para compreender a participação de Victor Hugo no início do romantismo e como *Bug-Jargal* foi parte disto. No artigo “The Reception of V. Hugo's First Novels”, o autor Max Bach tem como objetivo principal analisar as críticas dos primeiros romances publicados por Victor Hugo, sendo eles, *Han da Islândia* (1823), *Bug-Jargal* (1826), *O último dia de um condenado* (1829) e *Notre Dame de Paris* (1831). A partir da análise das críticas contemporâneas dessas obras, Bach busca compreender como os críticos da época atribuíam os valores literários dos romances de Hugo com seus outros trabalhos (Poemas e Peças de Teatro), além de analisar como a política da época influenciava na crítica das obras do escritor¹¹⁴. Bach afirma que, as críticas sobre os primeiros romances de Victor Hugo sempre foram mais negativas com relação aos seus outros trabalhos dentro da poesia e da dramaturgia. Porém, as críticas contemporâneas de seus romances, foram se tornando mais positivas com o tempo. Segundo o autor, “a reputação francesa de Victor Hugo assenta sobretudo na sua poesia. Os seus dramas encontram algum reconhecimento; os seus romances são depreciados ou ignorados. No entanto, noutros países são muito apreciados”¹¹⁵.

Analisando as críticas que o romance *Bug-Jargal* recebeu ao ser publicado, Bach argumenta que a crítica literária sobre o romance se dividiu em duas correntes: os mais conservadores se escandalizaram com uma história onde um escravizado era o protagonista, além de ter sido caracterizado como um personagem benevolente; enquanto isso, os críticos mais liberais, e também aqueles ligados a esquerda, viram uma boa intenção no romance de Hugo, que colocou um negro escravizado como um personagem de boa índole e que, de certa forma, fugia dos estereótipos que antes eram atribuídos aos negros na literatura. Ao mesmo

¹¹⁴ “This study will scrutinize how Hugo's contemporaries reacted to these books, how important they considered the novels in relation to his other works, what literary value they saw in them, and what factors influenced their judgment”. BACH, Max. The Reception of V. Hugo's First Novels. In: Symposium: A Quarterly Journal in Modern Literatures. Taylor & Francis, 1964. p.142.

¹¹⁵ “Victor Hugo's French reputation rests mainly on his poetry. His dramas find some recognition; his novels are deprecated or ignored. Yet in other countries they are highly esteemed”. *Ibidem*, p.142. (Tradução nossa)

tempo que reconheceram essa questão no romance, também pontuaram que Hugo diminuiu a violência da escravidão a algo restrito a poucos senhores de escravos, algo que naquele momento, era consenso que não passava de uma falácia. Segundo Bach, diferente de *Han da Islândia* que foi praticamente ignorado pela crítica especializada,

Em *Bug Jargal*, por outro lado, trata importante passagem da revolta dos negros em São Domingos. Numa época em que a Revolução ainda era vivamente recordada, e em que ultras, liberais e revolucionários se confrontavam diariamente, um episódio destes não podia deixar de chamar a atenção da imprensa: houve apenas seis resenhas de *Han da Islândia*, mas catorze de *Bug-Jargal*. A atitude ambígua de Hugo em relação à questão colonial e à emancipação dos escravos deixou toda a gente insatisfeita. Os seus amigos da extrema-direita estão satisfeitos porque ele pintou os rebeldes "sob cores que escandalizarão os nossos filantropos, pois ele não escondeu nada da sua estúpida crueldade e brutalidade" (L'Etoile, feroce" 6 de Março de 1826). Sentindo que a posição dos negros em França em 1826 era demasiado boa, estes críticos pareciam perturbados por Hugo ter dado tantas boas qualidades ao seu herói negro. Esta era a sua principal objecção. O negro Jargal comovia-os e interessava-os, mas era difícil aceitar um negro do Congo como modelo de grandeza, heroísmo e sensibilidade. Isso seria reconhecer na raça africana uma capacidade de alta civilização que ela não possui (Le Drapeau Blanc, 20 de Março de 1826). A esquerda, pelo contrário, achava que Hugo não tinha ido suficientemente longe: não sendo liberal, não tinha tomado a defesa dos escravos. Embora não justificasse o sistema colonial, parecia acreditar que um senhor tirânico era uma excepção. No entanto, os mesmos críticos viram mérito no Bug Jargal. Hugo podia não ser um dos seus, mas eles gostavam de muitas das suas ideias filosóficas e morais; a sua intenção geral para com os negros era benevolente. Mostrar um negro tão superior aos brancos era combater o preconceito que o colocava no degrau mais baixo da escala humana (La Revue Encyclopedique, Abril de 1826, pp. 846-847)¹¹⁶.

A visão que Bach nos apresenta da crítica especializada sobre *Bug-Jargal* demonstra como a divisão política da França na época da publicação do romance era decisiva para aclamar

¹¹⁶ "In Bug Jargal, on the other hand, an important passage deals with the Negro revolt on Santo Domingo. At a time when the Revolution was still vividly remembered, and when ultras, liberals, and revolutionaries confronted each other daily, such an episode was bound to catch the eye of the press: there were only six reviews of Han d'Islandie, but fourteen of Bug Jargal. Hugo's ambiguous attitude on the colonial question and on the emancipation of slaves left everyone dissatisfied. His friends on the extreme right were happy because he had painted the rebels "sous des couleurs dont nos philanthropes seront scandalises, car il n'a rien dissimule de leur cruauté stupide et de leur brutalité (L'Etoile, feroce" March 6, 1826). Feeling that the Negroes' position in France in 1826 was too good, these critics seemed disturbed that Hugo should have given so many good qualities to his black hero. This was their prime objection. The Negro Jargal moved and interested them, but it was hard to accept a black from the Congo as a model of grandeur, heroism, and sensibility. That would be to recognize in the African race a capacity for high civilization that it did not possess (Le Drapeau Blanc, March 20, 1826). The left, on the contrary, felt that Hugo had not gone far enough: being no liberal, he had not taken up the cudgel for the slaves. While not justifying the colonial system, he apparently believed that a tyrannical master was an exception. Yet, the same critics saw merit in Bug Jargal. Hugo might not be one of theirs, but they liked many of his philosophical and moral ideas; his general intention toward the blacks was benevolent. To show a Negro so superior to the whites was to combat the prejudice which would place him on the lowest rung of the human ladder (La Revue Encyclopedique, April, 1826, pp. 846-847). *Ibidem*, p.143. (Tradução nossa)

ou rebaixar uma obra. O fato de Hugo ter causado sentimentos ambíguos com seu romance é importante, pois demonstra, novamente, que dentro dos círculos românticos também existiam divergências. Enquanto os mais conservadores repreendiam o escritor por ter dado protagonismo a um escravizado em seu romance – ao mesmo tempo que o elogiaram por ter representado os negros como seres cruéis e selvagens – os mais liberais viram boas intenções nessa mesma atitude, apesar de também criticarem o fato de Hugo minimizar a violência dos senhores de escravos. Apesar dessa ambiguidade que Bach pontua sobre o posicionamento político de Victor Hugo com relação a Revolução Haitiana e seus agentes, para nós fica claro que o escritor não tinha como intenção demonstrar apoio aos haitianos. Hugo demonstra sim que a escravidão é cruel e letal, mas coloca a culpa disso nos escravizados, e não nos senhores de escravos. Além disso, por mais que tenha utilizado um escravizado como protagonista do seu segundo romance, para criar a empatia deste personagem com o público europeu foi necessário caracterizá-lo como um príncipe africano que foi escravizado. Sendo assim, a origem real de Pierrot/Bug-Jargal e o fato de ser o único escravizado de todo o romance que se aproxima da ideia de homem branco intelectual e culturalmente superior, são evidências de que Hugo estava, neste seu início de carreira, ainda muito ligado aos ideais monarquistas e conservadores de sua época.

Mas uma questão que vale ser feita é: este Victor Hugo sempre teve essas concepções sobre a Revolução Haitiana? Ou talvez, este é o mesmo Hugo que escreveu a primeira versão desta história em 1820? O romance de 1826 não é a primeira versão de *Bug-Jargal*, portanto, a pergunta é válida. Concordamos com Michel Winock quando este conclui que Victor Hugo é a representação clara das transformações políticas da França do século XIX. Todas as causas que Hugo defendeu ao longo da vida demonstram que ele era um homem preocupado com as questões de seu tempo. Isso pode ser uma resposta para o seu interesse com a Revolução Haitiana no começo da carreira. Apesar do autor apenas citar o momento em que Hugo pede pelo fim da escravidão no Brasil, no fim do século XIX¹¹⁷, faz sentido que ele tenha, possivelmente, se preocupado com a escravidão; ou que pelo menos tivesse as suas opiniões sobre o tema. Seu papel no romantismo demonstra que, pelo menos dentro deste campo, o autor buscou a liberdade de expressão e o fim da censura para os artistas. Sendo assim, seria a Revolução Haitiana um tema em que Hugo viu uma oportunidade para colocar em prática os

¹¹⁷ “Menos de um ano antes de morrer, por ocasião de um banquete presidido por Victor Schoelcher, ele tem a felicidade de festejar a abolição da escravatura em uma província brasileira: ‘Antes do fim do século, a escravidão terá desaparecido da Terra.’” WINOCK, Michel. *Vozes da Liberdade: Os escritores engajados do século XIX*. São Cristóvão: Editora Bertrand Brasil, 2006, p.766.

seus ideais românticos? É possível encontrar essas ideias nas duas versões da história? Além de diferenças entre como o escritor concebeu a ação dos escravizados do Haiti e a própria Revolução?

II. As duas versões da São Domingos Rebelde de Victor Hugo:

Antes de publicar o romance *Bug-Jargal* em 1826, uma outra versão desta história já tinha sido produzida por Hugo. Em sua revista literária *Le Conservateur Littéraire* – que pertencia a Victor Hugo e a seu irmão Abel – além de publicar críticas das obras de autores como Walter Scott e textos literários dos próprios irmãos Hugo, a primeira versão de *Bug-Jargal* foi um conto, publicado entre 1819 e 1820, nesta revista. De acordo com Chris Bongie,

(O manuscrito de "Bug-Jargal" é, de fato, datado de abril de 1819 e a evidência textual interna sugere que a data de 1818 é apócrifa). Hugo aponta para esta origem possivelmente ficcional no final do seu prefácio de 1826 quando informa os seus leitores "que a história de Bug-Jargal é apenas um fragmento de uma obra mais extensa, que deveria intitular-se Contos sob a Tenda" (um título sem dúvida inspirado em *Tales of my Landlord* de Scott; ver Ntsobé 24-38). Embora esta coleção de histórias nunca tenha sido concluída, "Bug-Jargal" - que um biógrafo recente considerou ser "seguramente o mais controlada dos seus primeiros anos" (Hovasse 187) - acabou por publicado no jornal que ele e os seus irmãos começaram a publicar no final de 1819, *Le Conservateur littéraire* (Maio-Junho de 1820)¹¹⁸.

A partir destas afirmações, podemos concluir que Victor Hugo já pensava na Revolução Haitiana anos antes da publicação de *Bug-Jargal* como um romance. A versão em conto dessa narrativa também pode nos ajudar a compreender como o autor desenhou os escravizados do Haiti e sua famosa luta por libertação nestes dois momentos.

No conto de 1820, o narrador da história é Delmar, um jovem francês, capitão de um batalhão durante as Guerras Napoleônicas que, a pedido de seus soldados, resolve narrar o que viu durante a sua estadia na ilha de São Domingos (Haiti). Aos seus 17 anos, Delmar foi enviado à São Domingos para morar com seu tio, um rico senhor de escravos, e se casar com

¹¹⁸ "(The manuscript of "Bug-Jargal" is, in fact, dated April 1819 and internal textual evidence suggests that the 1818 date is apocryphal.) Hugo gestures toward this possibly fictional origin at the end of his 1826 preface when he informs his readers "that the story of Bug-Jargal is only a fragment of a more extensive work, which was to have been entitled *Tales under the Tent*" (a title no doubt modelled on Scott's *Tales of my Landlord*; see Ntsobé 24-38). Although this collection of stories was never completed, "Bug-Jargal"—which a recent biographer has judged to be "assuredly the most controlled work of his early years" (Hovasse 187)—eventually found its way into print in the journal he and his brothers had begun publishing at the end of 1819, *Le Conservateur littéraire* (May-June 1820). ." BONGIE, Chris. "Appendix A: Bug-Jargal (1820)". In: *Bug-Jargal*. Toronto: Broadview editions, 2004, p.213. (Tradução nossa)

sua prima. Ele acaba se afeiçoando por um escravo de nome Pierrot, que o surpreende por sua grande fisionomia, inteligência e bom coração. Pierrot acaba preso por ter defendido um dos escravos da violência do tio de Leopoldo. Assim, os dois jovens acabam por formar uma amizade, até o momento em que uma enorme revolta escrava toma conta da ilha. Pierrot, que também se identifica como Bug-Jargal, um príncipe africano escravizado, é um dos líderes da revolta, e consegue escapar da prisão quando esta se inicia. Durante o saque de sua fazenda, Delmar vê seu então amigo carregando o corpo de seu tio e jura vingança contra o escravo.

A premissa da narrativa do conto é bem parecida com a do romance, porém diferenças também podem ser observadas. A primeira delas está no fato de que o narrador da história no romance se chama Leopoldo, e não Delmar. Além disso, o momento que em Leopoldo narra a sua vivência em São Domingos se passa durante a República Jacobina, entre 1793-1794, enquanto a narração de Delmar está alguns anos mais para frente, durante as Guerras Napoleônicas do início do século XIX. Personagens como Maria, a prima/noiva de Leopoldo no romance, e Habibrah não aparecem no conto. Apesar de existir uma menção ao casamento de Delmar com uma prima, ela não é uma personagem central no conto. Diferentemente do romance, em que Maria é a motivação principal para que Leopoldo vá atrás de Pierrot/Bug-Jargal, pois nesta versão, quem Leopoldo acredita que foi sequestrada a por Pierrot/Bug-Jargal é Maria, e não o seu tio como no conto. Inclusive, uma trama que permaneceu quase idêntica nas duas versões do romance foi justamente a do tio de Leopoldo, que se quer possui um nome. A bibliografia sobre o romance não argumenta sobre o porquê desta decisão, mas temos a hipóteses de que, por conta de Hugo colocar a violência que os senhores de escravos tinham contra os seus cativos como atos isolados, faz sentido que o único senhor de escravo de destaque nas duas versões desta história não tenha um nome seu. Sendo assim, o que Hugo queria aprofundar são as atitudes dos escravizados, não as dos senhores.

Em sua tradução para o inglês¹¹⁹ de *Bug-Jargal*, o autor Chris Bongie comenta que as duas versões desta narrativa de Victor Hugo devem ser compreendidas em conjunto. Apesar das diferenças e semelhanças entre as duas obras, estas são exemplos importantes para compreender o desenvolvimento da escrita de Hugo, que se transforma a cada obra, assim como as concepções políticas e sociais do escritor ao longo do século XIX. Com isto colocado, por mais que nosso foco seja o produto final desta história – o romance *Bug-Jargal*, publicado em 1826 – consideramos de extrema importância analisar brevemente o conto que deu origem a

¹¹⁹ Chris Bongie também traduziu o conto *Bug-Jargal* para a língua inglesa. Está tradução será usada para exemplificar as diferenças entre o conto e o romance de Hugo.

esta obra, *Bug-Jargal* (1820), pois é a partir de um estudo comparativo que poderemos compreender como Victor Hugo lidou com as ideias de escravidão, Revolução e as influências históricas utilizadas pelo escritor em cada uma destas obras.

Algo que logo de início fica claro ao ler as duas obras está no fato de que o romance possui mais personagens e desenvolve de maneira mais complexa as tensões raciais e sociais de São Domingos. No conto de 1820, não temos a personagem Maria, esposa do capitão Leopoldo, assim como também não temos o personagem Habibrah, que no romance são centrais para as motivações tanto de Leopoldo, quanto de Pierrot/Bug-Jargal. Sobre a troca de nome dos narradores, Chris Bongie afirma que Hugo escreveu alguns artigos de sua juventude com o pseudônimo “D’Auverney”¹²⁰, podendo ser uma explicação para a mudança de nome no romance. Além disso, o título das duas obras, “Bug-Jargal”, segundo este autor, também possui partes do próprio nome de Victor Hugo. Bongie argumenta que “Bug” é uma referência ao nome do escritor por conta das letras “ug”, sendo esta referência a parte culta da linguagem do romance. Já “Jargal” seria uma referência a palavra “jargon” ou jargão, que seria a parte inculta, os erros de linguagem que são marcados no texto na representação das falas dos personagens negros e mulatos. Em um trecho de seu apêndice, o autor comenta que

A duplicação é vital não apenas para o uso da linguagem do romance, mas também para a apresentação do personagem: os duplos proliferam em Bug-Jargal, em nenhum lugar mais obviamente do que no emparelhamento (im)provável de seus igualmente nobres protagonistas brancos e negros, o narrador francês Capitão d’Auverney e o rei escravo africano Bug-Jargal, tão diferentes e ainda assim em aspectos importantes tão semelhantes, olhando um para o outro, por assim dizer, através da divisão do hífen cultural que os diferencia e os relaciona.¹²¹

Algo essencial quando comparamos as duas narrativas é a questão de como Hugo retrata os chamados “mulatos” ou “homens de cor”¹²². O fato de Hugo caracterizar os mulatos como seres vis e cruéis ao longo da narrativa do romance é algo que também é retratado no conto, porém de forma minimizada, pois o personagem de Biassou é o único mestiço que vemos no

¹²⁰ “What, if anything, are we to make of this mirroring of white author and black protagonist, which itself doubles not only that of d’Auverney and Bug-Jargal but that of d’Auverney and Hugo, who signed a number of his youthful articles with the pen name ‘d’Auverney?’”. *Ibidem*, p. 13.

¹²¹ “Doubling is vital not only to the novel’s use of language but to its presentation of character: doubles proliferate in Bug-Jargal, nowhere more obviously than in the (un)likely pairing of its equally noble white and black protagonists, the French narrator Captain d’Auverney and the African slave-king Bug-Jargal, so different and yet in important respects so very similar, looking at one another, as it were, across the divide of the cultural hyphen that differentiates and relates them”. *Ibidem*, p. 11. (Tradução nossa).

¹²² Estamos utilizando essas duas denominações pois são assim que as pessoas mestiças de São Domingos são denominadas no romance e no conto de Victor Hugo.

conto, enquanto no romance, temos mais personagens descritos como mestiços/mulatos. Na primeira versão da história, o foco principal é apenas entre o, então, Delmar e Pierrot/Bug-Jargal. Senhor e escravo que criam uma amizade após Pierrot/Bug-Jargal defender um escravo de ser violentado por ter dormido na roseira do patrão. Assim como no romance, o narrador personagem fica encantado com o fato de Pierrot/Bug-Jargal ser um escravo letrado, que falava vários idiomas (e com bom sotaque), além de ter um porte físico muito viril e, ao mesmo tempo, ser um homem gentil e justo. Em um trecho do conto, é possível ver como Delmar se encanta a erudição de Pierrot,

A minha curiosidade foi muito estimulada: Insisti com ele para que me dissesse quem era e o que tinha sofrido. Ele manteve um silêncio sombrio. A minha conduta tinha-o tocado; as minhas ofertas de ajuda, os meus apelos, venceram a sua indiferença pela vida. Saiu e trouxe algumas tâmaras e um enorme coco. Depois, fechou a abertura e pôs-se a comer. Conversando com ele, reparei que falava francês e espanhol com fluência e que não parecia desprovido de conhecimentos. Este homem era tão espantoso em tantos outros aspectos que até então, a pureza do seu discurso não me tinha impressionado. Eu tentei de novo descobrir a causa disso, mas ele manteve-se em silêncio¹²³.

Apesar de tecer uma grande simpatia por Pierrot/Bug-Jargal, um escravizado puro de coração e que possui boas intenções com relação aos brancos, quando voltamos para a forma como os mestiços são retratados, tudo muda de figura. No conto, temos apenas Biassou como antagonista principal da trama. Nesta versão da história, Biassou, caracterizado como um homem mestiço assim como no romance, também é um líder que rege as massas negras de São Domingos a ferro e fogo. Algo que também se repete no romance é a rivalidade entre Biassou e Pierrot/Bug-Jargal, principalmente sobre como tratar os brancos da ilha. Quando Pierrot/Bug-Jargal reencontra Delmar nas florestas de São Domingos, diz ao jovem francês que “Biassou é traiçoeiro [...] Ele não é um negro, é um mulato”¹²⁴. Ou seja, no conto já podemos ver em que patamar Hugo coloca os personagens mulatos. Se nesta versão o escritor coloca os mestiços como seres traiçoeiros, no romance, Hugo utiliza estes personagens como os principais agentes

¹²³ “My curiosity was keenly stimulated: I urged him to tell me who he was and what he had suffered. He maintained a gloomy silence. My conduct had touched him; my offers of assistance, my appeals, overcame his indifference to life. He went out and brought back some dates and an enormous coconut. Then he closed up the aperture and set about eating. Conversing with him, I noticed that he spoke French and Spanish fluently, and that he did not appear devoid of learning. This man was so astonishing in so many other respects that up until then the purity of his speech had not struck me. I tried yet again to find out the cause of this, but he remained silent”. BONGIE, Chris. “Appendix A: Bug-Jargal (1820)”. In: Bug-Jargal. Toronto: Broadview editions, 2004, p.224-225. (Tradução nossa)

¹²⁴ “Biassou is treacherous [...] He is not a black man, he is a mulatto”. *Ibidem*, p. 240. (Tradução nossa)

do caos que tomou conta de São Domingo. Os dois líderes da revolta – Biassou e Habibrah – são caracterizados como mestiços, além de antagonizarem com Pierrot/Bug-Jargal e Leopoldo. O preconceito com os mestiços é, portanto, o mesmo nas duas versões da história, porém a intensidade com Hugo utiliza desse artifício é mais explícita no romance.

Enquanto no conto de 1820, temos apenas Biassou como o antagonista que quer se livrar de Pierrot/Bug-Jargal e tomar o poder da horda de escravos rebeldes, no romance esse papel é redistribuído entre outro personagem. Além de Biassou, temos a figura do anão Habibrah, conhecido pelo exército de escravos como obi (feiticeiro), e conhecido por Leopoldo como o bobo da corte de seu Tio, que o jovem acreditou ter morrido tentando proteger seu senhor durante o ataque dos escravizados na fazenda¹²⁵. Este personagem tem como função principal no romance manipular os escravizados rebeldes através de suas supostas previsões sobre o futuro da revolta, sendo um claro charlatanismo que Leopoldo logo desvenda. Essa abordagem não existe no conto, demonstrando que Victor Hugo, ampliou a sua visão de como os escravizados de São Domingos conquistaram a sua liberdade. No conto, o escritor descarrega a culpa dos acontecimentos de São Domingos nos escravizados, de forma geral, sendo Pierrot/Bug-Jargal a exceção desse grupo, que só busca justiça por ter perdido seu reino e sua família para a escravidão. Em contrapartida, no romance, a culpa da revolução é direcionada especificamente para os escravizados mestiços/mulatos, que além da liberdade, também querem se vingar de seus senhores brancos.

Outro aspecto que é diferente entre as duas versões de *Bug-Jargal* é a participação de Maria. A personagem se quer tem seu nome mencionado durante o conto¹²⁶, mas a adição da personagem no romance, segundo Bongie, é feita porque

Obviamente, o romance introduz uma nova linguagem erótica criando uma rivalidade sexual entre Bug-Jargal e o jovem de vinte anos D'Auverney (que foi transformado do jovem de dezessete anos Delmar do conto): o que alguns podem querer interpretar como queer a erótica união masculina no conto, é, até certo ponto, diluída pela introdução da noiva de D'Auverney, Maria. Se esta virada para o romance heterossexual e o espectro do acoplamento inter-racial que ele suscita resultará em uma narrativa psicologicamente mais aprofundada ou marcará os limites melodramáticos da imaginação romanesca do jovem Hugo os leitores decidem, mas não há como negar sua

¹²⁵ “O bufão, sem dúvida havia sido assassinado por ter-se posto ao lado de meu tio. Talvez mesmo pelos próprios companheiros, quando defendia seu amo. HUGO, Victor. *Bug-Jargal*. São Paulo: Editora Assunção Ilimitada, 1946, p. 56.

¹²⁶ “Although born in France, I was sent at an early age to Saint Domingue to stay with one of my uncles, a very rich colonist whose daughter I was intended to marry”. BONGIE, Chris. “Appendix A: *Bug-Jargal* (1820)”. In: *Bug-Jargal*. Toronto: Broadview editions, 2004, p.220.

importância central para o romance, por tudo isso é preciso ter em mente o que pode ser essa centralidade marginaliza ou mascara¹²⁷.

A tal “linguagem queer erótica” que Bongie defende estar no conto, também pode ser interpretada como a forma que Hugo encontrou de representar a surpresa que Delmar/Leopoldo sente ao se aproximar deste jovem escravo, que era imponente, vulnerável e considerava esse homem branco como irmão. Mas é possível concordar com Bongie quando este argumenta sobre a inserção de Maria no romance. Ela é a motivação dos dois personagens principais do começo ao fim da trama, principalmente de Leopoldo, que teve o seu casamento arruinado pela revolta dos escravizados. O fato de Pierrot/Bug-Jargal também ser apaixonado pela dama dá para a versão em romance da história um arquétipo típico do romantismo: o amor proibido. E o mais interessante é que Pierrot/Bug-Jargal sabe da impossibilidade desse amor por conta da diferença racial/social – ele é um escravo - entre ele e Maria¹²⁸. A personagem feminina indefesa e que precisa ser salva pelo protagonista é outro arquétipo importante nas histórias românticas. Portanto, é visível que Victor Hugo ajustou toda a estrutura de sua história inicial para que estivesse adequada a estrutura romântica que estava sendo formada nessa época.

É possível compreender de forma mais clara a diferença das duas obras a partir de algumas cenas incluídas apenas no romance. Em um primeiro exemplo, Leopoldo conta a seus soldados sobre a vez em que entrou em um embate com um plantador de “sangue mestiço”, em um baile dado pelo Governador da cidade do Cabo. Neste evento, os jovens estavam se queixando do novo decreto promulgado na Assembleia Nacional da França. Este era o decreto de 15 de maio de 1791, que dava aos homens de cor os mesmos direitos políticos que os homens brancos, algo que irritou profundamente esta parcela da população. Leopoldo apenas assiste a discussão dos outros brancos e ao ver este jovem plantador mestiço se aproximando, comenta que:

Eu ainda não havia entrado na discussão, quando vi aproximar-se do grupo, um rico plantador admitido na roda com desgosto, devido a sua

¹²⁷ “Most obviously, the novel introduces a new erotic element by creating a sexual rivalry between Bug-Jargal and the twenty year- old D’Auverney (who has been transformed from the seventeen-year old Delmar of the story): what some might wish to interpret as the queer erotics of male bonding in the story are to an extent diluted by the introduction of D’Auverney’s fiancée, Marie Whether this turn toward heterosexual romance and the spectre of inter-racial coupling that it raises results in a psychologically more probing narrative or marks the melodramatic limits of the young Hugo’s novelistic imagination will be up to readers to decide, but there is no denying its central importance to the novel, for all that one has to keep in mind what this centrality might bemarginalizing or masking. BONGIE, Chris. “Appendix A: Bug-Jargal (1820)”. In: Bug-Jargal. Toronto: Broadview editions, 2004, p.214-215. (Tradução nossa)

¹²⁸ “Por que repeles meu amor, Maria? Eu sou rei, e meu corpo ergue-se diante de todos os corpos humanos. Tu és branca e eu sou negro; mas o dia necessita unir-se à noite para produzir a aurora e o crepúsculo da tarde, que são mais belos que ele.” HUGO, Victor. *Bug-Jargal*. São Paulo: Editora Assunção Ilimitada, 1946, p. 23.

cor equívoca, que fazia duvidar de sua origem, avancei bruscamente até ele e disse-lhe em voz alta:

- Passe de largo, senhor. Dizem-se aqui coisas que hão de ser-lhe desagradáveis, pois corre em suas veias o “sangue mestiço”.

Isso irritou-o de tal forma, que acabou por me desafiar. Batemo-nos e ficamos ambos feridos. Confesso que fiz mal em provocá-lo. Mas creio que “sangue mestiço” não foi o principal motivo da irritação. Esse homem, há tempos vinha tendo a audácia de olhar para a minha prima e, no instante em que eu o humilhei, ele acabava de dançar com Maria¹²⁹.

Esta cena pode ser interpretada como o medo que muitos homens brancos tinham de terem suas esposas brancas “roubadas” por homens mestiços e/ou negros. A inserção de Maria no romance, portanto, também pode representar esse medo que as sociedades escravistas, de maneira geral, construíram sobre o homem negro predador de mulheres brancas. Esta questão também pode ser vista em uma cena do romance, em que Pierrot/Bug-Jargal conta a Leopoldo como se tornou escravo. Seu pai, rei na região do Congo¹³⁰, na África, colaborou com os traficantes espanhóis, que lhe prometeram terras férteis e mulheres brancas, mas acabaram caindo na armadilha dos europeus e foram escravizados. Este momento também faz parte do conto, com a única diferença que a nação de origem de Pierrot/Bug-Jargal é Gamboa¹³¹, ao invés do Congo. Portanto, Hugo utiliza esse estereótipo nas duas versões de sua história, não só para demonstrar a inclinação dos homens negros para esta ideia preconceituosa que ele reforça, mas também para, de certa forma, culpabilizar os escravos até pelo tráfico do qual foram vítimas. No caso de Pierrot/Bug-Jargal e sua família, a culpa pela própria escravização se encontra na inocência em confiar em traficantes europeus (que se quer são classificados como traficantes por Victor Hugo), e acabarem escravizados do outro lado do mundo. Alberto Oliveira Pinto, também analisa a forma como Hugo constrói o interesse de Pierrot/Bug-Jargal por Maria, em conjunto com a condição de realeza que o escravo possui, argumentando que

¹²⁹ *Ibidem*, p. 18-19.

¹³⁰ “- Escuta – disse-me ele friamente. – Meu pai era rei do Congo. Administrava a justiça a seus vassallos, no umbral da porta de sua casa, e em cada sentença que pronunciava, bebia segundo o costume de seus antecessores, um copo cheio de vinho de palmeira. Vivíamos felizes e poderosos. Um dia chegaram uns europeus, e deles adquiri esses conhecimentos que te assombam. Sem chefe, um capitão espanhol, prometeu a meu pai países extensos e mulheres brancas. Meu pai o acompanhou com toda a sua família. Meu irmão, os europeus nos venderam!” HUGO, Victor. Bug-Jargal. São Paulo: Editora Assunção Ilimitada, 1946, p. 140.

¹³¹ ““Listen,” he said to me in an icy tone of voice. ‘My father was king in the land of Gamboa. The Europeans came and gave me all that useless knowledge you were so struck by. Their leader was a Spanish captain; he promised my father lands more vast than his own and white women. My father followed him with his family. Brother, they sold us!’” BONGIE, Chris. “Appendix A: Bug-Jargal (1820)”. In: Bug-Jargal. Toronto: Broadview editions, 2004, p.237.

Por outras palavras: aos olhos de Léopold D’Auverney, Bug-Jargal deixa de ser um amigo e mesmo um príncipe – cuja credibilidade, aliás, era duvidosa – quando se apodera de Marie, uma mulher branca, passando (ou voltando) a partir desse momento a ser tão plebeu, tão perverso e tão “Mau Selvagem” como Biassou. Doravante, pelo facto de se atrever a amar uma europeia – ou, se preferirmos, a “misturar-se” – o africano deixa de ser reconhecido como um príncipe, que o mesmo é dizer que passa a ser um indivíduo considerado incapaz de organizar o seu povo em Estado-nação. Para o europeu, portanto, o africano é sempre “tribal” ou, eufemisticamente, “étnico”, o que legitimará o empreendimento colonial¹³².

Retomando a questão da “mistura de raças”, não podemos esquecer que em São Domingos, a população mestiça, no final do século XVIII, já tinha conseguido se consolidar até o ponto de também possuírem escravizados e terras¹³³, chegando a rivalizar com os plantadores brancos. Mas ao mesmo tempo que tinham conseguido chegar nesse patamar de riqueza, os mulatos ainda eram vistos como inferiores pelos brancos, além de não possuírem os mesmos direitos civis. Segundo C.R.L James “Desde agosto de 1791, os mulatos oscilavam continuamente entre a burguesia francesa e os trabalhadores negros. A instabilidade dos mulatos não reside no seu sangue, mas na sua posição intermediária na sociedade”¹³⁴. Desse modo, ao adicionar essas pequenas tensões sociais/raciais dentro da narrativa do romance, Victor Hugo enriquece sua história com mais veracidade histórica e social, demonstrando que tinha consciência, pelo menos nessa questão, dos papéis raciais em São Domingos e como a Revolução Haitiana foi também uma “guerra racial”, além de um movimento por libertação. O fato de Hugo utilizar a teoria racial desenvolvida pelo colono de São Domingos, Moreau de Saint Mery, para classificar “o nível racial” em que se encontravam os seus personagens negros e mestiços é uma prova disso¹³⁵. Essa tentativa de Hugo de buscar sempre assemelhar a realidade histórica da Revolução com a sua narrativa ficcional pode demonstrar, não só a diferença do conto para o romance, mas também o esforço do autor em adequar a história a

¹³² PINTO, Alberto Oliveira. Bug-Jargal de Victor Hugo: as representações culturais e somáticas dos escravos de São Domingos como legitimação da negrofilia e do abolicionismo. In: *African Dynamics in a Multipolar World: 5th European Conference on African Studies—Conference Proceedings*. Centro de Estudos Internacionais do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), 2014. p.1690.

¹³³ “Os homens pardos livres, em São Domingos, constituíam uma população maior e mais importante que em qualquer outra colônia européia, formando um grupo distinto dos grupos de brancos e de negros. Os membros deste grupo eram, muitas vezes, educados e possuíam propriedades, incluindo escravos”. POPKIN, Jeremy D. Uma revolução racial em perspectiva: relatos de testemunhas oculares da Insurreição do Haiti. *Varia Historia*, v. 24, 2008, p.300.

¹³⁴ JAMES, C.L.R. *Os Jacobinos Negros: Toussaint L’Ouverture e a revolução de São Domingos*. São Paulo, Boitempo, 2018, p.193.

¹³⁵ PINTO, Alberto Oliveira. Bug-Jargal de Victor Hugo: as representações culturais e somáticas dos escravos de São Domingos como legitimação da negrofilia e do abolicionismo. In: *African Dynamics in a Multipolar World: 5th European Conference on African Studies—Conference Proceedings*. Centro de Estudos Internacionais do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), 2014. p.1671.

expressão romântica. É importante lembrar que Hugo era um grande admirador de Walter Scott, importante romancista de ficção histórica.

Um segundo exemplo se encontra na cena em que Leopoldo se encontra preso no acampamento de Biassou. Neste momento, outros três prisioneiros se juntam a ele. O primeiro era o chamado cidadão C..., colega de Leopoldo na Assembleia Colonial e que tinha dado a terrível ideia de matar os negros rebeldes e em seguida colocar suas cabeças em estacas por toda a cidade¹³⁶. O segundo “era um plantador equívoco, que odiava os mulatos, e que os brancos julgavam filho de mulato”¹³⁷, e o terceiro era um homem que tinha o seu rosto tampado por uma espécie de avental. Biassou inicia o interrogatório dos prisioneiros pelo plantador de origem mestiça, reconhecendo-o como Santiago Belin, seu antigo senhor.

- Santiago Belin! - exclamou mordendo os lábios.
- Sim, não me reconheces?
- Começa por me reconheceres tu, e não te esqueças de saudar-me.
- Eu não saúdo meus escravos - respondeu o branco.
- Teu escravo, miserável? - gritou o generalíssimo.
- Sim, sim. Eu fui teu primeiro amo. Simulas não me reconhecer, mas lembra-te, João Biasson, que te vendi por treze pesos fortes a um comerciante de São Domingos¹³⁸.

Ao ouvir estas humilhações, já muito enfurecido, Biassou ordena aos seus soldados que matem seu antigo senhor. Em sequência, o então generalíssimo passa a interrogar o tal cidadão C... , que para não ser morto brutalmente pelos soldados escravizados, se coloca aos serviços do exército de Biassou como economista, além de se declarar negrófilo e ter contatos com muitos filantropos da causa negra¹³⁹. O currículo do então cidadão e seus conhecimentos não foram os suficientes para convencer Biassou de que necessitava de um homem como este em seu exército.

Ainda nesta cena dos prisioneiros, o último destes que estava com a capa em sua cabeça foi revelado pelo narrador como sendo o mestiço que o desafiou no baile da cidade do Cabo.

¹³⁶ Um colonizador, que se fazia chamar cidadão geral C..., por ter presidido algumas execuções, exclamou: - Os suplícios nos combates, são males necessários. As nações necessitam de terríveis escarmentos. Aterremos os negros! Eu pus termo às revoluções de junho e julho, fazendo cravar cinquenta cabeças de escravos, nas avenidas de minha plantação. HUGO, Victor. *Bug-Jargal*. São Paulo: Editora Assunção Ilimitada, 1946, p. 49.

¹³⁷ *Ibidem*, p. 94.

¹³⁸ *Ibidem*, p.95.

¹³⁹ “- Valente chefe dos bravos reformadores de São Domingos, escuta-me: estudei dos grandes economistas: Turgot, Raynal, Mirabeau, o amigo dos homens, e pratiquei suas teorias. Conheço a ciência indispensável para o bom governo dos estados e do reino”. *Ibidem*, p. 100.

Vendo-se em uma situação de vida ou morte, com os soldados de Biassou o chamando de branco e pedindo a sua cabeça, o prisioneiro clama por misericórdia:

O pobre plantador, à custa de grandes esforços, conseguiu se fazer-se ouvido:

- Não, não, senhor general! Não, não, meus irmãos! Eu não sou branco. Isso é uma calúnia infame. Sou mulato como todos vocês, filho de uma negra como suas mães e irmãs.
- Mentos! És branco e sempre detestaste os negros e os homens de cor.
- Jamais. Eu detesto o branco. Sou mulato, sou da mesma cor de todos aqui.
- Prova - disse friamente Biasson.
- A prova, é que sempre fui desprezado pelos brancos¹⁴⁰.

Para que o então mestiço se provasse como tal, Biassou o desafia a matar Leopoldo e o cidadão C...¹⁴¹, os dois prisioneiros reconhecidamente brancos. O mestiço se prova para o líder assassinado a sangue frio o cidadão, porém como entra em estado de choque, é dispensado da função de ceifador da vida de Leopoldo. Toda esta dinâmica racial que Hugo cria nesta cena demonstra que o escritor estava realmente a par do quanto a cor da pele em São Domingos era um demarcador social muito complexo. O fato do plantador mestiço negar a sua origem para os brancos para se impor como um ser que merece seus direitos, e ao mesmo tempo, chegar ao ponto de matar um homem branco para se provar como homem de cor para o exército de escravos rebeldes, demonstra que a passibilidade dos mestiços nessa sociedade era complexa. Como comenta o narrador: “Minha atitude diante daquele homem era singularíssima: estive a ponto de matar-me, para provar sua condição de branco, e agora ia assassinar-me para demonstrar que era mulato”¹⁴².

Segundo Chris Bongie, ao adicionar os personagens mulatos na versão em romance de *Bug-Jargal*, Hugo pretende demonstrar seu desconforto com a existência deste grupo, que é fruto de relações interracialis, e desconforto com a vitória revolucionária do Haiti sobre a França. Inclusive, a adição da personagem Maria a trama, em conjunto com o amor não correspondido de Pierrot pela moça – e a sugestão de que o escravo poderia tirar a sua virgindade – reforçam o sentimento anti-mestiçagem e anti-revolucionário do escritor¹⁴³.

¹⁴⁰ *Ibidem*, p.103.

¹⁴¹ “Os negros adiantaram-se para o colonizador, e aquele movimento decidiu sua escolha de dar ou receber a morte. O excesso de covardia tem também seu valor. Empunhou nervosamente o punhal de Biasson, e sem dar-se tempo para refletir, atirou-se como um tigre contra o cidadão-geral a meu lado”. *Ibidem*, p. 105.

¹⁴² *Ibidem*, p.107.

¹⁴³ In the passage from short story to novel, Hugo settles upon the figure of the mulatto as the embodiment not merely of a desire, inter-racial or otherwise, with which he is profoundly uncomfortable, but of a revolutionary

Para além da caracterização dos personagens mulatos, a forma como o autor representa a violência da escravidão nas duas versões de sua história também é um ponto importante. Nas duas histórias o tio de Leopoldo é um senhor cruel e que não tem piedade de seus escravizados, porém, no conto, essa crueldade é algo quase que inato ao personagem¹⁴⁴, enquanto no romance, essa característica é complementada pela influência do escravo/feiticeiro Habibrah. No romance, ao descrever este personagem, o narrador faz o seguinte comentário:

Era-me, antipático, aquele escravo. Em seu servilismo, havia qualquer coisa demasiadamente rasteira. Aquele farsante disforme, aquele escravo macaco, com seus ridículos trajes cheios de galões e guizos, só me inspirava o desprezo. Por outro lado, o escravo anão nunca se utilizou em favor dos outros escravos, do crédito que suas baixezas lhe haviam proporcionado. Ao contrário: um dia, acreditando estar só com meu tio, chegou a pedir mais severidade contra um daqueles infelizes. Não obstante isso, os demais escravos não o odiavam¹⁴⁵.

Portanto, a violência da escravidão, na visão de Victor Hugo, é algo que não depende diretamente dos senhores brancos, mas da influência de outros escravos em busca de poder. Com a culpa da escravização sempre recaindo nos escravizados. Tirando a cena em que Leopoldo/Delmar conhece Pierrot/Bug-Jargal na lavoura de seu tio, os momentos em que vemos brancos sendo explicitamente violentos com negros são apenas nos embates da revolta; fora isto, a violência é uma ferramenta que é usada apenas pelos negros e mulatos escravizados. O fato de Biassou torturar e matar membros de seu próprio exército¹⁴⁶, além dos brancos que ele faz de escravos e de prisioneiros, é um exemplo disto.

Novamente, essas caracterizações são exemplos claros do medo que uma revolta (e em seguida Revolução escrava), conseguiu causar nas elites do mundo atlântico. Washington Santos Nascimento, descreve esse momento no qual a elite brasileira observava a influência da Revolução Haitiana na população escrava. Segundo este autor,

modernity that he would like to expunge from the historical record”. BONGIE, Chris. “Appendix A: Bug-Jargal (1820)”. In: Bug-Jargal. Toronto: Broadview editions, 2004, p. 215.

¹⁴⁴ “Eight hundred negroes worked the immense domains of my uncle. I will admit to you that the wretched condition of these slaves was made even worse by the insensitiveness of their master, whose heart had been hardened by a longstanding habit of absolute despotism. Accustomed to seeing himself obeyed at the first blink of an eye, he would punish the slightest hesitation on a slave’s part with the greatest severity, and often the intercession of his children served only to heighten his anger”. *Ibidem*, p.221.

¹⁴⁵ HUGO, Victor. *Bug-Jargal*. São Paulo: Editora Assunção Ilimitada, 1946, p.16.

¹⁴⁶ “Naquele momento tive mais uma prova do poder moral de Biasson sobre os rebeldes. O infeliz, ele mesmo encarregado de se fazer fuzilar, não se atreveu a um murmúrio. Inclinou a cabeça, cruzou os braços sobre o peito, saudou três vezes seu juiz implacável e, depois de ajoelhar-se diante do obi, para ser absolvido de seus pecados, retirou-se. Alguns momentos mais tarde, uma descarga anunciou a Biasson que o negro, obedecendo às suas ordens, deixara de existir.” *Ibidem*, p.112.

A situação de instabilidade criada por esses fatos e pela emergência de insurreições escravas no início do século XIX, em partes da América, influenciou os letrados brasileiros e viajantes estrangeiros começaram não só a discutir, como também a escrever e a construir uma série de concepções, principalmente sobre os perigos a que estava submetido o sistema escravista colonial brasileiro e, mais particularmente, sobre as lições a serem aprendidas em decorrência da revolução de São Domingos. A revolução haitiana foi transformada em uma “matriz de sentido”, um locus para onde convergiram discursos/representações sobre a escravidão e tudo que dela derivava¹⁴⁷.

Uma revolta escrava, por si só, já era uma calamidade e tanto dentro de uma sociedade escravista. Porém, transformações concretas como a que ocorreu no Haiti não faziam parte da imaginação das camadas altas das sociedades escravistas. Como já comentamos anteriormente, Victor Hugo não utiliza a palavra “Revolução” tanto no livro quanto no conto, referindo-se a ilha do Haiti pelo seu nome colonial: São Domingos. Portanto, colocar os eventos revolucionários do Haiti como uma mera revolta não é algo exclusivo de Hugo, mas de toda uma sociedade colonial que buscou fazer com que a Revolução não fosse lembrada como tal¹⁴⁸.

Portanto, podemos concluir a partir destas análises, que do conto de 1820 para o romance de 1826, a história de *Bug-Jargal* foi ampliada para se adequar ao que seria o modelo de narrativas românticas e, além disso, deixou os preconceitos de Victor Hugo com relação aos escravizados do Haiti mais explícitos. No conto, Delmar tem apenas a missão de desvendar porque Pierrot/Bug-Jargal, supostamente raptou seu tio durante o início da Revolta escrava, mas no romance, sendo a personagem de Maria a possível raptada, a carga emocional deste momento se adensa, pois desde o começo desta narrativa vemos o amor que o narrador tem por sua prima/noiva, sendo esse amor algo que chegou a deixar Leopoldo alheio as movimentações políticas da ilha¹⁴⁹. Para além disso, a inserção de Habibrah/obi e de outros personagens mulatos demonstra como o papel que Hugo deu a estes personagens não era apenas o de antagonizar com os protagonistas, mas também coloca-los como bodes expiatórios da revolta que ocorreu em São Domingos, e que mais tarde deu origem ao Haiti. A partir disto, a forma como Hugo caracteriza as ações dos escravizados também é ampliada; se no conto eles são

¹⁴⁷ NASCIMENTO, Washington Santos. Além do medo: a construção de imagens sobre a revolução haitiana no Brasil escravista (1791–1840). *Especiaria: Cadernos de Ciências Humanas*, v. 10, n. 18, 2007, p. 473-474.

¹⁴⁸ Ver DE FREITAS, Soraya Matos. Nas entrelinhas da Revolução: o dito e não dito nas páginas do *Correio Braziliense* e na *Gazeta do Rio de Janeiro*, sobre a Revolução Haitiana, Ano de Obtenção: 2010.

¹⁴⁹ “Via com certa embriaguez o momento de possuir a mão de minha prima e, por conseguinte, permaneci estranho à paixão sempre crescente que fazia ferver o cérebro de todos ao meu redor. Fixos os olhos em minha próxima felicidade, não me advertia da espantosa nuvem que cobria quase completamente todos os pontos de nosso horizonte político, que ao estalar, desganharia nossas existências”. HUGO, Victor. *Bug-Jargal*. São Paulo: Editora Assunção Ilimitada, 1946, p. 19.

selvagens que torturam e matam brancos por pura maldade, no romance essa maldade ganha a forma através do sentimento de vingança. Para podermos esmiuçar de forma mais específica essas diferenças entre o conto e o romance, as fontes que Victor Hugo utilizou para essas narrativas serão importantes para a análise.

III. Fontes Para a Escrita de *Bug-Jargal*:

Em um dos apêndices da tradução feita por Bongie encontramos algumas das fontes utilizadas por Hugo para escrever *Bug-Jargal*. Uma delas é o relato *An Historical Survey of the French Colony in the Island of St. Domingo* (1797) de Bryan Edwards (1743-1800), um membro do Parlamento Jamaicano e defensor dos direitos dos colonos que foi enviado para São Domingos durante o início da revolta dos escravos¹⁵⁰. A outra fonte também é um relato de memórias, *Mémoires pour servir à l'histoire de la Révolution de Saint-Domingue* (1819), do soldado francês Pamphile de Lacroix (1774-1841), que lutou ao lado dos franceses na Revolução Haitiana. A partir de algumas partes dos relatos traduzidas para o inglês por Bongie, podemos perceber muitas semelhanças com o romance de Hugo. No relato de Edwards podemos ver a sua indignação com o decreto de 15 de maio de 1791. O autor do relato comenta que a lei não poderia ter impedido o que aconteceria com São Domingos, mas que se ela não tivesse sido aprovada provavelmente não teria causado tantos problemas¹⁵¹, algo extremamente parecido com o trecho do romance em que Leopoldo comenta como os brancos viam a tal lei. Edwards também faz questão de culpar os negros rebeldes pela violência e morte que assolou São Domingos durante a Revolução, os caracterizando como vingativos e selvagens em busca de sangue¹⁵², algo que Hugo também não cansa de reforçar no romance.

As semelhanças com o relato de Edwards podem ser grandes, mas quando adentramos o livro de Pamphile de Lacroix isso fica cada vez mais claro. Em um trecho do relato de Lacroix

¹⁵⁰ “Edwards (1743-1800), member of the Jamaica parliament and zealous defender of the plantation owning class, arrived in Saint Domingue very soon after the outbreak of the slave revolt aboard one of the three English frigates that brought, in response to pleas from the Saint Domingue Assembly, an insignificant number of rifles and ammunition to aid the besieged city of the Cape. BONGIE Chris. “Appendix E: Historical and Cultural Sources”. In: *Bug-Jargal*. Toronto: Broadview editions, 2004, p. 292.

¹⁵¹ “There is indeed too much reason to believe, that these miseries would have occurred in St. Domingo, in a great degree, even if the proceedings of the National Assembly, as related in the latter part of the preceding chapter, had been more temperate, and if the decree of the 15th of May had never passed into a law.” *Apud. Ibidem*. p. 293.

¹⁵² “Twelve or fourteen of the ringleaders, about the middle of the night, proceeded to the refinery, or sugar-house, and seized on a young man, the refiner’s apprentice, dragged him to the front of the dwelling-house, and there hewed him into pieces with their cutlasses: his screams brought out the overseer, whom they instantly shot. The rebels now found their way to the apartment of the refiner, and massacred him in his bed.” *Apud. Ibidem*, p. 295.

ele cita o general Caradeux, que ficou conhecido na Assembleia Nacional por ter matado cinquenta de seus escravizados e exposto suas cabeças ao redor de sua plantação, assim como o cidadão C... do romance. É muito provável que Victor Hugo tenha utilizado esse acontecimento real como inspiração para este personagem da trama, e o fato do nome do cidadão não ser mencionado por completo deixa ainda mais claro que foi esse homem que inspirou o personagem do cidadão C... Segundo Lacroix:

[...] se houver qualquer problema em cortar cabeças, basta chamar o general Caradeux (comandante dos distritos de Port-au-Prince), que teve cerca de cinquenta decepadas na plantação de Aubry durante o tempo em que a cultivava, e que, para que ninguém duvidasse disso, espetou-as em lanças e plantou-as ao longo das sebes de sua plantação como se fossem palmeiras¹⁵³.

No artigo, *Victor Hugo and the melancholy novel*, também escrito por Chris Bongie, o autor compara o relato de Lacroix com o de outro francês que lutou pela França durante a Revolução Haitiana chamado Philippe-Albert de Lattre, com o objetivo compreender qual dos dois relatos teve mais influência na escrita do romance do jovem Hugo. A obra *Campagnes des Français à Saint-Domingue, et réfutation des reproches faits au capitaine-général Rochambeau* de Lattre, publicada em 1805, segundo Chris Bongie, é uma das bases principais para Hugo caracterizar os personagens mulatos, e tudo que é associado a mestiçagem. Segundo Bongie,

Com o contexto intertextual completo restaurado e presumindo, como agora parece completamente provável, que o relato de Lacroix seja baseado em de Lattre, fica claro que a versão dos eventos do primeiro é na verdade uma distorção "liberal" da história mulatofóbica contada por este último, enquanto a versão de Hugo é uma releitura fiel disso. O que não quer dizer que Hugo foi mais passivo aqui do que Lacroix: pois, intimamente familiarizado com ambos os textos, ele fez uma escolha decisiva de um sobre o outro, uma escolha que lhe permitiu fornecer uma representação mais evocativa da São Domingos revolucionária e das línguas ali faladas, mas que ao mesmo tempo confirmou e prolongou os vieses (execráveis) do texto original de 1805¹⁵⁴.

¹⁵³ “[...]“if there is any problem cutting off heads, one need only call on General Caradeux (commander of the districts of Port-au-Prince), who had fifty or so of them lopped off on the Aubry plantation during the time when he was farming it, and who, so that there could be no doubt about it in anybody’s mind, stuck them on pikes and planted them along the hedgerows of his plantation as if they were palm trees.”*Apud. Ibidem*, 306-307. (Tradução nossa)

¹⁵⁴ “With the full intertextual context restored, and presuming, as now seems altogether likely, that Lacroix’s account is itself based on de Lattre, it becomes clear that the former’s version of events is actually a ‘liberal’ distortion of the mulattophobic (hi)story told by the latter, whereas Hugo’s version is a faithful retelling of it. Which is not to say that Hugo was any more passive here than Lacroix: for, intimately familiar with both texts,

O Historiador James D. Popkin também analisa alguns relatos de homens brancos sobre os acontecimentos da Revolução Haitiana. No artigo “Uma revolução racial em perspectiva: relatos de testemunhas oculares da Insurreição do Haiti”, Popkin tem como objetivo principal analisar como a questão racial se transformou durante a Revolução Haitiana olhando para os relatos de homens brancos sobre o evento. A Revolução foi a primeira e única que na história na qual os escravizados africanos saíram vencedores, e por conta disso, o status dos antigos proprietários de escravos da ilha também se transformou. O autor busca compreender como essa transformação afetou a identidade racial branca naquele momento, e como isso também impactou na repercussão da Revolução. O autor afirma que,

O êxito da luta pela independência do Haiti desafiou a mais fundamental das asserções, sob as quais se construíra a identidade dos franceses e, mais além, de todos os europeus: a convicção de que as sociedades criadas pelas populações brancas, de origem europeia, estariam a salvo da destruição por pessoas de cor¹⁵⁵.

Em seu primeiro argumento, Popkin explica suas intenções ao utilizar fontes narradas em primeira pessoa escritas pelos brancos de São Domingos. Segundo o autor, são fontes que não relatam tudo o que aconteceu durante a revolução, mas que dão vislumbres de como a situação racial havia se invertido de forma drástica em São Domingos, e como os brancos reagiram a esta mudança¹⁵⁶. No relato *An Historick Recital, of the Different Occurrences in the Camps of Grande-Reviere [sic.], Dondon, Sainte-Suzanne, and others, from the 26th of October, 1791, to the 24th of December, of the same year By M. Gros, attorney syndic of Valiere, taken Prisoner by Johnny*, do cafeicultor Jerome Gros, este descreve como buscou se aliar aos negros insurgentes para conseguir sobreviver e também negociar com os brancos. O Relato de Gros, Segundo Popkin, é um dos poucos em primeira pessoa sobre a Revolução Haitiana que foi publicado e teve ampla distribuição¹⁵⁷. Gros foi prisioneiro de um grupo de

he decisively made a choice of one over the other, a choice that allowed him to provide a more evocative representation of revolutionary Saint-Domingue and the languages spoken there, but that simultaneously confirmed and prolonged the (execrable) biases of his 1805 source text. BONGIE, Chris. *Victor Hugo and the melancholy novel: Reading the Haitian Revolution in Bug-Jargal*. French Studies, Vol. LXXII, No. 2, 2018, p. 189. (Tradução nossa)

¹⁵⁵ POPKIN, Jeremy D. Uma revolução racial em perspectiva: relatos de testemunhas oculares da Insurreição do Haiti. *Varia História*, v. 24, 2008, p.294.

¹⁵⁶ “A despeito da perspectiva indireta com que apresentam a história que relatam, estes relatos são de grande interesse para o entendimento da Revolução do Haiti, e do cataclismo por ela ocasionado, no sistema de hierarquia racial do mundo ocidental.” *Ibidem*, p. 298.

¹⁵⁷ “O *Historick Recital*, de Gros, foi, de longe, entre os relatos de testemunhas do levante de São Domingos publicados na época, o que circulou de forma mais ampla. Ele apareceu em 1793, ao mesmo tempo em São Domingos, na França e nos Estados Unidos, onde foi impresso tanto em francês, quanto em inglês. Graças à sua ampla distribuição, ao seu status como o único grande relato de primeira mão acerca dos primeiros meses de

escravos rebeldes e, conseguindo a confiança dos insurgentes, se tornou escrivão dos negros, o que o fez se aproximar de alguns líderes e passar a admirá-los. O fato de Gros ter se aliado aos escravizados rebeldes de São Domingos é algo coincidentemente semelhante com uma passagem do romance *Bug-Jargal*, no momento em que o cidadão C... oferece seus serviços de economista para o general Biassou. Esse personagem, assim como Gros, teme pela sua vida¹⁵⁸, porém, o destino do personagem da narrativa de Hugo é a morte. Não podemos afirmar que Victor Hugo também utilizou este relato para basear esta cena do romance, mas é relevante ter em mente que os brancos se viram ameaçados pela inversão de poder que a Revolução Haitiana causou, e Hugo soube traduzir esse sentimento em sua obra. De acordo com Popkin,

Embora a história de Gros seja, em certo sentido, a história de um homem branco que utiliza sua inteligência para escapar do cativeiro, ela é, em outro sentido, uma profunda e perturbadora demonstração da fragilidade da identidade branca, definida em termos de superioridade sobre outras raças¹⁵⁹.

Popkin defende que a Revolução Haitiana foi um evento que colocou em xeque a ideia de superioridade branca, pois o fato de escravizados terem abolido o sistema que os escravizou foi o suficiente para que essa superioridade fosse abalada¹⁶⁰. Além disso, os relatos analisados pelo autor também demonstram que os brancos que foram testemunhas oculares da Revolução Haitiana não foram todos, necessariamente, contra a Revolução. Gros mesmo, apesar de não ter boas palavras sobre a massa de escravizados, construiu uma admiração para com os líderes da Revolução, como Toussaint Louverture, por exemplo¹⁶¹. Isto demonstra que, as fontes utilizadas por Victor Hugo para compor o seu romance estavam alinhadas com seus

insurreição, ao fato de ter sido feito por um observador que se encontrava dentro do acampamento negro, e pelo agudo poder de observação de seu autor, o relato de Gros continua a influenciar as descrições da Revolução, até os dias de hoje”. *Ibidem*, p. 302.

¹⁵⁸ “- Ilustre guerreiro, haverá em seu exército algum economista?

- Que é isto? Economista?

- Economista é um homem necessário por excelência, o único que pode apreciar, segundo seus valores respectivos, os recursos de um império, em escala, por ordem de importância”. HUGO, Victor. *Bug-Jargal*. São Paulo: Editora Assunção Ilimitada, 1946, p.100.

¹⁵⁹ POPKIN, Jeremy D. Uma revolução racial em perspectiva: relatos de testemunhas oculares da Insurreição do Haiti. *Varia História*, v. 24, 2008, p.306.

¹⁶⁰ “Origem de aproximadamente metade do açúcar e do café produzidos no mundo, em 1789, São Domingos chegou a parecer indispensável para a manutenção da civilização européia, e da economia atlântica. Seu surpreendente colapso, nas mãos de trabalhadores escravos que os próprios brancos haviam trazido da África, representou um enorme desafio para a preservação da identidade branca.” *Ibidem*, p. 295.

¹⁶¹ “Embora os brancos, por diversas vezes, tivessem ridicularizado o gosto dos generais negros por roupas extravagantes, Gros comenta que ‘este comandante-em-chefe do exército africano estava sempre bem vestido’. E, além de Jean-François, Gros também tinha coisas favoráveis a dizer acerca de inúmeros outros líderes negros, particularmente do futuro Toussaint Louverture, que era, oficialmente, na época da captura de Gros, somente um aide de camp de outro comandante negro, Biassou. Os comentários de Gros acerca de Toussaint, que constituem os mais antigos testemunhos acerca de seu papel na Revolução do Haiti, são breves, mas já descrevem-no como o hábil político que, como ele, se mostraria um perito em negociar com negros e brancos”. *Ibidem*, p.304.

posicionamentos políticos e ideológicos sobre a Revolução, que eram uma das várias respostas negativas sobre o evento.

Portanto, analisando as fontes que Hugo utilizou e como elas influenciaram inclusive na trama do romance, o posicionamento do escritor com relação a Revolução Haitiana fica ainda mais claro. O fato de ter usado como fonte homens que lutaram contra os escravizados rebeldes não é por acaso, pois apesar de ser um acontecimento que tinha muitos opositores, mesmo na França existiam intelectuais e testemunhas da Revolução que estavam ao lado dos escravizados, ou pelo menos da legitimidade da Revolução e da independência da ilha.

Podemos concluir que as duas versões de *Bug-Jargal*, de 1820 e de 1826, possuem como diferenças estruturais o posicionamento ainda mais racista com relação aos homens de cor de São Domingos, o esquecimento (ou talvez apaziguamento) da violência da escravidão e, em contrapartida, a violência que os escravizados utilizaram para tomar o poder da ilha. Não podemos esquecer, que Hugo escreve este romance no começo do século XIX, onde a escravidão ainda é comum em muitos lugares do mundo e o pânico sobre a Revolução Haitiana ainda não tinha sido superado, portanto, ele não foi o primeiro, e muito menos o último, que depreciou a Revolução e a luta dos haitianos a fim de reforçar a suposta inferioridade dos negros e a suposta superioridade dos brancos. Como comenta Susan Buck-Morss “os europeus do século XVIII estavam realmente pensando sobre a Revolução Haitiana precisamente porque ela desafiava o racismo de muitos de seus pressupostos”¹⁶². Com certeza, Victor Hugo foi um desses que se sentiu instigado pela Revolução, possivelmente, inspirando o escritor a pôr em prática em suas ideias sobre o romantismo.

IV. Uma Revolução Grotesca?

No artigo *Signs of Origin: Victor Hugo's "Bug-Jargal"*, da autora Katherine M. Bonin, temos a análise do conceito de sublime e de grotesco de Hugo, no que tange às características dos personagens. Um dos principais argumentos da autora é a afirmação de que o grotesco e o sublime, que Hugo define no prefácio de *Cromwell* (1827), aparece de “maneira subversiva”¹⁶³

¹⁶² BUCK-MORSS, Susan. “Hegel e o Haiti”. *Novos Estudos*, 90, julho 2011, p. 143.

¹⁶³ “This eruption of the grotesque within the sublime carries truly subversive implications, since it suggests that neither the grotesque nor the sublime resides wholly or permanently in any given text or speech. Bug-Jargal's grotesque reversals demonstrate the clear insight that meaning is contingent on variable points of view.” BONIN,

em *Bug-Jargal*. Ou seja, segundo Bonin, certos personagens são classificados como representações do sublime e outros como representações do grotesco, mas ao longo do livro essas classificações se misturam através da linguagem que Hugo resolveu adotar. A linguagem, segundo a autora, é usada como uma plataforma de poder, ou seja, a linguagem dos escravizados é violenta e cruel – assim como suas ações - mas também é uma linguagem que denuncia as crueldades do branco colonizador, pois ao mesmo tempo em que personagens como Habibrah e Biassou possuem atitudes violentas, elas são, de certa forma, explicadas pela violência da escravidão, porém isso não os redime¹⁶⁴. De acordo com Bonin,

Em *Bug-Jargal*, de 1826, o desafio à autoridade branca lançado pelos escravos rebeldes de São Domingos é representado, em parte, como um ataque à linguagem, e da linguagem: a retórica letal e sombriamente cómica dos líderes rebeldes Habibrah e Biassou oferece um exemplo precoce da imagem recorrente de Hugo do Terror revolucionário como uma inundação maciça de palavras que têm o poder de matar. Para além disso, a linguagem dos escravos rebeldes é representada como uma amálgama discordante de palavras e símbolos emprestados que conotam o poder e o prestígio da população branca da ilha. Embora reconheça a eficácia mortífera da retórica emprestada pelos rebeldes, o romance condena estes atos de apropriação como ridículos, blasfemos ou ambos¹⁶⁵.

Bonin também argumenta que o romance de Hugo, independente da ideologia que o represente melhor, é uma obra que se faz pela contradição, possuindo muitas ideias contrárias que acabam se juntando, o exemplo perfeito do sublime e do grotesco. Segundo a autora, “négrófilo ou négróphobo, politicamente conservador ou liberal, flagrantemente óbvio ou exigindo uma visão rara: *Bug-Jargal* provoca leituras fortemente polarizadas porque a obra está fundamentalmente em desacordo consigo mesma”¹⁶⁶. Está claro que o estudo sobre o sublime e o grotesco em *Bug-Jargal* não é novo, porém, a forma como Hugo utiliza estes artifícios para explicar a Revolução Haitiana é algo que buscaremos evidenciar. Dito isso, discordamos da

Kathrine M. Signs of Origin: Victor Hugo's "Bug-Jargal". *Nineteenth-Century French Studies*, Vol. 36, No. 3/4 (SPRING SUMMER 2008), p.202.

¹⁶⁴ “This painfully self contradictory novel is better understood, not as a reflection of the author's putative monarchist or liberal, pro- or anti-slavery convictions, but rather as an exploration of the relationship between language and the exercise of power”. *Ibidem*, p. 194.

¹⁶⁵ “In the 1826 *Bug-Jargal*, the challenge to white authority posed by Saint Domingue's rebellious slaves is figured in part as an assault on language, and of language: the lethal, darkly comic rhetoric of rebel leaders Habibrah and Biassou offers an early example of Hugo's recurring image of revolutionary Terror as a massive flood of words that have the power to kill. Moreover, the language of the rebel slaves is represented as a discordant amalgam of borrowed words and symbols that connote the power and prestige of the island's white population. Though it recognizes the deadly effectiveness of the rebels' borrowed rhetoric, the novel nonetheless condemns these acts of appropriation as ridiculous, blasphemous or both”. *Ibidem*, p. 194. (Tradução nossa)

¹⁶⁶ “Nérophile or nérophobe, politically conservative or liberal, glaringly obvious or requiring rare insight: *Bug-Jargal* provokes sharply polarized readings because the work is fundamentally at odds with itself”. *Ibidem*, p. 194. (Tradução nossa)

autora com relação a afirmação das convicções políticas de Victor Hugo não serem relevantes para a compreensão de *Bug-Jargal*, para a nossa análise elas são essenciais. Sobretudo, concordamos com Bonin sobre como esta obra de Victor Hugo possui uma ideologia contraditória, pois também é o argumento que Max Bach comprovou que os próprios críticos contemporâneos de *Bug-Jargal* também reconheceram. Porém, é importante lembrar o lugar social e político de Hugo como monarquista e ultraconservador no momento em que este romance é publicado, em conjunto com a sua relação íntima com a gênese do movimento romântico na França. A própria Bonin defende que Victor Hugo coloca na boca dos personagens negros/mestiços a linguagem de poder dos senhores brancos, porém, por serem os negros/mestiços que possuem o poder político dentro da narrativa, a caracterização destes como figuras de poder é feita de forma ridicularizada. Por isso, não descartamos a possibilidade de Hugo ter caracterizado os escravizados rebeldes e sua inversão do poder colonial como o ato “grotesco” do seu romance.

A estudiosa da literatura Susan Gillman em seu artigo *Victor Hugo's Bug-Jargal, Translationally* também analisa o grotesco e o sublime no romance de 1826. A autora tem como argumento principal que *Bug-Jargal* possui uma complexa demonstração das relações transatlânticas interracialis e como a partir delas surgiram diversos intercâmbios culturais¹⁶⁷. A linguagem crioula (mistura do francês com dialetos das várias etnias africanas que desembarcaram no Haiti) é algo muito presente no romance, ao mesmo tempo, a língua crioula, usada principalmente pelos personagens mestiços, é representada como uma forma deturpada da língua francesa e que reafirma a premissa de inferioridade dos personagens que se comunicam por esta língua. O narrador, Leopoldo, recorrentemente durante o romance, zomba da forma como os mulatos se comunicam¹⁶⁸. O personagem homônimo, Pierrot/Bug-Jargal, assim como o narrador branco, também condena as atitudes dos escravizados, especificamente sobre a crueldade com que os demais líderes da revolta lidam com os brancos, além da forma como cultuam o catolicismo¹⁶⁹. Ao mesmo tempo que Pierrot/Bug-Jargal, supostamente, luta

¹⁶⁷ “The novel thus registers the complex politics of transatlantic, interracial dialogue over this period and compresses France’s continuing engagement with the Haitian Revolution and Afro- Creole independence into the linguistic registers of the translational novel.” GILLMAN, Susan. *Victor Hugo’s Bug- Jargal, Translationally*. *The Journal of Nineteenth-Century Americanists*, Volume 3, Number 2, Fall 2015, p. 377.

¹⁶⁸ “- Que é isso? – perguntou-me em mau francês. – Acaso te empalaram como mereces, que não podes dobrar a espinha diante de João Biasson, generalíssimo do país conquistado e marechal de campo de sua Majestade Católica?” HUGO, Victor. *Bug-Jargal*. São Paulo: Editora Assunção Ilimitada, 1946, p. 75.

¹⁶⁹ “De que servem essas crueldades que levam os brancos à ferocidade? Por que valer-se de ridículas charlatanices para excitar o furor de nossos desgraçados companheiros, já fartos de exasperação? Romana, a profetiza, que fanatiza uma tropa inteira de negros, profana a santa missa e persuade-os de que está em relações com a Virgem, cujos supostos oráculos ouve [...]” *Ibidem*, p. 128-129.

para acabar com a escravidão, também não concorda com as atitudes dos outros líderes da Revolução que, segundo ele, se tornaram mais violentos que os senhores de escravos e utilizam ferramentas como a religião e o fanatismo para manipular a massa de escravos rebeldes. Portanto, em nossa análise, Victor Hugo caracteriza as atitudes dos revolucionários do Haiti como algo mais perverso do que própria a escravidão da qual estes foram vítimas.

Susan Gillman também comenta que enquanto Bug-Jargal fala espanhol de forma correta, utilizando a língua para cantar músicas de amor para Maria de forma anônima, Habibrah e Biassou utilizam o espanhol o misturando com o crioulo/francês para comunicarem os seus planos malignos¹⁷⁰. Hugo utiliza três línguas principais para construir *Bug-Jargal*: francês, crioulo e espanhol. Os personagens que falam espanhol e crioulo (Habibrah, Biassou) são os antagonistas, Leopoldo fala o francês correto da metrópole, enquanto Pierrot/Bug-Jargal também fala fluentemente francês, o crioulo dos escravizados e o espanhol. A partir desta afirmação, o argumento de Bonin sobre os personagens deste romance serem caracterizados tanto como sublimes quanto como grotescos fica ainda mais clara. Pierrot/Bug-Jargal é um exemplo claro pois, mesmo sendo um escravo letrado, de origem real africana e ter um posicionamento mais pacífico que os demais líderes da revolta ele ainda é visto como um escravo por Leopoldo. O exemplo de Habibrah e Biassou também é interessante, pois sendo a caracterizados como os mestiços cruéis e violentos, de acordo com Bonin, seus discursos acabam se assemelhando com o discurso colonial dos brancos, ao mesmo tempo que buscam se desvincular dessa dominância colonial¹⁷¹.

Um outro ponto interessante que Susan Gillman traz em seu estudo é que, de acordo com uma das principais fontes de Hugo sobre a Revolução Haitiana, Pamphile de Lacroix, Biassou não era “mulato” e sim negro. Segundo a autora, Victor Hugo precisava de uma figura vilanesca para contrastar com Bug-Jargal, entendido como o “bom negro”, ou seja, um

¹⁷⁰ “Whereas Bug- Jargal is a Toussaint- like crusader against injustice, who uses Spanish as a private language of fraternal communication with D’Auverney, Habibrah’s Spanish associates him with the novel’s threateningconspiracies and secret political communications, particularly the rebel alliance under Biassou with the Spanish, from whom the slaves receive arms and munitions from across the island. Biassou speaks for Habibrah and all the creolized slave plotters in the novel, the racially mixed figures proficient in the cultural idioms of their masters, who speak to/for the threatening process of transculturation whereby slaves have selectively appropriated New World culture and language as their own. GILLMAN, Susan. Victor Hugo’s Bug-Jargal, Translationally. *The Journal of Nineteenth-Century Americanists*, Volume 3, Number 2, Fall 2015, p. 381.

¹⁷¹ “In contrast, the special threat of the biracial “cannibals” of Bug Jargal is their intimate relationship with their white adversaries. Both Biassou and Habibrah make skilled use of the discourses of colonial authority, borrowing and undermining that authority at the same time: an eminently grotesque tactic of subversive mimicry, as Guerlac argues”. BONIN, Kathrine M. *Signs of Origin: Victor Hugo's "Bug-Jargal"*. *Nineteenth-Century French Studies*, Vol. 36, No. 3/4 (SPRING SUMMER 2008), p.199.

escravizado que compactua com a própria servidão, sendo subserviente ao seu senhor. Segundo Gillman,

Hugo precisa de um Biassou mulato demonizado para forjar a oposição à Bug-Jargal, “um negro esplêndido, muito gentil, muito forte, muito corajoso” (de acordo com o velho francês sargento, braço direito de D’Auverney); a oposição aparece para descansar na distinção problemática, regularmente feita dentro de ambas comunidades negras e brancas, escravas e livres, entre “negros crioulos” (escravos nascidos no Novo Mundo) e “negros congos – um termo impróprio e termo muito geral usado na colônia para designar todos os escravos trazidos de África”.¹⁷²

Novamente, vemos Victor Hugo utilizando os “mulatos” de São Domingos como bodes expiatórios do romance. Mas algo que também pode explicar a mudança está no fato de que Biassou, tinha se juntado aos espanhóis durante o início da Revolução, isolando-se na Flórida (então colônia espanhola na época)¹⁷³. Portanto, lembrando que Bug-Jargal/Pierrot é um personagem que foi inspirado no próprio Toussaint Louverture¹⁷⁴, faz sentido que Biassou seja colocado como antagonista, pois além de ter se juntado aos espanhóis, que também eram rivais da França na época, no romance de Jean-Baptiste Piquenard, *Adonis ou o bom negro* (1798), Biassou também é o vilão e também é caracterizado como “mulato”, obra que inspirou a trama de *Bug-Jargal*. Ligando esta questão com o fato de Biassou falar espanhol e crioulo durante o romance, fica claro aqui que essas duas línguas estão ligadas ao grotesco assim como a mestiçagem.

Outra questão é a forma como os personagens principais do romance são caracterizados com pelo menos dois nomes. O narrador-personagem Leopoldo D’Auverney possui este nome no romance, mas no conto é denominado de Delmar. Bug-Jargal é o nome de batismo do

¹⁷²“ Hugo needs a demonized mulatto Biassou to forge the opposition to Bug- Jargal, ‘a splendid negro, very gentle, very strong, very courageous’ (according to the old French sergeant, right- hand man of D’Auverney, 195); the opposition turns out to rest on the problematic distinction, regularly made within both black and white, slave and free communities, between ‘creole blacks’ (slaves born in the New World) and ‘congo negroes—an improper and too general term used in the colony to designate all slaves brought from Africa’”. GILLMAN, Susan. Victor Hugo’s Bug- Jargal, Translationally. *The Journal of Nineteenth-Century Americanists*, Volume 3, Number 2, Fall 2015, p.380. (Tradução nossa)

¹⁷³ “O ano de 1794 foi decisivo para Biassou: tremendo o poder crescente de Toussaint, tramou um atentado (mal-sucedido) contra este; a França Republicana aboliu a escravidão. Aliado à França, Toussaint manda fuzilar Jaeanot Bullet. Biassou, apoiado pelos espanhóis, exila-se na Flórida (então colônia da Espanha) onde se torna comandante das milícias de negros e morre antes da Independência do Haiti.” MOREL, Marco. *A Revolução do Haiti e do Brasil escravista: o que não deve ser dito*. Jundiá: Paco Editorial, 2017, p. 60.

¹⁷⁴ “Hugo escolhe trabalhar o personagem Toussaint e reflete principalmente sobre a questão da escravidão e da abolição propriamente. O herói, que leva o nome do romance, é um simples escravo, Pierrot, que passa a ser chefe de um grupo de marrons. Respeitado pelos escravos, Bug-Jargal se depara com a impossibilidade de ter a mulher amada, personagem branca, Marie”. OYAMA, Maria Helena Valentim Duca. *O Haiti como locus ficcional da identidade caribenha: olhares transnacionais em Carpentier, Césaire e Glissant*. Tese (Doutorado em Literatura), Universidade Federal Fluminense, 2009, p. 108.

príncipe do Congo no romance, e seu nome como escravo em São Domingos é Pierrot. Habibrah é o nome do escravo anão que servia de bobo da corte para o Tio de Leopoldo no romance, mas o personagem também é conhecido como obi (feiticeiro) dentro do exército de escravos rebeldes de Biassou. Os dois últimos personagens possuem essa divisão entre sublime e grotesco de forma mais explícita, pois Bug-Jargal/Pierrot ao mesmo tempo que é escravo também é da realeza africana, e o fato de ser um negro congo (ou seja, de ter nascido originalmente na África) também é importante, pois é uma possível forma de Victor Hugo demonstrar que, por mais que ele ainda seja considerado inferior por ser negro, ele é respeitado pelos seus (e em seguida por Leopoldo) por ser da realeza e, principalmente, por não ser mestiço¹⁷⁵. Em contrapartida, temos Habibrah/obi, um homem anão, mestiço, que é humilhado a vida inteira pelo seu senhor e que se dedica fielmente à vingança contra Leopoldo e seu tio. Diferente do escravo-príncipe, Habibrah/obi utiliza a sua influência dentro da casa senhorial de forma maligna, portanto, os dois personagens são claramente o oposto um do outro. Porém, mesmo colocando Bug-Jargal em um patamar acima dos demais escravizados (negros ou mestiços), assim como Habibrah no final do livro caindo de uma clareira, Bug-Jargal morre com um tiro do sargento Tadeu, amigo de Leopoldo. Os dois personagens não tem a sua redenção, pois mesmo tendo matado o tio de Leopoldo, Habibrah não se sente vingado, tentando matar o próprio Leopoldo e morrendo no processo; e Bug-Jargal, que queria justiça pela morte de sua família, acaba sendo morto por um soldado das forças coloniais de São Domingos.

Podemos concluir que Victor Hugo utilizou sim o conceito de sublime e grotesco no romance *Bug-Jargal*, não apenas na construção dos personagens e suas motivações, mas demonstrando que a própria Revolução Haitiana (ou pelo menos a revolta que deu início a ela, retratada no romance) foi um momento grotesco. As descrições das belas paisagens de São Domingos antes do início da revolta, podem ser interpretadas, em oposição às descrições das chamas que tomaram conta das plantações com o início da rebeldia escrava, assim como o casamento dos jovens Leopoldo e de Maria sendo interrompido pela revolta, o que demonstra que esse conceito também se volta para a Revolução em si. É importante lembrar que Hugo só

¹⁷⁵ “Victor Hugo concebe a personagem Bug-Jargal como o exemplo do “negro puro” que, por esse facto, é generoso e nobre, por contraposição à maioria dos insurrectos de São Domingos em 1791, que são de sangue misturado e por isso degenerados e cruéis. É o próprio Bug-Jargal, aliás, quem chama monstro ao chefe rebelde Biassou e atribui a sua pretensa monstruosidade cultural ao facto de Biassou não ser um negro e sim um mestiço (HUGO, 1977, p. 208)”. PINTO, Alberto Oliveira, “Bug-Jargal de Victor Hugo: As representações culturais e somáticas dos escravos de São Domingos como legitimação da negrofilia e do abolicionismo”, Lisboa: 5th European Conference on African Studies, 2014, p. 1682.

publica o seu manifesto romântico em 1827, um ano depois da publicação de *Bug-Jargal*, portanto, a hipótese de que este romance - mais especificamente, a Revolução Haitiana - foi crucial para que o sublime e o grotesco de Hugo pudessem nascer não pode ser descartada.

Sendo assim, Victor Hugo, nome de destaque do início do romantismo francês, e que a partir de seu manifesto romântico quebrou as regras da expressão artística neoclássica; em nossa análise, também utilizou seus parâmetros de liberdade artística, originalidade, ode à monarquia e as representações dos tempos passados para definir a sua versão da Revolução Haitiana. O fato de existirem duas versões dessa história, em 1820 como um conto, e em 1826 como um romance, também nos demonstram que, além de ter ampliado a narrativa do conto, Victor Hugo também deu a versão em romance uma linguagem típica desta expressão artística. Além disso, o autor utilizou seus conceitos de grotesco e sublime para caracterizar, não só os personagens da sua trama, mas também para construir a sua imagem do que foi a Revolução Haitiana. Nossa conclusão, é que Victor Hugo, assim como muitos intelectuais e artistas de seu tempo, viu a Revolução Haitiana como um momento catártico, e ao expor suas ideias preconceituosas para com os escravizados rebeldes do Haiti o escritor também acabou revelando as barbaridades que esses sofriam em cativeiro, mesmo esta não sendo a sua intenção inicial. Nos é evidente, portanto, que pelo menos neste momento de sua carreira, Hugo via a agência dos escravizados do Haiti com relação a luta pela própria liberdade como algo perigoso, a ponto de destes escravizados tornarem-se, em sua obra, cruéis e cegos pela vingança contra seus algozes brancos.

Capítulo III

“Liberdade ou Morte”: Victor Hugo e o abolicionismo

Em 1884, a então província do Ceará, se tornava uma das primeiras regiões do Império do Brasil que optara pela abolição da escravidão¹⁷⁶. No dia 18 de abril de 1884 o abolicionista e jornalista, José do Patrocínio (1853-1905), em homenagem ao ocorrido no nordeste do país, publica em seu jornal, *Gazeta da Tarde*, uma carta escrita por Victor Hugo. A missiva era uma resposta a outra correspondência que Patrocínio tinha enviado para Hugo e para Victor Schoelcher (1804-1893), importante abolicionista francês. Nesta primeira carta, enviada no dia 22 de março de 1884, Patrocínio convida as duas ilustres figuras para um banquete que seria dado em homenagem às grandes referências do abolicionismo francês. Patrocínio também os avisou que a então província do Ceará estava prestes a abolir a escravidão em seu território. Segundo Patrocínio,

Longe de minha pátria, pensei em reunir, para celebrar esta data humana, um pugillo dos corações ativos que combateram sempre pela justiça e pelo progresso da Humanidade. Eu não podia, pois, esquecer seu nome, repetido sempre na fileira da legião dirigida por Victor Hugo. Espero que me dará a honra de aceitar o convite, que lhe dirijo, concorrendo assim com um raio de sua glória para tornar ainda mais brilhante para a causa dos oprimidos¹⁷⁷.

Segundo José do Patrocínio, o político Édouard Lokroy (1838-1913) ficou responsável por repassar sua carta para Victor Hugo, porém, “tendo recebido um golpe violento de ar frigidíssimo, ao sair da Câmara dos Deputados, Lokroy não pode desempenhar-se da promessa e demorou assim a entrega da página de Victor Hugo [...]”¹⁷⁸. Por conta desse imprevisto, a carta só chegou às mãos de Hugo no dia 25 de março, sendo publicada no jornal brasileiro no dia 18 de abril de 1884. Nesta resposta a Patrocínio, Victor Hugo comenta que

Uma província do Brasil acaba de declarar abolida a escravidão no seu território. Para mim esta notícia é imensa. A escravidão é o homem transformado em besta dentro do próprio homem. Tudo quanto sobrevive de inteligência humana nessa vida animal, é propriedade da vontade e do capricho do senhor. Daí cenas horríveis [...] O Brasil tem um imperador, mas este

¹⁷⁶ Ver DE SOUZA MARTINS, Paulo Henrique. Processo de abolição no Ceará: história, memória e ensino. *Revista Historiar*, v. 6, n. 11, 2014.

¹⁷⁷ “O dia 25 de Março em Pariz”. *Gazeta da Tarde*, 18 de abril de 1884.

¹⁷⁸ *Idem*.

imperador é mais do que isso, é um homem. Que ele continue. Nós o felicitamos, nós o honramos. Antes do fim do século a escravidão terá desaparecido da face da terra¹⁷⁹.

O apelo que Victor Hugo faz ao então Imperador do Brasil, Dom Pedro II, para que os demais escravizados do país também tivessem a liberdade concedida é algo que nos faz pensar na seguinte questão: este é o mesmo Victor Hugo que, no começo do século, escreveu o romance *Bug-Jargal*, obra em que o autor delega a culpa da escravidão aos próprios escravizados? É o mesmo literato que havia representado o líder de uma revolução a favor dos brancos da antiga São Domingos? Definitivamente não parece ser o mesmo. Este registro que Patrocínio publica em seu jornal demonstra que, pelo menos com relação ao abolicionismo, Hugo com certeza havia mudado suas opiniões. Ao longo do tempo, parecia ter chegado a novas conclusões sobre a escravidão. Contudo, uma outra pergunta ainda se faz necessária: os anos também mudaram as concepções de Victor Hugo sobre a Revolução Haitiana e sobre o papel dos escravizados na luta contra a escravidão? Ao defender o abolicionismo em 1884, Hugo imaginava que a luta pela liberdade seria ou deveria ser protagonizada pelos próprios escravizados, como ocorrera no Haiti?

Em 1826, ao publicar seu romance *Bug-Jargal*, Victor Hugo não deixara explícito, em nenhum momento, quais eram suas opiniões sobre o abolicionismo. Ao contrário de suas afirmações, por exemplo, sobre o papel da raça e da miscigenação nos eventos ocorridos na ilha de São Domingos¹⁸⁰. Mas é bom lembrar que o conto homônimo, que deu origem ao romance, publicado na revista de Hugo e seu irmão Abel, a *Le Conservateur Littéraire*, viera à luz em 1820, 13 anos após a abolição do tráfico de escravos na Inglaterra. Assim, os debates sobre esta questão estavam extremamente aflorados e a campanha abolicionista começava a ganhar uma dinâmica internacional. Por outro lado, em 1826, quando Hugo publicou *Bug-Jargal* como um romance, a França – que era governada por Carlos X, da dinastia restaurada dos Bourbon – tinha finalmente reconhecido a independência do Haiti, em 1825; depois de algumas tentativas de retomar a posse da ilha. Porém, um preço pela liberdade haitiana foi cobrado do novo país que teve que pagar uma indenização de aproximadamente 150 milhões de francos somados à diminuição da inflação para os produtos franceses¹⁸¹.

¹⁷⁹ *Idem*.

¹⁸⁰ Ver PINTO, Alberto Oliveira, “Bug-Jargal de Victor Hugo: As representações culturais e somáticas dos escravos de São Domingos como legitimação da negrofilia e do abolicionismo”, Lisboa: 5th European Conference on African Studies, 2014.

¹⁸¹ “A França só reconheceu a Independência do Haiti impondo condições esmagadoras. Charles X, recém-empossado no trono e de tendência ultraconservadora (seria deposto cinco anos depois pelo movimento das barricadas das Três Jornadas de Julho de 1830), assinou em 17 de abril de 1825 um decreto “concedendo” a Independência e enviou à antiga colônia uma frota de 14 navios de guerra com ordem de atacar caso o governo

Victor Hugo foi um dos diversos artistas que receberam pensões da monarquia Bourbon, portanto, não é de se descartar a hipótese de que seu alinhamento político nesta época estava dentro de uma esfera anti-abolicionista, ou ainda ressentida da perda de sua maior colônia, da então monarquia francesa. Importante dizer que, apesar de ter reconhecido a independência do Haiti, a França manteve a escravidão em suas outras colônias até 1848, até a fundação da chamada Segunda República Francesa. Ou seja, oficialmente o Estado francês por muitos anos depois da revolução no Haiti optara por manter uma lógica escravista para suas atividades econômicas nas colônias. Diante deste contexto, nosso objetivo neste capítulo é analisar a trajetória política de Victor Hugo, do início de sua carreira com *Bug-Jargal* até o fim de sua vida, para compreender como o autor lidou com questões como a escravidão, o abolicionismo e a Revolução Haitiana ao longo desta trajetória. Victor Hugo viveu por quase todo o século XIX e, por ser um homem deste século de grandes transformações esse momento definitivamente também afetou como o escritor compreendeu e opinou sobre essas questões ao longo de sua vida.

I. Abordagens sobre os abolicionismos francês e inglês:

O primeiro grande movimento para que a abolição da escravidão começasse a ser pensada, tomando forma de uma luta pública, iniciou-se com a Inglaterra e sua grande campanha para o fim do tráfico de escravos. Em 1807, o parlamento inglês promulgou a lei que dava fim ao tráfico de escravizados¹⁸². O mais curioso desta lei, e da pressão que a Inglaterra fez para que o tráfico fosse abolido, é o fato de que antes dessa grande campanha o país era um dos maiores traficantes de escravizados do mundo. A Inglaterra, durante a era colonial, foi uma das nações que mais traficou pessoas da África para as Américas. Mas em 1807, após pressões políticas internas, tomou a decisão histórica de abolir o tráfico. Segundo Francisca Pereira Siqueira, no seu artigo “Abolicionismo inglês e francês (1787-1833) em perspectiva comparada”, isso

haitiano, presidido por Jean-Pierre Boyer, não aceitasse pagar indenização estipulada em 150 milhões de francos, o que equivalia a 10 anos de receitas fiscais do país. O monarca europeu exigia, ainda, redução de 50% dos direitos de alfândega aos produtos exportados para a França. Acossado e após três décadas de conflitos sangrentos, o governo haitiano engoliu a imposição, de consequências trágicas para o futuro do país”. MOREL, Marco. A Revolução do Haiti e o Brasil escravista: o que não deve ser dito. Jundiá: Paco Editorial, 2017, p.111.

¹⁸² “Durante toda primeira metade do século XIX, razões morais e religiosas, apoiadas pela opinião pública, levaram a Inglaterra e empreender uma campanha internacional de condenação ao tráfico e à escravidão. Contudo, foram necessários 20 anos de intensa pressão da opinião pública e de debates Parlamentares, tendo William Wilberforce como principal apologista e orador, para que o tráfico de escravos fosse abolido e tornasse ilegal em todos os territórios da monarquia inglesa em 1807, e outros 26 anos para que fosse abolida a escravidão”. SIQUEIRA, Francisca Pereira. Abolicionismo inglês e francês (1787-1833) em perspectiva comparada. Revista de História Comparada, v. 12, n. 2, p.35.

ocorreu devido aos debates iluministas na Grã-Bretanha, que também estavam aliados às questões morais e religiosas¹⁸³, no qual o questionamento sobre a humanidade dos escravizados, além da igualdade de direitos entre brancos e negros, começou a ser pautado de forma mais generalizada. Obviamente, razões econômicas e estruturais do sistema colonial também foram essenciais para que a discussão sobre a abolição começasse a ser pautada, porém, é importante salientar, antes de mais nada, que a abolição do tráfico e, conseqüentemente da escravidão, foi um processo histórico que se iniciou por conta de motivos diversos, não sendo, portanto, um processo que possui apenas uma causa principal. E vale destacar que, entre esses motivos, também estava a ação dos próprios escravizados, rebelando-se em diferentes lugares¹⁸⁴.

Segundo Siqueira, o fato da Inglaterra, entre o fim do século XVIII e início do século XIX, possuir uma certa liberdade de imprensa, sendo essa imprensa extremamente influente na população, também foi importante para que o movimento abolicionista se consolidasse no país. A partir de protestos, abaixo-assinados, boicotes aos produtos coloniais produzidos por escravos, entre outras mobilizações, o movimento abolicionista inglês conseguiu chegar ao parlamento, fazendo com que, ao longo das últimas décadas do século XVIII, a concepção de que a escravidão (e o tráfico) era imoral e economicamente atrasada se espalhasse nas discussões políticas, econômicas e sociais do país. Segundo a autora,

Mesmo com os horrores do tráfico e da escravidão, a oposição ao sistema escravista, desenvolveu de forma lenta e gradual. Só a partir do segundo quartel do século XVIII, é que o sentimento de preocupação com a situação dos escravos e da moralidade do tráfico, começou a tomar forma na Inglaterra. Esta mudança de mentalidade foi motivada por reflexões complexas, tais como: as transformações econômicas e sociais trazidas pela crescente industrialização e urbanização; novas ideias sobre a utilização da mão-de-obra; as mudanças políticas e as novas percepções de Império trazidas pelo final da Guerra da Independência que levou na década de 1777, a perda das Treze Colônias e à formação dos Estados Unidos da América¹⁸⁵.

¹⁸³ “Apesar de inexpressiva, uma das primeiras manifestações contrárias ao sistema escravista de que se tem conhecimento, surgiu na América quando ela ainda era uma colônia britânica, através dos escritos do puritano Samuel Sewall (1652-1730).¹⁴ Em seu panfleto anti-escravidão, *The Selling of Joseph*, publicado em Boston no ano de 1700, Sewall cita passagens da Bíblia para condenar o comércio e prática escravista. Contudo, apesar da sua ousadia, ao oferecer provas desses males deixou escapar pensamentos segregacionistas e racistas, colocando em evidência os preconceitos da sua época”. *Ibidem*, p. 41.

¹⁸⁴ Ver LINEBAUGH, Peter & REDIKER, Marcus. *A hidra de muitas cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

¹⁸⁵ SIQUEIRA, Francisca Pereira. Abolicionismo inglês e francês (1787-1833) em perspectiva comparada. *Revista de História Comparada*, v. 12, n. 2, 2018, p.41-42.

Assim, em 1807 a lei contra o tráfico foi criada e a influência internacional da Inglaterra durante o século XIX foi essencial para que também se iniciasse uma campanha contra o tráfico. Um exemplo claro é a primeira lei anti-tráfico de 1831, criada no Brasil Imperial, que ficou conhecida como a “lei para inglês ver”¹⁸⁶. Embora fosse seu propósito, considerar livre todo africano escravizado que desembarcasse em terras brasileiras, esta lei não aboliu o tráfico de forma efetiva. Em plena expansão do café, de 1831 a 1850, quando o tráfico de fato proibido no Brasil, ocorreu, na verdade movimento inverso, com uma enorme quantidade de desembarques ilegais e clandestinos de escravizados ocorrendo no litoral brasileiro. Aliás, é importante dizer que, não só no Brasil, mas nas Américas, as primeiras décadas do oitocentos foram marcadas pelo recrudescimento da escravidão no Atlântico, iniciada já a partir dos finais do século XVIII, como resultado e elemento formativo do mercado mundial capitalista¹⁸⁷. Isso tudo a despeito de uma forte pressão inglesa para o fim do tráfico no Atlântico. Conduto, é importante ressaltar que a abolição da escravidão nas colônias inglesas só aconteceria mesmo em 1833, nas quais foi instaurado processos de transição do trabalho compulsório para o livre. O fato da escravidão também se transformar, ao longo do tempo, em uma atividade economicamente imoral foi importante para o movimento inglês, pois o argumento daqueles que ainda defendiam a escravidão era que esta tinha gerado diversas riquezas para as nações envolvidas, contribuindo com uma grande parcela da riqueza necessária para que a revolução industrial pudesse acontecer¹⁸⁸. Porém, segundo Siqueira,

Ao longo das últimas décadas do século XVIII, a ideia de que a escravidão era moral e economicamente errada, se espalhou na política econômica e por todas as classes sociais. Os pensadores econômicos passaram a condenar qualquer tipo de escravidão. Afirmaram que a escravidão era deficitária na medida que empregava uma enorme quantidade de capital humano, que produzia muito aquém daquele gerado por homens livres¹⁸⁹.

¹⁸⁶ Ver MAMIGONIAN, Beatriz. *Africanos livres: A abolição do tráfico de escravos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

¹⁸⁷ Sobre o recrudescimento da escravidão no Atlântico ocorrido entre o final do século XVIII e as primeiras décadas do XIX, a historiografia criou o conceito de “Segunda Escravidão”. Embora o mesmo período fosse marcado pela era das Revoluções e por muitos movimentos sociais contrários à escravidão, o modelo escravista conseguiu se impor por décadas em algumas das economias mais importantes das Américas, entre elas Estados Unidos e Brasil. Para saber mais ver TOMICH, Dale. *Pelo prisma da escravidão. Trabalho, Capital e Economia Mundial*. São Paulo: Edusp, 2011.

¹⁸⁸ O historiador nigeriano Josef Inikori, em *Africanos e a revolução industrial na Inglaterra*, analisou o papel dos africanos na Revolução Industrial inglesa, tanto no contexto do comércio internacional como no desenvolvimento econômico, e concluiu que o tráfico e a escravidão foram cruciais para a economia britânica, desenvolvendo não só nas manufaturas, mas também na navegação e finanças, no século XVIII.” SIQUEIRA, Francisca Pereira. Abolicionismo inglês e francês (1787-1833) em perspectiva comparada. *Revista de História Comparada*, v. 12, n. 2, 2018, p. 40.

¹⁸⁹ *Ibidem*, p. 43.

Ainda de acordo com Siqueira, diferentemente da Inglaterra, a França não teve um movimento abolicionista tão popular. A França foi a primeira nação europeia a abolir a escravidão de suas colônias por conta da Revolução Haitiana, que pressionou a Assembleia Nacional do país a abolir a instituição escravista, tendo como objetivo imediato conter as revoltas escravas da ilha¹⁹⁰. Contudo, com a chegada de Napoleão Bonaparte ao poder da França como cônsul em 1799, o sistema escravista nas colônias foi logo restaurado em 1802. Segundo Siqueira o fato da França no final do século XVIII e começo do século XIX, ter se tornado um império nas mãos de Napoleão Bonaparte, no qual as liberdades de imprensa foram limitadas, fez com que a discussão ficasse mais restrita aos filósofos iluministas e as pequenas sociedades criadas em prol do fim da escravidão, tais como a Sociedade dos Amigos dos Negros. Para estes simpatizantes dos escravos africanos, a questão não era apenas moral e religiosa, como colocavam os ingleses, mas também estava ainda mais relacionada à ideia de igualdade entre os seres humanos. Para estes franceses, a escravidão não era um estado natural do ser humano, e a visão do escravo africano como igual ao europeu branco foi pautada por estes abolicionistas. De acordo com a autora,

Por outro lado, enquanto os abolicionistas britânicos decidiram pela estratégica de concentrar seus ataques especificamente ao tráfico de escravos, os abolicionistas franceses discutiam planos para a abolição gradual da escravatura, o fim do tráfico e a concessão de direitos civis para aos homens de cor livres educados das colônias¹⁹¹.

Siqueira também afirma que o debate sobre a o fim da escravidão na França, no âmbito da opinião pública, teve mais resistência porque, diferente dos ingleses, que primeiro combateram o tráfico e depois combateram a escravidão, os franceses acabaram com as duas atividades de uma só vez, em 1794. Além disso, segundo a autora, os horrores contados sobre a Revolução Haitiana e a forma como os brancos foram massacrados na antiga colônia deixou tudo mais difícil para o movimento se consolidar no país. Segundo a autora, “ao contrário dos britânicos, os franceses acreditavam que o tráfico desapareceria depois de erradicada a

¹⁹⁰ “Quando, finalmente, a França revolucionária resolve abolir a escravidão de suas colônias, em 1794, o escravismo já estava destruído de fato em São Domingos pela ação, revolucionária também, de seus habitantes escravos, libertos e livres.” MOREL, Marco. A Revolução do Haiti e o Brasil escravista: o que não deve ser dito. Jundiá: Editora Paco, 2017. p.86.

¹⁹¹ SIQUEIRA, Francisca Pereira. Abolicionismo inglês e francês (1787-1833) em perspectiva comparada. Revista de História Comparada, v. 12, n. 2, 2018, p.57.

escravidão. Por isso a causa abolicionista francesa sofreu forte resistência tanto na Assembleia Nacional, como na opinião pública”¹⁹².

Laurent de Saes no artigo “A Sociedade Amiga dos Negros: o antiescravismo na revolução francesa”, analisa a formação da Sociedade Amiga dos Negros, criada em 1788 na França. Num momento em que a Inglaterra e os Estados Unidos também conheciam o surgimento de sociedades antiescravistas, a Sociedade dos Amigos dos Negros, segundo o autor, “surgiu como parte de uma tendência internacional que viu a formação de movimentos da mesma natureza nas principais potências escravistas”. A entidade foi concebida, aliás, como uma espécie de “filial de sua correspondente britânica, a Society for Effecting the Abolition of Slave Trade, surgida em 1787”¹⁹³. Segundo o autor, esta associação defendia, principalmente, uma abolição gradual da escravidão e o aumento da fiscalização no tratamento dos senhores com seus escravos. Um dos grandes medos da metrópole era que uma rebelião de escravos fosse forte o suficiente para que as suas colônias se tornassem independentes (o que de fato aconteceu com o Haiti). A defesa, então presente nessas sociedades, era de uma escravidão “mais branda”, na qual os maus tratos que os escravizados recebiam não se voltassem contra os senhores. No fim do século XVIII, importante lembrar, o número de rebeliões escravas aumentara gradativamente nas colônias caribenhas – especialmente nas possessões francesas e inglesas - fruto de um intenso tráfico de escravos e de uma violência ainda mais intensa para que produtividade nas fazendas de açúcar aumentasse e, conseqüentemente, o lucro das metrópoles também. Segundo De Saes,

Assim, em de fevereiro de 1788, um grupo de homens liderado por três notórios personagens da Revolução – Jacques-Pierre Brissot de Warville (advogado e homem de letras), Étienne Clavière (banqueiro e negociante) e o conde de Mirabeau (homem de letras, filho do famoso fisiocrata) – reuniu-se em Paris para formar “[...] em Sociedade, no intuito de concorrer, com aquela formada em Londres, para a abolição do tráfico e da escravidão dos Negros [...]” (REGISTRE de la Société des Amis des Noirs, 1988: 61-62). No discurso inaugural, Brissot traçou as linhas gerais que orientariam o trabalho da entidade. A sua preocupação central, além de manifestar o caráter profundamente moral da causa antiescravista, era ressaltar a moderação dos objetivos da Sociedade, que visava não apenas defender os escravos negros, mas também conciliar os mais diversos interesses envolvidos [...] ¹⁹⁴

¹⁹² *Ibidem*, p.17.

¹⁹³ DE SAES, Laurent Azevedo Marques. a sociedade dos amigos dos negros: o antiescravismo na revolução francesa. História Econômica & História de Empresas, v. 16, n. 2, 2013, p.277.

¹⁹⁴ *Ibidem*, p. 278.

Portanto, a Sociedade Amiga dos Negros era uma associação abolicionista que, no início de suas atividades, buscava reformar a escravidão ao invés de acabar com o sistema. De Saes, assim como Siqueira, afirma que diferente do abolicionismo inglês que conseguiu adesão da sociedade civil antes de chegar nas discussões legislativas, a Sociedade Amiga dos negros era restrita a uma elite intelectual e econômica da França, além de ter alguns membros do clero e membros da nobreza¹⁹⁵. Era necessário ter uma renda alta para poder participar, além do fato de que para ser um membro se fazia necessário ser convidado por pessoas que já participavam da Sociedade. Pouquíssimos membros da Sociedade eram das colônias, o que demonstra que seus interesses eram voltados totalmente para a metrópole¹⁹⁶.

De Saes também argumenta que a Sociedade tinha em vista primeiro a abolição do tráfico de escravos e, gradualmente, abolir a escravidão, princípio parecido com o do abolicionismo inglês. Para alcançar este objetivo, em primeiro lugar, os membros da Sociedade argumentavam que era necessário conter as rebeliões escravas que estavam tomando conta das colônias. Em segundo lugar era preciso transformar as colônias em mercado consumidor, pois os produtos franceses não eram os melhores da Europa, o que os obrigava a exportar os produtos das colônias e de outros países europeus. Além disso, seria necessário fazer com que os senhores de escravos não se voltassem contra a metrópole, pois para conseguir atingir os objetivos que a Sociedade pregava seria necessário intervir na relação dos senhores com os seus escravos, o que mexia na autonomia destes com as suas “propriedades”. De acordo com o autor,

A necessidade da consideração do interesse público – isto é, a conservação das colônias – era uma ideia crucial no discurso dos Amigos dos Negros, que acreditavam ser possível – e necessário – avançar na via emancipadora, sem infringir os interesses legalmente estabelecidos. Na sua concepção, era preciso promover mudanças sem provocar grandes abalos no sistema e, nesse sentido, a propriedade privada, mesmo a propriedade sobre o escravo, não podia ser abruptamente suprimida. O plantador, fomentador da produção colonial, não podia ser, de uma hora para outra, privado da totalidade de sua mão de obra. Era preciso preparar a economia colonial para a transição para o trabalho livre, permitindo que os plantadores se ajustassem, absorvendo o impacto das perdas iniciais¹⁹⁷.

¹⁹⁵ “Levando em conta os 174 membros que pudemos identificar, o primeiro aspecto que salta aos olhos é a sobre representação da nobreza, que reunia a metade, pelo menos, dos membros da Sociedade: muitos deles tinham sido enobrecidos pela aquisição de cargos, mas, na maioria dos casos, tratava-se de indivíduos pertencentes a uma alta-nobreza esclarecida”. DESAES, Laurent Azevedo Marques. a sociedade dos amigos dos negros: o antiescravismo na revolução francesa. História Econômica & História de Empresas, v. 16, n. 2, 2013, p.280.

¹⁹⁶ “O seu objetivo não era, portanto, fomentar movimentos revolucionários nas colônias e nem mesmo provocar a adoção de medidas abruptas, mas reunir da dose utilizá-los como base para projetos que permitiriam a superação gradual do sistema colonial baseado na escravidão negra (RÈGLEMENTS de la Sociétés des Amis des Noirs, 1789: 13).” *Apud.Ibidem*, p. 278.

¹⁹⁷ *Ibidem*, p. 287.

Entretanto, por mais que tenham conseguido um certo espaço institucional na década de 1790, participando do processo da lei que daria direito aos “homens de cor”, livres, das colônias francesas e pautassem a abolição do tráfico de escravos, a Sociedade Amiga dos Negros não conseguiu mais nenhum espaço de destaque na vida pública depois de 1797. Para o autor, isso demonstra que os interesses dessa classe de homens ainda estavam em desacordo com as mudanças estruturais que estavam acontecendo tanto na França, quanto nas colônias, em especial, em São Domingos. Segundo o autor,

Quanto aos Amigos dos Negros, suas ideias nunca foram, ao longo de todo o período, efetivamente colocadas em prática. Incapazes de convencer a Nação de que era desejável operar a transformação de um sistema que havia se revelado bem sucedido até então, o seu fracasso traduziu, de certa forma, as contradições de um país em pleno processo de transformação institucional, mas economicamente ainda atado a determinados modelos de desenvolvimento¹⁹⁸.

É importante recordarmos que em *Bug-Jargal*, Victor Hugo, insere uma narrativa, colocando a associação de colonizadores anti-abolicionista “Clube Massic”, criada pelo colono Moreau de Saint Mery, fazendo o papel da Sociedade Amiga dos Negros tinha na sociedade francesa. Esta confusão, feita por Victor Hugo, com os objetivos dessas associações, nos revela que o escritor além de não estar completamente atento historicamente, provavelmente não compactuava com a forma como a Sociedade Amiga dos Negros lidava com a luta contra a abolição, ou pelo menos com a atitude imediatista do governo francês da época¹⁹⁹. É certo que a Sociedade foi importante para que os direitos dos mulatos fossem aprovados, e em alguns trechos do romance, Hugo descreve bem como isso afetou os brancos de forma significativa. No momento em que Leopoldo descreve uma conversa com colegas brancos em uma festa, o narrador comenta que “no baile oferecido pelo governador da Cidade do Cabo, vários jovens falaram energicamente contra essa lei, que feria cruelmente o amor próprio dos brancos”²⁰⁰. Apesar disso, personagens do romance, tais como Leopoldo, o narrador da história, e Maria, sua noiva, demonstram uma compaixão com o sofrimento que os escravizados passam

¹⁹⁸ *Ibidem*, p.296.

¹⁹⁹ Em uma das notas de rodapé de *Bug-Jargal*, Victor Hugo, ao buscar elucidar seu leitor sobre as atividades do Clube Massiac, comenta que “Os nossos leitores não se lembram com certeza do Clube Massiac de que falava o tenente Henrique. Era uma associação de *negrófilos*. Esse Clube, fundado em Paris no princípio da Revolução, tinha provocado a maior parte das insurreições que rebentaram nas colônias”. HUGO, Victor. *Bug-Jargal: O Libertador Negro*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1954, p.18.

²⁰⁰ HUGO, Victor. *Bug-Jargal*. São Paulo: Editora Assunção Limitada, 1946, p. 18.

diariamente na fazenda da qual são herdeiros²⁰¹. É possível notar, portanto, uma certa ambiguidade por parte do jovem Hugo com relação ao abolicionismo, pois, ao mesmo tempo que este culpa associações como a Sociedade Amiga dos Negros pelas revoltas ocorridas em São Domingos, ele também condena a escravidão através de seus personagens, que explicitam a não concordância com a violência sob a qual os escravizados estão submetidos diariamente. Mas ainda assim, vale ressaltar, o escritor também poderia estar associado a mesma premissa da Sociedade que buscava reformar a escravidão através de uma “melhor condição de vida” para os escravizados e mais fiscalização sobre os senhores²⁰². Uma possível explicação para esta ambiguidade pode ser explicada a partir da seguinte argumentação de De Saes:

Pode-se dizer que, para a maioria desses homens [membros da Sociedade Amiga dos Negros], a luta antiescravista aparecia como parte de uma luta mais ampla pelos ideais de cidadania que seriam consagrados pela Revolução. A derrubada do despotismo na metrópole tinha, para eles, uma contrapartida colonial, que implicava a erradicação de um sistema considerado por tais homens desumano e opressivo²⁰³.

Além disso, os membros da Sociedade Amiga dos Negros, apesar de considerarem a abolição da escravidão, ainda que gradual, como algo possível, desconsideravam, por outro lado a independência de suas colônias²⁰⁴. Portanto, foi apenas com a Revolução Haitiana que a abolição da escravidão foi pensada em conjunto com a abolição do sistema colonial. E, pasmem, foi um movimento de libertação totalmente liderado por escravizados, onde o apoio de abolicionistas, independentemente de suas convicções, não foram necessárias para que os escravizados alcançassem a liberdade.

Serge Darget também nos ajuda a compreender esses primeiros debates abolicionistas no seu artigo “A Abolição do tráfico de escravos”. Segundo o autor, o início da campanha para o fim do tráfico sempre foi uma construção do Ocidente, o mesmo ocidente que criou o sistema.

²⁰¹ “Viamo-nos, portanto, sua filha e eu, obrigados a auxiliar secretamente os escravos, na medida do possível”. *Ibidem*, p.14.

²⁰² “Para garantir um tratamento mais suave aos escravos, entendia ser necessário sujeitar os senhores a um estado de ordem e de polícia, e isso em seu próprio benefício, pois uma melhor administração geraria necessariamente melhores resultados na produção (MALOUEY, 1788: 20). Ainda nesse sentido, em 1788, o intendente Barbé de Marbois defendia, na Câmara de agricultura de São Domingos, a necessidade de dar proteção jurídica aos escravos contra os excessos de seus senhores, como um imperativo de segurança pública, diante da possibilidade de revoltas (THIBAU, 1989: 74)”. DE SAES, Laurent Azevedo Marques de. a sociedade dos amigos dos negros: o antiescravismo na revolução francesa. *História Econômica & História de Empresas*, v. 16, n. 2, 2013, p. 290.

²⁰³ *Ibidem*, p. 281.

²⁰⁴ “Nesse sentido, os Amigos dos Negros constituíam um movimento que observava a questão colonial de uma perspectiva metropolitana. Pensavam em promover modificações no sistema colonial que não apenas se ajustassem a determinados padrões de justiça e humanidade, mas que produzissem efeitos positivos para a França e sua economia. Para esses homens, isso excluía a ideia de independência”. *Ibidem*, p. 283.

Apesar de muitas sociedades africanas terem o tráfico de escravos como uma atividade econômica essencial, outras não vinham a atividade com a mesma importância, ao mesmo tempo que outras sociedades chegaram a combater o comércio²⁰⁵. Portanto, para Darget, apesar da importância das discussões religiosas e filosóficas sobre o fim da escravidão terem sido de extrema importância, foi com a Revolução Industrial demandando novos mercados consumidores e com o crescimento da colonização no território africano, que a abolição do tráfico de escravos, e em seguida da escravidão, passou a ser um movimento cada vez mais apoiado pelos então países colonizadores. A falácia de que a África precisava ser introduzida à "civilização" também foi essencial para que o comércio de escravos passasse a ser questionado. Essa questão foi de extrema importância para que a Europa iniciasse a sua empreitada imperialista, que além da África, também chegou na Ásia e na Oceania. Segundo Darget,

O tráfico manchava de sangue os Estados que o encorajavam ou o subsidiavam. Matava dezenas de milhares de brancos e centenas de milhares de negros. Retirava de sua terra produtores-consumidores que, reduzidos à escravidão americana, não representavam mais nada. Impediu a diversificação da atividade comercial na costa. Perpetrou a barbárie no continente negro – opinião que tinha como base unicamente as observações dos ocidentais dotados de um “saber” sobre a África, os negreiros. Ao denunciar um flagelo, o abolicionista não pretendia converter imediatamente traficantes negros ou escravagistas brancos. Propôs um programa de regeneração da África através da cristianização, da civilização, do comércio natural e fixou etapas racionais para sua execução: reverter a opinião pública do mundo cristão; levar os governos “civilizados” a tomar posições oficiais; abolir legalmente o tráfico no Atlântico²⁰⁶.

Portanto, as transformações que movimentos como a Revolução Francesa²⁰⁷ trouxeram para a forma como os escravizados eram reconhecidos, as aspirações religiosas protestantes da Inglaterra²⁰⁸ e sua campanha contra o tráfico, e o processo histórico do imperialismo europeu,

²⁰⁵ “Nunca a participação africana nesse tráfico foi geral. Certos povos do interior o ignoravam. Sociedades costeiras destruíam os navios e saqueavam os equipamentos dos navios negreiros. Para outras, o tráfico agitava as estruturas socioeconômicas e políticas. Outras ainda se fortaleciam com uma gestão autoritária e exclusiva do sistema. Então, os interesses negros e brancos coincidiam num tráfico florescente”. DARGET, Serge. A abolição do tráfico de escravos. In: AJAYI, J. F. A de. (Ed.). História Geral da África, vol. VI – África do século XIX à década de 1880. Brasília: UNESCO, 2010, p. 77.

²⁰⁶ DARGET, Serge. A abolição do tráfico de escravos. In: AJAYI, J. F. A de. (Ed.). História Geral da África, vol. VI – África do século XIX à década de 1880. Brasília: UNESCO, 2010, p.78-79.

²⁰⁷ “Na França, a Grande Enciclopédia e a obra do abade Raynal, revista por Diderot, ensinou aos burgueses revolucionários a aversão à escravatura. Esta corrente de ideias nobres e profanas apoiava indiretamente o ideal da Sociedade Francesa dos Amigos dos Negros, que teria sido financiada pela Inglaterra. Os revolucionários não sentiam nem a realidade negreira nem a necessidade de levar a opinião pública a apoiar sua nova ideologia”. *Ibidem*, p. 79.

²⁰⁸ “Pelo contrário, na Inglaterra, a sensibilização do povo para a filantropia se fazia pela explicação teológica que brotava de uma profunda renovação evangélica. Após terem proibido o comércio de escravos entre eles, os quacres

foram essenciais para que o abolicionismo - tanto do tráfico, quanto da escravidão – se transformasse em um movimento de extrema importância para o Ocidente²⁰⁹, segundo Darget.

Analisando, especificamente o abolicionismo francês, Bernard Gainot nos apresenta outras importantes facetas deste movimento. No artigo “Bref aperçu concernant l'histoire du mouvement abolitionniste français” (1770-1848), o autor tem como principal objetivo discutir como o abolicionismo francês, que bebeu muito da fonte do abolicionismo britânico, se transformou ao longo dos anos, saindo de um abolicionismo gradual no final do século XVIII e início do século XIX e passando a aderir ao abolicionismo imediato e radical a partir dos anos 1840. Portanto, diferente do que Siqueira e De Saes argumentam, Gainot defende que, apesar de ter iniciado com uma abordagem reformista da escravidão – A Sociedade dos Amigos dos negros sendo o maior exemplo dessa abordagem – o abolicionismo francês, aos poucos, se tornou radical, ou seja, passou a defender a extinção imediata da escravidão²¹⁰.

Um dos primeiros argumentos apresentados pelo autor está no fato de que os abolicionismos francês e britânico pelo menos inicialmente, possuíam uma diferença gritante. Os abolicionistas britânicos buscaram, em primeiro lugar, acabar com o tráfico de escravos e abolir a escravidão de forma gradual. Os franceses, em contrapartida, já em 1794, durante a República Jacobina, aboliram a escravidão em suas colônias. Importante lembrar que essa decisão foi muito influenciada pela Revolução Haitiana, que já tinha acabado com a escravidão na ilha muito antes. Já o abolicionismo britânico, já no final do século XVIII, tinha um apelo muito mais popular do que o da França, uma vez que neste último as ações abolicionistas estavam muito mais restritas a pequenos grupos da elite letrada, como a Sociedade Amiga dos Negros. Segundo o autor, a militância abolicionista internacional teve início com estes dois países, que passaram a argumentar a favor do fim do tráfico de escravos e do fim da escravidão a partir de vieses religiosos, econômicos e morais. É possível notar, novamente, que diferente de Siqueira, que considera o abolicionismo francês tendo uma abordagem radical desde o

americanos persuadiram os quacres britânicos a juntarem-se ao movimento abolicionista inglês. Ao mesmo tempo, uma campanha intensa tinha sido realizada nos meios políticos. Vanguarda e porta-voz destas forças conjuntas, a Seita de Clapham levava anualmente suas reivindicações à Câmara dos Comuns por intermédio de William Wilberforce”. *Ibidem*, p. 79.

²⁰⁹ Quando nos referimos ao “Ocidente”, é o Ocidente geopolítico de que estamos falando, ou seja, as aspirações e ideologias judaico-cristãs da Europa Ocidental e dos EUA, em conjunto com o seu ideal colonizador.

²¹⁰ “Après en avoir rappelé les origines transnationales, nous mettrons l'accent sur la spécificité de l'abolitionnisme français, qui se configure au cours de la décennie révolutionnaire et acquiert de ce fait un caractère radical. Sa ‘nationalisation’ est donc liée à sa ‘radicalisation’”. GAINOT, Bernard. Bref aperçu concernant l'histoire du mouvement abolitionniste français (1770-1848). *La Révolution française Cahiers de l'Institut d'histoire de la Révolution française*, n. 16 de 2019, p.2.

começo, e de De Saes, que coloca o reformismo da Sociedade Amiga dos Negros como a principal característica do abolicionismo francês, Gainot vê uma fluidez nesse abolicionismo. Esta questão também é afirmada na obra de C.R.L James, *Os Jacobinos Negros*. O autor argumenta que a população de Paris, durante o começo da Revolução Haitiana, não estava completamente fora dos debates sobre os movimentos de liberdade na colônia, mas muito pelo contrário. Segundo o autor,

Em 11 de agosto, um dia depois da queda das Tulheiras, Page, conhecido agente dos colonistas na França, escreveu para a casa quase em desespero: “Um único espírito reina aqui: é o horror à escravidão, o entusiasmo pela liberdade. É uma exaltação conquistada todas as mentes e cresce a cada dia”. Daí por diante, as massas de Paris seriam a favor da abolição e seus irmãos negros de São Domingos, pela primeira vez, teriam aliados apaixonados na França. A Convenção Nacional seria eleita e deliberaria sob a influência dessas massas. Os escravos de São Domingos, por meio da insurreição, haviam mostrado a França revolucionária que poderiam lutar e morrer pela liberdade, e progresso lógico da Revolução na França havia levado à ribalta massas que, quando falavam em abolição, pensavam tanto na teoria como na prática. Mas é preciso organização e tempo para traduzir o sentimento das massas em ação, e, naquele momento, a Revolução tinha questões mais urgentes para tratar do que a escravidão²¹¹.

Portanto, a partir da leitura de Gainot e de James, não podemos limitar a atuação do abolicionismo francês apenas a iniciativas como a da Sociedade Amiga dos Negros ou a abolição geral de 1794, pois as massas da Paris de 1789 não estavam totalmente alheias a esse debate. Assim sendo, o argumento da imprensa limitada e do autoritarismo do regime absolutista francês, que Siqueira pontua, não é completamente infundado, mas fica claro que, apesar de não ser totalmente popular como o movimento inglês, na França, a população também prestava apoio aos escravos rebeldes de São Domingos. Gainot não exclui a argumentação de que a República Jacobina aboliu a escravidão em suas colônias por medo de novas revoltas como a que já estava instaurada em São Domingos, porém, isso também não exclui o caráter imediatista da decisão. Segundo o autor,

Nas Índias Ocidentais, a agitação civil generalizou-se, enquanto o conflito internacional a partir de 1793 destruiu o programa de abolição gradual e concertada. Foi tomado outro caminho, o da abolição imediata e revolucionária. O decreto adoptado pela Convenção Nacional em 16 de Pluviôse Ano II (4 de Fevereiro de 1794) para estabelecer a liberdade geral só pode ser entendido como uma convergência dos três contextos, que foram originalmente dissociados: a imposição de um Estado de excepção para salvar

²¹¹ JAMES, C.L.R. *Os Jacobinos Negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos*. São Paulo, Boitempo, 2018, p.122.

a República ameaçada pelas duas potências escravagistas rivais (Inglaterra, Espanha), o armamento geral das populações de cor, escravos e liberais, e a harmonização das leis e princípios doutrinários - abolição universal da escravidão, a lei da maioria, e portanto o fim da discriminação baseada na cor, e o fim do particularismo colonial com a igualdade de todos os cidadãos perante a lei (o princípio da isonomia, que significa a mesma lei para todas as províncias)²¹².

Com isto posto, fica claro que a Revolução Haitiana foi um impulso importante para que a abolição na França fosse pautada de maneira tão urgente. Porém, foi com a chegada de Napoleão Bonaparte (1769-1821) ao poder, primeiro como cônsul (1799) e depois como auto coroado imperador (1804), que as discussões sobre a abolição foram reprimidas. O então governante reestabeleceu a escravidão nas colônias francesas, além de tentar reconquistar São Domingos a partir de 1802. Esta tentativa ocasionou na prisão de Toussaint Louverture, que até aquele momento era Governador da ilha, e, conseqüentemente, na Independência do que se tornou o Haiti em 1804, pelas mãos de Jean Jacques Dessalines. Com a restauração da escravidão nas outras colônias francesas, tanto o governo de Napoleão quanto a monarquia restaurada dos Bourbon buscaram manter o sistema, além do tráfico clandestino de escravizados ter sido um dos maiores naquela época²¹³. Porém, com a queda dos Bourbon na Revolução de 1830, de acordo com Gainot, o movimento abolicionista francês se torna mais radical e voltado para os ideais republicanos e democráticos. A partir da década de 1840, nomes como o do abolicionista Victor Scholcher foram de extrema importância para a disseminação do abolicionismo na França, tirando o estigma elitista do movimento e o trazendo para as classes populares. Mas foi apenas em 1848, com a instauração da Segunda República Francesa, que a abolição foi de fato efetivada nas colônias francesas. Foi Schoelcher inclusive, um dos nomes por trás da lei que aboliu a escravidão nas possessões francesas no Caribe. A sua atuação

²¹² “Aux Antilles, les troubles civils se généralisent, tandis que le conflit international à partir de 1793 vient anéantir le programme de l’abolition graduelle et concertée. C’est une autre voie qui est empruntée, celle de l’abolition immédiate et révolutionnaire. Le décret adopté par la Convention nationale le 16 pluviôse an II (4 février 1794) pour établir la liberté générale ne peut se comprendre que comme une convergence des trois contextes, dissociés à l’origine : l’imposition d’un état d’exception pour sauver la République menacée par les deux puissances esclavagistes rivales (Angleterre, Espagne), l’armement général des populations de couleur, esclaves et libres confondus, et la mise en conformité des lois et des principes doctrinaux – abolition universelle de l’esclavage, loi de la majorité, donc fin des discriminations fondées sur la couleur, et fin du particularisme colonial avec l’égalité de tous les citoyens devant la loi (principe d’isonomie, ce qui veut dire la même loi pour toutes les provinces)”. GAINOT, Bernard. *Bref aperçu concernant l’histoire du mouvement abolitionniste français (1770-1848)*. *La Révolution française Cahiers de l’Institut d’histoire de la Révolution française*, n. 16 de 2019, p.6. (Tradução nossa).

²¹³ “La Restauration voit un lent réveil de l’abolitionnisme graduel. L’esclavage est maintenu dans les six colonies que la France a récupérées : Martinique, Guadeloupe, Guyane, Réunion, Saint-Louis du Sénégal et Gorée. Il se renforce même, alimenté par une traite illégale, dont la déréglementation autorise tous les excès. En dépit d’un respect formel des dispositions du Congrès de Vienne (décret du 20 novembre 1815), les années de la Restauration sont celles d’une envolée de la traite clandestine : 77 500 esclaves sont introduits en Guadeloupe et à la Martinique entre 1815 et 1831.” *Ibidem*, p.8-9. (Tradução nossa)

para a popularização do movimento na França foi de extrema importância para que a lei fosse aprovada. De acordo com Gainot,

Os óbvios fracassos da abolição gradual nas colônias britânicas e as observações registradas nas Índias Ocidentais durante uma missão de averiguação levaram Victor Schoelcher a romper com o abolicionismo gradualista. Ele concorreu ao prêmio "Abbé Grégoire" em 1838 para uma dissertação que respondesse à pergunta: Qual seria o meio de extirpar o preconceito injusto e bárbaro dos brancos contra a cor dos africanos e dos Sang- mêlés? Segundo ele, o preconceito da cor deriva da escravatura e não pode ser extirpado. O júri considerou que o argumento não respondeu à pergunta colocada, mas Schoelcher publicou as suas memórias de qualquer modo em 1840, e depois repetiu-o mais claramente em 1842 com *Des colonies Françaises. Abolition immédiate de l'esclavage*. Nele, reivindicou claramente a herança revolucionária, e depois, no ano seguinte, a herança da revolução haitiana em *Colonies étrangères et Haïti*²¹⁴.

A participação de Schoelcher nessa nova fase do abolicionismo francês também não foi algo restrito a este momento da política francesa, pois como já citamos, José do Patrocínio recorre a ele e a Victor Hugo para celebrar a abolição da escravidão no Ceará. Portanto, no fim do século XIX, Schoelcher ainda era reconhecido pelo seu importante papel na abolição da escravidão e contra o preconceito aos negros escravizados e seus descendentes.

No artigo “Pensando o ‘impensável’: Victor Schoelcher e o Haiti”, de Dale Tomich, conseguimos compreender de forma ainda mais clara a importância desse abolicionista para o movimento francês, e também para a forma como a Revolução Haitiana estava sendo pensada em conjunto com este abolicionismo. A partir da discussão que inicia com o também historiador Michel-Rolph Trouillot sobre como a Revolução Haitiana foi recebida por seus contemporâneos, especificamente os europeus iluministas, Dale Tomich tem como objetivo responder a seguinte questão “[...] se não apenas os europeus, mas também os próprios revolucionários escravos são incapazes de “pensar” a Revolução, o que a “impensabilidade” representa em relação a europeus ou africanos?”²¹⁵ Trouillot argumenta que a Revolução Haitiana não foi possível de ser imaginada, considerada sequer pelos pensadores europeus pois

²¹⁴ “Les échecs patents de l'abolition graduelle dans les colonies britanniques et les observations enregistrées aux Antilles lors d'une mission d'enquête allaient conduire Victor Schoelcher à rompre avec l'abolitionnisme gradualiste. Il concourt au prix « abbé Grégoire » en 1838 pour un mémoire répondant à la question : Quels seraient les moyens d'extirper le préjugé injuste et barbare des Blancs contre la couleur des Africains et des Sangmêlés? Selon lui, le préjugé de couleur provient de l'esclavage et ne peut être extirpé radicalement que par l'abolition immédiate. Le jury estime que l'argumentation ne répond pas à la question posée, mais Schoelcher publie tout de même son mémoire en 1840, puis récidive plus nettement en 1842 avec *Des colonies Françaises. Abolition immédiate de l'esclavage*. Il y revendique clairement l'héritage révolutionnaire, puis, l'année suivante, l'héritage de la révolution haïtienne dans *Colonies étrangères et Haïti*”. *Ibidem*. 11-12. (Tradução nossa).

²¹⁵ TOMICH, Dale. Pensando o "impensável": Victor Schoelcher e o Haiti. *Mana*, v. 15, 2009, p. 191.

ela desafiou as suposições ontológicas desses pensadores. Segundo este autor, esses pensadores não tinham categorias suficientes para entender a possibilidade de uma revolta bem-sucedida de escravos negros contra seus senhores brancos. Contudo, a partir da leitura das obras do abolicionista e político francês Victor Schoelcher, Tomich revela que na verdade, a Revolução foi sim possível de ser “pensada”, não apenas pelos europeus, mas pelos próprios escravizados haitianos, que não consideraram apenas o fim da escravidão, mas quiseram se separar completamente de sua metrópole organizando um novo Estado, uma decisão verdadeiramente revolucionária²¹⁶.

Um dos primeiros argumentos que Tomich apresenta para refutar a tese de Trouillot é a questão de que este autor acaba generalizando todo o pensamento ocidental, afirmando que todos pensadores europeus dessa época, independentemente de serem mais liberais ou mais conservadores, tinham uma ordem hierárquica em suas visões de mundo, que foram adquiridas a partir do Renascimento, sendo o topo desta hierarquia os homens brancos, europeus das classes privilegiadas, que viam todos aqueles que não estavam dentro destas categorias como inferiores. Isso, segundo Tomich, não significaria que estes pensadores não tinham a possibilidade de compreender/pensar na possibilidade de eventos como os que ocorreram no Haiti. De acordo com Tomich,

Ao vincular firmemente “impensabilidade” à construção “ontologia ocidental” ou, de maneira alternativa, ao fazer com que diversos pensadores e textos do Iluminismo representem a tradição intelectual ocidental, Trouillot apresenta a “impensabilidade” da resistência escrava, da Revolução Haitiana e do Estado haitiano (ou, de maneira mais geral, do racismo, da escravidão e do colonialismo) como um atributo geral do pensamento ocidental per se²¹⁷.

Outro estudo que também demonstra para pensar estas questões da Revolução Haitiana é o de Susan Buck-Morss, *Hegel e o Haiti*. A autora afirma que o livro *A Fenomenologia do Espírito*, do filósofo alemão G.W.F Hegel (1770-1831), que apresenta a dialética do senhor x escravo²¹⁸, foi na verdade inspirada na Revolução Haitiana, e no embate que os escravizados

²¹⁶ “Em outra passagem, Schoelcher aprofunda sua avaliação sobre o povo haitiano. Aqui, ele endossa sua luta revolucionária para assegurar a própria emancipação e a independência política”. *Ibidem*, p. 200.

²¹⁷ *Ibidem*, p.188.

²¹⁸ “De onde surgiu a ideia de Hegel sobre a relação entre o senhorio e a servidão?”, perguntam-se especialistas em Hegel, repetidamente, referindo-se à célebre metáfora da “luta de vida ou morte” entre senhor e escravo, que, para Hegel, oferecia a chave para o avanço da liberdade na história mundial e que foi elaborada pela primeira vez na *Fenomenologia do espírito*, escrita em Jena entre 1805 e 1806 (o primeiro ano de existência da nação haitiana) e publicada em 1807 (o ano da abolição britânica do tráfico de escravos). Vale a pena insistir: de onde? Os que se ocupam da história das ideias da filosofia alemã conhecem apenas um lugar onde procurar pela resposta: nos escritos de outros intelectuais”.BUCK-MORSS, Susan. “Hegel e o Haiti”. *Novos Estudos*, 90, julho 2011, p.42.

da então ilha de São Domingos travaram contra seus senhores, conquistando a liberdade pela força. Porém, diferente de Schoelcher, Hegel não admitia o Haiti como um Estado Soberano, e muito menos defendia a abolição da escravidão. Fica evidente que, a partir da leitura destes dois textos, que o pensamento europeu não foi uniforme sobre a Revolução Haitiana. Ao mesmo tempo em que muitos iluministas ainda defendiam a manutenção da escravidão - como o próprio Hegel, Rousseu, Locke e etc - mas lutavam por suas liberdades individuais, outros pensadores, como Schoelcher, Gregoiré, Raynal²¹⁹ e tantos outros compreendiam que o movimento haitiano deveria ser considerado e respeitado.

Tomich ainda argumenta que a metodologia de Michel-Rolph Trouillot envolve uma abordagem crítica da história que busca desnaturalizar as categorias e conceitos que são usados para entender o passado. Ele argumenta que muitas vezes assumimos que as categorias e conceitos que usamos para entender o mundo são naturais e universais, quando na verdade elas são construções históricas e culturais específicas. O autor também enfatiza a importância de considerar as perspectivas dos grupos marginalizados e subalternos na história, em vez de apenas focar nas perspectivas dos poderosos. Em resumo, de acordo com Tomich, a metodologia de Trouillot envolve uma abordagem crítica da história que busca desnaturalizar as categorias e conceitos usados para entender o passado e considerar as perspectivas dos grupos marginalizados e subalternos. Mas Tomich defende que, essa abordagem de Trouillot ainda é falha quando não se compromete em entender o pensamento intelectual europeu também é variado a ponto de abolicionistas como Victor Schoelcher e os abades Henry Grégoire e Raynal, por exemplo, terem sido capazes de olhar para questões como Liberdade, Igualdade e Fraternidade, para fora da esfera europeia. Mais do que isso, Tomich compreende que a os escravizados de São Domingos tinham eles mesmos suas diferenças com relação a que liberdade estavam almejando²²⁰.

[...] Apenas um estudioso, Pierre-Franklin Tavarès, chegou a realmente estabelecer a conexão entre Hegel e o Haiti, baseando seu argumento na evidência de que Hegel havia lido o abade francês abolicionista Grégoire”. *Ibidem*, p.142.

²¹⁹ “Defensor da noção de Soberania dos Povos dos Novos Mundos (o que não era novidade na Igreja do século XVIII), o abade Raynal condenava a escravidão, considerada regime “bárbaro” de trabalho. É verdade que condenava tanto o cativo dos africanos quanto dos índios. Mas parecia particularmente entusiasmado pelo papel libertador e até messiânico que os Nègres poderiam representar para a História (Livro IX)”. MOREL, Marco. *A Revolução do Haiti e Brasil escravista: O que não deve ser dito*. Jundiaí: Editora Paco, 2017, p.137.

²²⁰ “A interpretação histórica de Trouillot da ‘impensabilidade’ da Revolução Haitiana — ou seja, a incapacidade do pensamento ocidental de compreender a Revolução Haitiana em seus próprios termos — é construída através da oposição de dois conjuntos vinculados de fenômenos históricos: por um lado, a ontologia do ser social e das práticas coloniais da economia mundial europeia e a recepção ocidental da Revolução Haitiana; por outro, a capacidade de os escravos conceitualizarem a liberdade, a resistência escrava e a luta revolucionária em Saint Domingue, e a fundação do Estado haitiano (Trouillot 1995: esp. 74-89). Entretanto, esta oposição cria uma ambiguidade incontornável na formulação de Trouillot. Cada série contém termos incomensuráveis, que operam em diferentes níveis de generalidade e em planos temporais e espaciais distintos. Trouillot deixa de registrar a

Essas diferentes formas de buscar a liberdade dos escravizados de São Domingos vão aparecer na narrativa construída por Victor Hugo em 1826. Isso porque a questão é um tema que pode ser observado em *Bug-Jargal*. Enquanto os personagens Biassou e Habibrah são construídos como personagens que buscam vingança contra os brancos pelos anos de escravidão – sendo essa a tradução que Hugo fez da luta por liberdade dos escravizados –, Pierrot/Bug-Jargal é o único líder que busca a liberdade de uma forma “menos violenta”, condenando as atitudes de Biassou e Habibrah, que torturavam os brancos física e psicologicamente. Pierrot/Bug-Jargal também será na narrativa aquele que salva a família senhorial de uma morte brutal. E talvez venha daí o olhar condescendente que o narrador do romance tinha por esse escravizado. É óbvio que o romance de Hugo deixa as discordâncias internas dos escravizados de São Domingos em uma chave extremamente maniqueísta, além de condenar aqueles que lutavam diretamente contra todos que ainda buscavam manter a escravidão na ilha. Contudo, isso demonstra que o autor estava, pelo menos, atento não só a estas divergências das lideranças da Revolução, como também às discussões entre a intelectualidade francesa sobre a abolição do tráfico e da escravidão.

Voltando para os argumentos de Dale Tomich, ao estudar as obras de Victor Schoelcher, que foi inclusive, um dos poucos pensadores franceses que foi pessoalmente para o Haiti e outras colônias francesas compreender a vida dos escravizados e dos libertos desses territórios, o autor argumenta que o abolicionista demonstrava compreensão, obviamente dentro dos limites que lhes eram cabíveis para a sua época, do que foi a Revolução Haitiana, e de como ela estava ligada historicamente a Revolução Francesa, por exemplo²²¹. Segundo Tomich, esta ligação não aconteceu porque uma das revoluções influenciou a outra de forma unilateral, mas porque as duas estavam no mesmo contexto histórico do Atlântico. Se influenciaram sim, simultaneamente, mas além disso, também tiveram as suas próprias motivações e processos históricos distintos. É isto que devemos considerar ao estudar intelectuais que em algum momento pensaram na Revolução Haitiana. Victor Hugo por

heterogeneidade de termos e as maneiras pelas quais as suas relações, tanto dentro de cada conjunto quanto entre conjuntos, mudam com o tempo. Simultaneamente, a bem-definida linha da ‘impensabilidade’ cria um abismo virtualmente impossível de ser transposto entre os dois conjuntos de termos”. TOMICH, Dale. Pensando o “impensável”: Victor Schoelcher e o Haiti. *Mana*, v. 15, 2009, p. 189.

²²¹ “Ele reconhece os negros escravizados de Saint Domingue como os autores de sua própria emancipação e da independência do Haiti. Apesar da violência de sua luta, ele defende fielmente os êxitos das massas haitianas e sua capacidade de vencer o legado de degradação da escravidão e de progredir rumo à civilização. Ao mesmo tempo, ele transcende as fronteiras de raça e classe para identificar o povo haitiano com os escravos emancipados. Ao fazê-lo, inscreve a Revolução em um horizonte social e temporal que vincula as conquistas do passado com a promessa do futuro e legitima a luta popular. Ao abraçar a independência haitiana, Schoelcher recusa-se a aceitar o Estado e a ordem social que a sustentam como frutos legítimos da Revolução”. TOMICH, Dale. Pensando o “impensável”: Victor Schoelcher e o Haiti. *Mana*, v. 15, 2009, p. 205.

exemplo, demonstra que não teve a mesma opinião sobre o abolicionismo ao longo dos anos. Sendo assim, o que o impediria de rever suas questões sobre a Revolução Haitiana? O exemplo de Schoelcher pode ser uma pista.

Além disso, de acordo com Tomich, Victor Schoelcher vê o Haiti como um Estado soberano, defendendo o feito histórico das massas negras haitianas e sua capacidade de ingressar no mundo moderno de avançar em direção àquilo que o abolicionista considerava como a “civilização”. Ele acredita que o exemplo da Revolução Haitiana fala a todo o povo negro e particularmente aos escravos. Aos olhos de Schoelcher, não há justificativa alguma para a escravidão ou para o estado no qual o povo haitiano se encontrava após sua independência, e ele se coloca resolutamente oposto a ambos. No entanto, Schoelcher também critica a liderança corrupta do então presidente do Haiti, Alexander Boyer, que permitiu que o potencial do Haiti se deteriorasse. Portanto, embora Schoelcher defenda as massas negras haitianas e sua capacidade de progresso, ele também reconhece os desafios enfrentados pelo país devido à liderança corrupta. A ideia de “civilização” versus “barbárie” é algo que ainda demonstra que Schoelcher pensava no progresso de acordo com a epistemologia europeia de seu tempo, mas além disso, revela que ele também vê nessa sociedade a possibilidade de crescimento econômico e social, algo que outros pensadores da época desconsideravam²²².

Na dissertação de mestrado *A Revolução de São Domingos e os embates entre forças abolicionistas e escravistas no longo século XIX: as contribuições de Marcus Rainsford e Jean-Louis Dubroca*, de Amanda Bastos da Silva, a autora busca compreender algumas discussões sobre a Revolução Haitiana a partir relatos de indivíduos que presenciaram a Revolução ou que a comentaram de algum maneira. A autora utilizou como fontes principais os relatos de Marcus Rainsford, soldado britânico que lutou nos primeiros anos da revolta escrava que deu origem ao Haiti, e textos sobre os líderes de São Domingos, como o escrito pelo livreiro francês Jean Louis Dubroca. Portanto, ao analisar essas fontes, sua pergunta principal é: como a Revolução Haitiana transformou o cenário das discussões sobre o abolicionismo e como também transformou os sistemas escravistas de outras colônias americanas? Silva argumenta que a Revolução de São Domingos se enquadra como um movimento anti-sistêmico, uma vez que, foi gerado para destruir o sistema escravista e colonial do qual fazia parte e só aconteceu porque

²²² “A narrativa de Victor Schoelcher sobre o Haiti no início dos anos 1840 demonstra um notável esforço em “pensar” a situação sem precedentes no Haiti. Através dele, seu comprometimento com os princípios universais da Revolução Francesa e com uma concepção democrática e socialista radical de republicanismo permite que ele se mova para além das convenções da política francesa, incluindo as versões mais moderadas de republicanismo, de modo a se dirigir sistematicamente à escravidão, ao colonialismo e ao racismo. Ainda mais fundamentalmente, pelas formas que estavam acessíveis a ele, Schoelcher coloca-se do lado das vítimas”. *Ibidem*, p.205.

fazia parte deste sistema violento²²³. Essa afirmação da dialética do sistema colonial também é apontada por Marco Morel, que argumenta que o abade Raynal foi um dos primeiros a intelectuais europeus a reconhecer que o movimento de liberdade dos escravizados poderia acontecer pelas mãos dos próprios escravizados²²⁴. Portanto, até os contemporâneos da Revolução Haitiana sabiam que algo parecido com o que de fato ocorreu poderia acontecer a qualquer momento.

Silva, inicia seu trabalho apresentando os relatos de Marcus Rainsford, soldado inglês que lutou ao lado de sua pátria contra os escravizados de São Domingos, mas acabou se compadecendo com a luta dos escravos²²⁵. Segundo a autora, as obras de Rainsford sobre o que este viu durante a Revolução serviram de inspiração para importantes abolicionistas britânicos como James Stephen (1758-1832) e William Wilberforce (1759-1833). Segundo a autora,

Rainsford, britânico, publicou *A memoir of transactions that took place in St. Domingo, 1802, St. Domingo; or, An historical, political and military sketch of the black republic*, 1802, e *An historical account of the Black empire of Hayti*, 1805. Nessas obras, ele articulou a sua trajetória pessoal à Revolução de São Domingos, criticou os trabalhos de escravistas britânicos, como Bryan Edwards e Charles Chalmers, e serviu de inspiração para abolicionistas famosos, como James Stephen, William Willberforce, Henry Brougham e Thomas Clarkson, usarem a Revolução de São Domingos como justificativa para o fim do tráfico de escravos²²⁶.

²²³ “Inevitavelmente, surgirão ideologias de mudança e transformação, como as revoluções e os movimentos abolicionistas, classificadas como movimentos anti-sistêmicos. Um movimento anti-sistêmico é um movimento que almeja transformar o sistema, mas é, também, um produto do sistema. Ele usa as estruturas do sistema para se opor ele, ele contesta as ideologias do sistema, mas aceita pelo menos partes dos termos definidos pelas forças dominantes. Em termos de cultura, ele dificilmente encarnaria uma cultura diferente da economia mundo capitalista. Ainda assim, ele afirma ter criado uma nova cultura, destinada aos anos vindouros”. SILVA, Amanda Bastos da. A revolução de São Domingos e os embates entre forças abolicionistas e escravistas no longo século XIX: as contribuições de Marcus Rainsford e Jean-Louis Dubroca. 2019. 167f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019, p.16-17.

²²⁴ “Em meados da década de 1770, numa igreja do interior da França, um abade chamado Guillaume-Thomas Raynal condenou com veemência a escravidão e o domínio colonial mantidos por seu país em outros territórios – tema, aliás, recorrente entre alguns penes do Iluminismo e também em certa tradição cristã. Em tom bíblico e profético, visando o convencimento dos interlocutores, ele predicou, inclusive, o possível surgimento de um Spartacusnegro em algum ponto das Américas que libertaria a todos, cativos e senhores, dos males da escravidão, conduzindo seus irmãos de infortúnio na luta contra as injustiças em direção a novos céus e novas terras”. MOREL, Marco. *A Revolução do Haiti e Brasil escravista: O que não deve ser dito*. Jundiá: Editora Paco, 2017, p.9.

²²⁵ “A produção escrita de Rainsford possui algumas possibilidades de interpretação. Em um primeiro momento, a defesa à Revolução de São Domingos pode ser relacionada à trajetória pessoal do autor. A argumentação é até pertinente. O britânico havia sido salvo, possuía razões para resguardar a ilha. No entanto, Rainsford também lançou mão de São Domingos para condenar a dureza atrelada ao escravismo e assimilar o gradual desmantelamento desse sistema”. SILVA, Amanda Bastos da. A revolução de São Domingos e os embates entre forças abolicionistas e escravistas no longo século XIX: as contribuições de Marcus Rainsford e Jean-Louis Dubroca. 2019. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

²²⁶ *Ibidem*, p. 14-15.

A autora também afirma que a questão econômica da abolição foi um ponto importante para que tanto tráfico quanto a escravidão passassem a serem questionados, em princípio, na Inglaterra²²⁷. A abordagem de Eric Williams, em *Capitalismo e Escravidão*, é importantíssima para que a historiografia passasse a considerar que a Ascensão da Revolução Industrial só foi possível com o acúmulo de capital que a escravidão nas colônias americanas desenvolveu. Mas para além da questão econômica, relatos como o de Marcus Rainsford, de acordo com Silva foram essenciais para que a abolição do tráfico de escravos se tornasse ilegal na Inglaterra. Por mais que este autor não defendesse claramente a abolição nem condenasse a escravidão, ele reconheceu que a luta daqueles escravos em São Domingos era justa, porém letal para os brancos colonizadores. A autora comenta que

Em 1805, a Grã-Bretanha estava às vésperas de extinguir o comércio de escravos. Um longo caminho vinha sendo percorrido. Se lançar mão da Revolução de São Domingos durante a ocupação britânica na ilha parecia precipitado, sete anos após a sua evacuação, o posicionamento havia se tornado, no mínimo, instigante. Enquanto James Stephen participou das legislações abolicionistas, Marcus Rainsford não foi um político ou um panfletário abolicionista, mas não abriu mão da sua trajetória pessoal. Que outro ser humano poderia se vangloriar de ter jogado bilhar com Toussaint? Quem mais, supostamente, devia a Louverture a sua vida? Rainsford possuía mais experiência com os negros do Caribe do que a maior parte dos abolicionistas, ainda que instituisse ressalvas. O soldado tinha certeza de que a Revolução de São Domingos poderia ter sido evitada se os franceses fossem mais humanos com os seus cativos. “Assim, uma ignorância da natureza humana, uma cegueira às circunstâncias reais e uma falta de virtude individual dos colonos suscitou o espírito revolucionário em São Domingos”²²⁸.

Um segundo ponto importante para a autora é apresentado através dos textos fabricados para desmerecer a Revolução Haitiana e como eles foram interpretados. Os textos estudados por Silva são *La Vie de Toussaint* e *La Vie de Dessalines*, produzidos pelo livreiro francês Jean

²²⁷ “Até meados do século XX, a historiografia atribuía essas primeiras movimentações ao humanitarismo britânico. O cenário tomou novas proporções quando, em 1944, o historiador Eric Williams elaborou uma interpretação econômica para o abolicionismo em seu famoso, e polêmico, *Capitalism and Slavery*. De acordo com Williams, o capitalismo comercial havia se estruturado em torno das plantações do Novo Mundo e do comércio de escravos. Foram os lucros desse sistema que financiaram a Revolução Industrial Inglesa. Esse ponto gera debates, mas a principal querela vem a seguir. Williams afirma que, a partir da Revolução Americana, o capitalismo tomou novas proporções e o colonialismo nas Américas deixou de ser conveniente à Grã-Bretanha. Em outras palavras, quando a escravidão perdeu a razão de existir, o abolicionismo emergiu como solução e a humanidade presenciou o declínio econômico definitivo do Caribe Britânico. A abordagem de Williams é cativante e se tratou de um dos primeiros textos a desenvolver uma explicação econômica para a ascensão e a queda da escravidão colonial de forma simples, fluída e coerente”. *Ibidem*, p.32-33.

²²⁸ *Ibidem*, p.81-82.

Louis Dubroca²²⁹. Antes de publicar esses textos sobre os principais líderes da Revolução Haitiana, Dubroca também escreveu *La vie de Bonaparte*, que exaltava os feitos do imperador. Aqueles textos foram encomendados por Napoleão Bonaparte, porém, apesar de terem cumprido o seu trabalho alertando outros países e colônias (como a Nova Espanha) sobre os “perigos” de uma possível revolução como a de São Domingos, as obras também caíram nas mãos de escravos libertos, como Aponte, que teve acesso às gravuras dos livros e se inspirou nos líderes do Haiti para fazer a sua própria Rebelião na então colônia espanhola de Cuba²³⁰.

Novamente, é necessário reafirmar que a Revolução Haitiana não foi um evento monolítico, e que seus debates também chegaram a influenciar como a França e a Inglaterra lidaram com o abolicionismo. Em resumo, a Revolução Haitiana foi importante para que decisões como a abolição do tráfico de escravos da Inglaterra pudessem ser feitas. Todo o sistema escravista teve que se rearranjar para não se precipitar a ponto de produzir outros “Haitis”. Além disso, a estratégia de abolição repentina que a França teve pela primeira vez em 1794, demonstra que, apesar da República Jacobina saber do potencial dos escravizados de destruírem o sistema escravista, a ideia de um Estado negro independente das influências europeias era algo que as metrópoles não consideravam. Nomes como os de Marcos Rainsford, Victor Schoelcher, Henry Gregoire, James Stephen, e tantos outros, deixam ainda mais claro que a Revolução Haitiana foi importante para pensar o abolicionismo, não porque ela poderia ser destrutiva para o sistema colonial, mas justamente porque era um sistema que desumanizava os africanos e seus descendentes escravizados.

Esses debates são essenciais para compreendermos como o romance *Bug-Jargal*, de Victor Hugo se encaixava nesse contexto. Obras como as de Dubroca, e os textos de Bryan Edwards e Pamphile de Lacroix – sendo as duas últimas as principais fontes para o romance de Hugo – se caracterizam pela defesa da ideia de que a Revolução era um mal a ser combatido. O fato desses três autores serem abertamente a favor da recolonização de São Domingos também é outro indício de que, pelo menos durante a escrita de sua obra, Hugo também estava dentro desse espectro que condenava as ações dos escravizados. Dito isso, a partir da leitura desses

²²⁹ “Em 1804, abordar a trajetória de Dessalines até justificaria a terceira obra, que finalizava a trilogia biográfica de Dubroca. No entanto, a campanha francesa em São Domingos acabara de ser derrotada, de modo que *La vie de Dessalines* possuía uma segunda motivação: apreender as associações entre a Revolução de São Domingos e o abolicionismo britânico. Nas palavras de Dubroca, o objetivo do livro era ‘exaltar às almas sensíveis quanto desse monstro, coberto de sangue humano e crimes, bárbaro por natureza e desnudo dos costumes da civilização europeia, encontrou no governo de uma nação da Europa socorro, apoio e proteção’. Segundo o autor, a sociedade europeia confiava que a Grã-Bretanha não se envolveria em conflitos que se dedicassem a combater os princípios civilizatórios básicos estabelecidos pela Europa. Todavia, a nação atrelou os seus interesses aos objetivos de um movimento cruel, que atentou contra a vida de milhares de europeus”. *Ibidem*, p. 115.

²³⁰ *Ibidem*, p.150.

textos e das análises feitas através deles, não é mais possível estudar qualquer aspecto do começo do movimento abolicionista no mundo Atlântico sem considerar a Revolução Haitiana e como este evento fez borbulhar diversos debates, não apenas sobre a abolição da escravidão, mas sobre como todo o sistema colonial também precisava ser repensado. Hugo e seu romance estão imersos nesse contexto e nessas discussões. Compreender que ele, pelo menos neste momento de sua vida, estava alinhado com ideologias “anti Haiti” é importante para entender sua trajetória com relação a este tema em outros momentos de sua vida.

II. A visão da Revolução Haitiana por Victor Hugo nos anos 1840:

A partir de 1830, com a consolidação da Monarquia de Julho na França, uma nova fase na carreira de Victor Hugo também é iniciada. Em primeiro lugar, temos a publicação do prefácio da peça *Cromwell, Do Grotresco e do Sublime*, ainda em 1827, que consolidaria Hugo como um importante nome do romantismo francês. Nesta obra Victor Hugo pautou a liberdade artística dos autores e o papel que esses artistas deveriam retribuir para a sociedade, buscando trazer reflexões sobre o contexto social e histórico do qual faziam parte através de seus escritos²³¹. Além disso, a importância da criatividade e da originalidade, era para Hugo algo essencial. Fundamental para diferenciar o romantismo do classicismo/neoclassicismo, movimento artístico que precedeu o romantismo e que tinha como uma de suas aspirações principais a volta da estética da antiguidade clássica e uma padronização poética muito regrada. Em Segundo lugar, com a estreia de sua peça *Hernani*, em 1830, Hugo e o movimento romântico, como um todo, ganham a batalha²³² contra os neoclássicos que perdurava desde o começo do século. A polêmica peça se tornou um sucesso de público e crítica, colocando o nome de Victor Hugo no panteão do movimento romântico francês. Em conjunto com a sua

²³¹ “O verdadeiro poeta é uma árvore que pode ser açoitada por todos os ventos e irrigada por todos os orvalhos, que traz suas obras como seus frutos, da mesma forma que o fabuleiro trazia suas fábulas. Para que prender-se em um mestre? Enxertar-se com um modelo? Vale mais ainda ser o espinheiro ou o cardo, alimentado com a mesma terra que o cedro e a palmeira, que ser o fungo ou o líquen destas grandes árvores”. HUGO, Victor. *Do Grotresco e do Sublime*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2014, p.58.

²³² “A famosa ‘Batalha de Hernani’ foi um marco: uma das muitas reedições dos conflitos entre antigos e modernos, uma tomada de posição da nova geração, da nova escola, de toda uma nova atitude perante possibilidades de criação. Se em 1827 o prefácio de *Cromwell* (e a própria peça) já tinha representado uma tomada de posição, especialmente de conteúdo, em 1830, *Hernani* choca suas plateias porque alterou o alexandrino”. STROPARO, Sandra Mara. O Romantismo e o verso clássico francês. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, v. 32, n. 3, 2022, p. 66.

ascensão e reconhecimento como artista, uma outra virada na vida de Hugo acontecia: ele se afastava do ultramonarquismo conservador, passando a apoiar o regime monárquico-liberal do então rei Louis-Phillipe de Orleans, que governou o país de 1830 à 1848.

Em 1830, temos a Revolução que dá início a uma nova era na história da França, a Monarquia de Julho²³³. O último rei da dinastia dos Bourbon, Carlos X, buscava trazer de volta ao país o autoritarismo do absolutismo, que foi derrubado pela primeira vez pela Revolução Francesa de 1789. A liberdade de imprensa e a censura, foram as primeiras medidas claramente autoritárias do governo de Carlos X²³⁴, sendo inclusive a peça *Marion Delorme* (1828) de Victor Hugo, censurada nesse processo. Em seguida, Carlos X decide dissolver o parlamento eleito pelo povo, medida que revolta as massas francesas, dando fim a dinastia dos Bourbon na França. Segundo Luiz Eudásio Capelo Barroso Silva em sua dissertação de mestrado *O rochedo é a tribuna, a liberdade o brado: os discursos políticos do exílio de Victor Hugo*, o rei Carlos X,

Vendo que, nas eleições, os liberais tiveram melhores resultados do que os ultra, o grupo que apoiava o rei, Charles X baixa, em 25 de julho de 1830, as Ordenanças de Saint-Cloud. Nelas, fica estabelecido o fim da liberdade de imprensa, a dissolução do parlamento que acabava de ser eleito, um novo método do censo eleitoral – que se demonstrava vantajoso para os grupos de apoio do rei - e a convocação de novas eleições. A população parisiense, revoltada com os decretos do rei, inicia uma nova revolução, a chamada Revolução de Julho.

Nos dias 27, 28 e 29 de julho de 1830, o povo, inconformado com as derradeiras ações de Charles X, toma as ruas de Paris, monta barricadas e começa a enfrentar o exército. O levantamento popular será chamado de “Trois Glorieuses”,90 pois, em três dias, o povo força o rei a abdicar, inicialmente em nome de seu filho mais velho, que irá abdicar da coroa logo após se tornar herdeiro dela, e, em seguida, em nome de seu neto, Henri d’Artois, duque de Bordeaux, que, naquele momento, tinha apenas dez anos completados. Charles X indica, então, seu primo, Louis- Philippe d’Orléans, como regente enquanto o duque de Bordeaux não atingia a maioria. Louis-Philippe, contudo, não irá se contentar com a posição de regente, e, dez dias após a renúncia de Charles X, ele se tornará Louis-Philippe Ier, rei dos franceses. Inicia assim a Monarquia de Julho²³⁵.

²³³ “A revolução de 1830 introduziu constituições moderadamente liberais - antidemocráticas mas também claramente antiaristocráticas - nos principais Estados da Europa Ocidental. HOBBSAWM, Eric. *A Era das Revoluções*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p.326.

²³⁴ “Victor Hugo, em 1825, escreve a ode *Sacre* de Charles X, em homenagem à sagração do rei. Charles X, entretanto, demonstra-se um rei autoritário, que, apesar de inicialmente ter promulgado uma lei abolindo a censura, reestabelece, em 1827, uma censura que se demonstrará atroz. Ele então persegue seus opositores e governa com o apoio dos ultra, grupo radical de extrema direita que deseja a volta integral do Antigo Regime”. SILVA, Luiz Eudásio Capelo Barroso. *O rochedo é a tribuna, a liberdade o brado: os discursos políticos do exílio de Victor Hugo*. 2016. Dissertação (Mestrado em Literatura)—Universidade de Brasília, Brasília, 2016, p.80.

²³⁵ *Ibidem*, p. 81-82.

Portanto, é neste contexto que Victor Hugo muda seu posicionamento político pela primeira vez. Por mais que não fosse totalmente favorável à Monarquia de Julho²³⁶, este momento foi de extrema importância para a produção literária de Hugo, pois foi nesta época que o escritor produziu um de seus romances mais populares: *Notre Dame de Paris* (1831) e a peça *Lucrecia Borgia* (1832). Nesta fase de Hugo nos anos 1830, fica claro como as grandes mudanças que ocorreram tanto na França, no geral, quanto para Hugo, em particular, foram, no mínimo, impactantes. Porém, nosso objetivo neste momento é buscar responder a seguinte questão: como Victor Hugo passou a tratar a questão do abolicionismo e da Revolução Haitiana nesta fase de sua vida? As décadas de 1830 e de 1840, mudaram as concepções que o escritor possuía sobre estes temas? A mudança de posicionamento que Hugo incorpora após a Revolução de 1830 teve alguma influência em como ele passou a tratar esses assuntos? Se no romance vemos o escritor mais próximo dos ideais da monarquia dos Bourbon e suas tentativas de recolonizar a ilha, teriam existido outras produções de Victor Hugo sobre a Revolução Haitiana e estariam elas dentro do mesmo parâmetro ideológico de *Bug-Jargal*?

Em 1845, Victor Hugo escreve um texto que só será conhecido na coletânea de escritos do autor *Choses vues*, publicado postumamente em 1900. O texto em questão se chama *Le Pillage: Révolte de Saint-Domingue*²³⁷. Neste texto, Hugo nos descreve um sonho que se passava na então São Domingos, durante seus primeiros dias de Revolta escrava. Portanto, *Bug-Jargal* não foi o último escrito de Hugo sobre São Domingos e sua Revolução. O texto, assim como o romance, descreve os escravizados rebeldes como seres animalizados e selvagens, que pilhavam a cidade, se embebedavam e corriam nus pelas ruas cheias de cadáveres de pessoas brancas²³⁸. Em 1845, Hugo tinha 43 anos, e aparentemente, pelo menos até essa época, o escritor ainda possuía ressalvas com relação aos escravizados haitianos e suas ações durante a Revolução.

Em sua tradução de *Bug-Jargal* para o inglês, no apêndice B, Chris Bongie analisa este texto de Victor Hugo, além de também traduzi-lo para o inglês sobre o título *The Saint Domingo Revolt*. Bongie argumenta que mesmo mais velho, Hugo continuou mantendo uma visão racista sobre os negros do Haiti, descrevendo-os em seu texto de uma maneira ainda mais

²³⁶ “Durante os anos da Monarquia de Julho, Hugo escreverá, e também publicará, abundantemente. Em 1831, o poeta publica *Notre-Dame de Paris*; em 1832, a primeira versão de *Claude Gueux*, assim como *Lucrece Borgia* e *Le Roi s’amuse*. Essa última peça, entretanto, será censurada logo após sua primeira apresentação. Começam as querelas entre Victor Hugo e o regime de Julho”. *Ibidem*, p. 85.

²³⁷ *Pilhagem: Revolta de São Domingos*. (Tradução nossa).

²³⁸ “Je vous l’ai dit, des nudités partout. Quelques blancs absolument nus couraient misérablement à travers ce pandémonium. On emportait sur une civière le cadaver d’un gros homme tout nu, de la poitrine duquel sortait un poignard comme une croix sort de terre”. HUGO, Victor. *Choses Vues*. Paris: Calmann Lévy, Éditeur, 1900, p.39.

deturpada que no seu romance *Bug-Jargal*. Segundo Bongie, Hugo descreve os negros como selvagens sem lei que vivem no caos após conseguirem a liberdade, além de sempre afirmar como a população branca foi violentada pelos escravos. Em um trecho do texto, Hugo dá a seguinte imagem para o leitor,

Eu tinha-me refugiado junto à porta da cidade, uma de longas ripas pintadas de amarelo, unidas por travessas e pontiagudas no topo da extremidade superior. Tinha ao meu lado uma espécie de barracão sob o qual um grupo desses infelizes colonos despossuídos. Estavam silenciosos e pareciam petrificados em todas as atitudes de desespero. A alguns passos do barracão, um deles, um velho, sentou-se num tronco de mogno estendido no chão como o fuste de uma coluna, e chorava. Outro tentava em vão segurar uma mulher branca assustada que queria fugir com o seu filho, sem saber para onde, no meio daquela multidão de negros furiosos, disfarçados e a rugir.

Os negros, porém, livres, vitoriosos, bêbados, loucos, não prestavam atenção a este grupo miserável e desolado. A poucos passos de nós, dois deles, com facas entre os dentes, cortavam a garganta de um boi sobre o qual se tinham ajoelhado, com os pés no sangue do boi. Um pouco mais à frente, duas negras vestidas de marquesas, cobertas de fitas e pompons, com a garganta descoberta. Uma tinha agarrado com as unhas e a outra com os dentes. A seus pés, vários negros saqueavam um baú aberto e partido do qual este vestido tinha sido arrancado²³⁹.

Segundo Chris Bongie, “[...] a pura intensidade de ‘The Saint Domingue Revolt’ confirma que *Bug-Jargal* é algo mais que um exercício juvenil de exotismo literário; é a tentativa terapêutica de Hugo de dar forma novelesca a um pesadelo disforme que o assombraria por décadas vindouras”.²⁴⁰ Portanto, de acordo com o autor, o fato de Hugo ainda relembrar os acontecimentos de São Domingos, quase 20 anos após seu romance sobre o tema ter sido publicado, demonstra que as opiniões do autor sobre a Revolução do Haiti, e mais

²³⁹ “Je m'étais réfugié près de la porte de la ville, chétive barrière à claire-voie faite de longues lattes peintes en jaune, réunies par des traverses et taillées en pointe à leur extrémité supérieure. J'avais auprès de moi une espèce de hangar sous lequel s'était abrité un groupe de ces malheureux colons dépossédés. Ils gardaient le silence et semblaient pétrifiés dans toutes les attitudes du désespoir. A quelques pas en dehors du hangar, un d'entre eux, un vieillard, s'était assis sur un tronc d'acajou gisant à terre comme un fût de colonne, et pleurait. Un autre essayait en vain de retenir une femme blanche tout effarée qui voulait s'enfuir avec son enfant, sans savoir où, à travers cette foule de nègres furieux, déguenillés et rugissants. Les nègres cependant, libres, vainqueurs, ivres, fous, ne faisaient nulle attention à ce groupe misérable et désolé. A quelques pas de nous, deux d'entre eux, le couteau entre les dents, égorgeaient un boeuf sur lequel ils s'étaient agenouillés, les pieds dans le sang du boeuf. Un peu plus loin, deux négresses vêtues en marquises, couvertes de rubans et de pompons, la gorge nue, la tête encombrée de plumes et de dentelles, hideuses à voir, se disputaient une magnifique robe de satin de Chine, que l'une avait saisie avec les ongles et l'autre avec les dents. A leurs pieds, plusieurs négrillons pillaient une malle ouverte et brisée d'où cette robe avait été arrachée”. HUGO, Victor. *Choses Vues*. Paris: Calmann Lévy, Éditeur, 1900, p. 37-38. (Tradução nossa)

²⁴⁰ “[...] the sheer intensity of “The Saint Domingue Revolt” confirms that *Bug-Jargal* is something more than a youthful exercise in literary exoticism; it is Hugo’s therapeutic attempt at giving novelistic form to a shapeless nightmare that would haunt him for decades to come”. BONGIE, Chris. “Appendix B: ‘The Saint Domingue Revolt’”. In: *Bug-Jargal*. Toronto: Broadview editions, 2004, p.249. (Tradução nossa)

especificamente sobre as ações dos escravizados rebeldes dessa Revolução, continuaram as mesmas da década de 1820. O mais interessante deste texto é o fato de que Hugo descreve as ações dos escravizados rebeldes de São Domingos como se ele realmente tivesse participado e visto os acontecimentos da ilha. Hugo nunca visitou o Haiti durante sua vida, por isso, não descartamos a hipótese de que ele tenha voltado a fontes como Pamphile de Lacroix e Bryan Edwards para escrever este texto.

Cenas como a que podemos ver em *Révolte de Saint-Domingue* possuem semelhanças com algumas passagens de *Bug-Jargal*. No romance, quando o narrador, Leopoldo é capturado por um grupo de mulheres griotas²⁴¹, ele as descreve não só por serem as famosas contadoras de histórias da África, mas como feiticeiras que praticavam uma espécie de cerimônia religiosa. Leopoldo assim as descreve,

A estranha invocação, acompanhada de caretas ridículas, provocou em mim essa espécie de convulsão involuntária que frequentemente se apodera do homem mais sério, chamada ataque de riso. Por mais esforços que fizesse para me conter, o riso ocasionou uma cena sombria e espantosa.

As negras, interrompidas durante a cerimônia, parece que despertaram sobressaltadas. Até então, não se tinham dado conta de minha presença e, quando me viram, correram em tumulto para mim, uivando: “Branco! Branco!”. Jamais vi conjunto de semblantes tão horríveis, como os daquelas negras griotas, com os dentes brancos, e o branco dos olhos raiado de sangue²⁴².

A questão de como Hugo retrata a cultura africana como primitiva e selvagem, é algo que Alberto Oliveira Pinto já elucidou muito bem, afirmando como literato, estava, pelo menos enquanto escrevia *Bug-Jargal*, de acordo com os primeiros teóricos eugenistas do fim do século XVIII e início do século XIX²⁴³. Quando nos voltamos para este Hugo de 1845, essa ligação com as teorias eugenistas aparenta estar ainda mais forte.

Outro autor que se dedica a estudar o texto *Révolte de Saint-Domingue* é Leon-François Hoffmann, no artigo *Victor Hugo, les noirs et les esclavages*. Assim como Bongie, Hoffmann

²⁴¹ “Convém saber, entre as diversas tribos africanas, há uma dotada de primitivismo talento para a poesia e para a improvisação, semelhante à loucura. Esses negros, vagabundeando de reino em reino, são naquela região bárbara, o que eram os antigos rapsodos na Grécia e na Idade Média, os menestréis na Inglaterra, os minssinger na Alemanha, os trovadores na França e Espanha. Os negros são os griotes, suas mulheres, griotas, possuídas como eles, do demônio insensato que acompanha suas canções bárbaras, suas danças lúbricas, numa grosseria paródia das dançarinas do Indostão e do Egito”. HUGO, Victor. *Bug-Jargal*. São Paulo: Editora Assunção Limitada, 1946, p. 68.

²⁴² *Ibidem*, p. 69.

²⁴³ Ver PINTO, Alberto Oliveira, “Bug-Jargal de Victor Hugo: As representações culturais e somáticas dos escravos de São Domingos como legitimação da negrofilia e do abolicionismo”, Lisboa: 5th European Conference on African Studies, 2014.

também acredita que Victor Hugo é até mais racista²⁴⁴ do que em *Bug-Jargal* neste texto. De acordo com o autor,

A grandeza da alma que emana de Pierrot de alguma forma faz ou liga suas características negróides que incorporam feiura aos olhos dos brancos, incluindo os de Hugo. Escrevendo a Adolphe de Saint-Valry em 2 de outubro de 1821 para fazer algumas críticas sobre um poema que ele lhe enviara, o jovem Hugo justificou-se minando: "é bem permissível que um negro feio perceba duas ou três sardas na pele de uma mulher branca bonita". Vinte e quatro anos depois, sob o título *Revolta de Santo Domingo*, ele ditou em 1845 uma curiosa evocação onírica da pilhagem de Saint-Domingue das figuras dos escravos revoltados "deformados, negros, camuse, crespos, frustrados"; sua repulsa parece ter aumentado desde Bug-Jargal. No romance da juventude, o nanismo que simboliza a monstruosidade moral atingiu apenas Habibrah. No texto de 1845, essa deformação tornou-se epidêmica entre seus congêneres[...]²⁴⁵

Como argumenta Hoffmann, em *Bug-Jargal*, Habibrah é a representação máxima desta ideia de que os negros (especificamente os mestiços/mulatos) eram inferiores fisicamente, enquanto no texto de 1845 ele acaba reforçando esse preconceito para todos os escravos rebeldes. Mas acreditamos que, para além disso, "a deformidade moral" representada no nanismo de Habibrah também é reforçada em todos os outros personagens - negros ou mestiços - da trama, com a óbvia exceção de Pierrot/Bug-Jargal. De certa maneira, Hugo está apenas retomando sua visão de 1820 dos negros rebeldes de São Domingos, mas dessa vez, a perspectiva do autor, como afirma Hoffmann, está ligada às ações dos negros no mundo liberto²⁴⁶, reforçando estereótipos eugenistas e racistas, enquanto em *Bug-Jargal*, o escritor se limitara a descrever as ações dos negros ainda no mundo de servidão e entrando na luta pela liberdade. A forma como o Hugo escreve este texto, se colocando como uma testemunha ocular da "devastação" que tomou conta de São Domingos após a abolição da escravidão, pontuando

²⁴⁴ "Certes, si d'Auverney suggère l'animalité des Noirs, il ne l'affirme pas explicitement. Mais, une fois de plus, le texte écrit par Hugo à la première Personne en 1845 est autrement injurieux, et il est difficile de ne pas le qualifier de raciste, même si le terme n'est attesté pour la première fois qu'en 1930". HOFFMANN, Léon-François. Victor Hugo, les noirs et l'esclavage. Franconia, 1996, p.37. (Tradução nossa)

²⁴⁵ "La grandeur d'âme qui émane de Pierrot fait en quelque sorte oublier ses traits négroïdes qui incarnent la laideur aux yeux des Blancs...y compris ceux de Hugo. Écrivant à Adolphe de Saint-Valry le 2 octobre 1821 pour lui faire quelques critiques à propos d'un poème qu'il lui avait envoyé, le jeune Hugo se justifie en minaudant : « il est bien permis à une vilaine négresse de remarquer deux ou trois taches de rousseur sur la peau d'une jolie blanche ». Vingt-quatre ans plus tard, sous le titre Révolte de Saint-Domingue, il dicte en 1845 une curieuse évocation onirique du pillage de Saint-Domingue et des figures des esclaves révoltés « difformes, noires, camuses, crépues, effroyables » ; sa répulsion semble avoir augmenté depuis Bug-Jargal. Dans le roman de jeunesse, le nanisme qui symbolise la monstruosité morale ne frappait qu'Habibrah. Dans le texte de 1845, cette déformation est devenue épidémique chez ses congénères [...]" *Ibidem*, p.15. (Tradução nossa)

²⁴⁶ "Cette confusion, ce sabbat, ce carnaval qu'est le monde noir, sur-tout émancipé de la présence régulatrice des Blancs, se reflète dans le mélange et la confusion des langues". *Ibidem*, p. 35-36. (Tradução nossa)

as vestimentas dos negros – que se assemelhavam a uma cópia das vestimentas francesas – a associação dos negros com o alcoolismo, o estereótipo da suposta promiscuidade dos homens e mulheres negras, a transformação dos brancos da ilha em escravizados, representa um pouco da visão que Hugo tinha da liberdade dos negros de São Domingos, ou seja, estando livres os escravizados instalariam o caos na ilha. Portanto, no texto 1845, diferente do conto de 1820 e do romance de 1826, em que o autor transformou a Revolução do Haiti em uma mera revolta escrava que se quer teve fim; Victor Hugo representou a liberdade dos haitianos baseado em todos os estereótipos racistas que já existiam na época. Em um trecho do texto, Hugo nos dá a seguinte cena,

Por todos os lados viam-se apenas gnomos de cobre, bronzeado, vermelho, preto, ajoelhado, sentado, agachado, amontoados, abrindo baús, forçando fechaduras, tentando pulseiras, colares de grampear, vestir jaquetas ou vestidos, quebrando, rasgando, roubando. Dois pretos estavam simultaneamente a experimentar as duas mangas do mesmo casaco e lutou com os dois punhos que permaneceram livres²⁴⁷.

Neste trecho, vemos Hugo descrever os negros de São Domingos como ladrões insaciáveis, que sempre saqueavam itens pertencentes a comunidade branca da ilha. Hugo, ao longo de todo o texto, deixa explícito o medo que sempre tomou conta do mundo colonial desde que os primeiros navios negreiros chegaram nas Américas: os escravizados se tornarem os senhores e os senhores se tornarem os escravizados.

Em *A Hidra de muitas cabeças*, livro dos historiadores Peter Linebaugh e Marcus Rediker, os autores fazem um mapa das inúmeras revoltas que ocorreram no Atlântico, especificamente sobre a expansão colonial inglesa²⁴⁸, entre os séculos XVII e XVIII. Revoltas nas quais africanos, indígenas e europeus se juntaram em diversos momentos contra o processo de formação do que hoje entendemos por capitalismo, sendo a escravidão e o colonialismo seus pilares centrais. Utilizando o mito de Hércules e do monstro Hidra – que sempre que tinha uma cabeça cortada outras três cresciam no lugar – Linebaugh e Rediker demonstram ao longo desta

²⁴⁷ “On ne voyait de toutes parts que des gnômes cuivrés, bronzés, rouges, noirs, agenouillés, assis, accroupis, entassés, ouvrant des malles, forçant des serrures, essayant des bracelets, agrafant des colliers, endossant des vestes ou des robes, brisant, déchirant, arrachant; deux noirs mettaient en même temps les deux manches du même habit et se gourmaient de leurs deux poings restés libres”. HUGO, Victor. *Choses Vues*. Paris: Calmann Lévy, Éditeur, 1900, p. 39. (Tradução nossa)

²⁴⁸ Desde de o começo da expansão colonial inglesa, na alvorada do século XVII, até a industrialização metropolitana no início do século XIX, governantes usaram o mito de Hércules e da hidra para descrever a dificuldade de impor ordem em sistemas de trabalho cada vez mais globais, apontando aleatoriamente plebeus esbulhados, delinquentes deportados, serviçais contratados, extremistas religiosos, piratas, operários urbanos, soldados, marinheiros e escravos africanos como as cabeças numerosas e sempre cambiáveis do monstro”. LINEBAUGH, Peter & REDIKER, Marcus. *A hidra de muitas cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 11-12.

obra como a criação do mundo colonial e, em seguida, do mundo capitalista, nunca foi pacífica. A união entre negros, indígenas e europeus durante o início do colonialismo foi um fato e também foi um problema para que esse sistema pudesse se consolidar, surgindo daí, portanto, a necessidade de “cortar as cabeças” dessa hidra de comunidades heterogêneas que estavam se formando nas colônias. Para os autores,

Se o mito da hidra expressava o medo e justificava a violência das classes dominantes, ajudando-as a construir uma nova ordem de conquista e expropriação, de patíbulo e verdugos, de colônias, navios e fábricas, ele sugere algo bem diferente para nós historiadores - ou seja, uma hipótese. A hidra tornou-se um meio de explorar a multipolaridade, o movimento e a conexão, as longas ondas das correntes planetárias da humanidade. A multiplicidade foi indicada, se assim pode dizer, em linhas gerais, nas multidões reunidas nos mercados, nos campos, nos cais e nos navios, nas colônias, nos campos de batalha. O poder dos números foi ampliado pelo movimento, enquanto a hidra viajava ou era banida e dispersada em diásporas, levada pelos ventos e pelas ondas para além dos limites do Estado-Nação²⁴⁹.

Sendo assim, utilizando as contribuições de Linebaugh e Rediker, argumentamos que Hugo e suas produções sobre a Revolução Haitiana representaram o medo colonial da união entre os marginalizados do nascente sistema capitalista. A Revolução Haitiana foi, por si só, a personificação desse pesadelo que Victor Hugo desenhou de forma preconceituosa. Pensando nisso, é interessante analisar o fato de que Pierrot/Bug-Jargal é o único personagem do romance que se alia aos brancos (Leopoldo e sua família), salvando-os de uma morte violenta, se afastando, assim, dos outros líderes, Biassou e Habibrah, que tinham como um de seus objetivos fazer com que os brancos da ilha sentissem na pele a violência da escravidão. Pierrot/Bug-Jargal também é caracterizado na narrativa como alguém mais subserviente e fiel ao núcleo branco principal da trama, Leopold e sua noiva. De certa forma, o escritor demonstrou alguma fidelidade ao evento real da Revolução, no qual existiam divergências entre líderes do movimento, porém eram posicionamentos que estavam muito mais ligados aos caminhos para alcançar a liberdade, enquanto Hugo representou as diferenças dos líderes da Revolução apenas dentro da chave da guerra racial.

Novamente, é importante ressaltarmos que neste momento de sua trajetória, por mais que estivesse se abrindo para ideias mais liberais, Hugo ainda apoiava a instituição da monarquia, que em 1845 ainda mantinha a escravidão nas colônias francesas. Foi apenas em 1848 que a França finalmente aboliu os escravizados em suas colônias, três anos após Hugo

²⁴⁹ *Ibidem*, p. 14.

escrever *Révolte de Saint Domingue*. Foi neste ano, inclusive, que a França adentrou em um novo momento de sua história política: a Segunda República. Com a queda do rei Louis-Phillipe, não só a França, mas boa parte da Europa Ocidental durante o ano de 1848²⁵⁰, começou uma nova onda revolucionária, que no caso da França trouxe de volta à República, que elegeu como seu presidente Louis-Napoleon, sobrinho de Napoleão Bonaparte. Junto com a República também veio a abolição, que teve como um de seus principais nomes Victor Schoelcher. De acordo com Gainot,

Foi uma nova revolução que pôs fim à escravatura, a que pôs fim ao regime da carta monárquica e levou à proclamação da Segunda República em Fevereiro de 1848. A abolição imediata, na tradição da Grande Revolução, seria imposta com o decreto de 27 de Abril de 1848, tendo o regresso da República levado à nomeação de Schoelcher para o cargo de subsecretário de Estado do Ministro da Marinha e das colónias, François Arago, outro abolicionista radical²⁵¹.

Portanto, às vésperas da abolição da escravidão das colônias francesas e de uma nova fase republicana para a França, temos Victor Hugo, um escritor já consagrado, escrevendo um texto que caracteriza a Revolução Haitiana e seus agentes como um evento caótico e libertino. É ainda mais instigante analisarmos o texto sabendo que Hugo também apoiou a instauração da Segunda República, tendo inclusive aceitado participar da Assembleia Constituinte do regime, e em seguida, ter se tornado deputado na República²⁵². Porém, como argumenta Hoffmann, Hugo não se pronunciou sobre a abolição da escravidão em 1848. Segundo o autor,

²⁵⁰ “Por trás destas grandes mudanças políticas estavam grandes mudanças no desenvolvimento social e econômico. Qualquer que seja o aspecto da vida social que avaliarmos, 1830 determina um ponto crítico; de todas as datas entre 1789 e 1848, o ano de 1830 é o mais obviamente notável. Ele aparece com igual proeminência na história da industrialização e da urbanização no continente europeu e nos Estados Unidos, na história das migrações humanas, tanto sociais quanto geográficas ainda na história das artes e da ideologia. E na Grã-Bretanha e na Europa Ocidental em geral, este ano determina o início daquelas décadas de crise no desenvolvimento da nova sociedade que se concluem com a derrota das revoluções de 1848 e com o gigantesco salto econômico depois de 1851. A terceira e maior das ondas revolucionárias, a de 1848, foi o produto desta crise. Quase que simultaneamente, a revolução explodiu e venceu (temporariamente) na França, em toda a Itália, nos Estados alemães, na maior parte do império dos Habsburgo e na Suíça (1847). De forma menos aguda, a intranquilidade também afetou a Espanha, a Dinamarca e a Romênia; de forma esporádica, a Irlanda, a Grécia e a Grã-Bretanha. Nunca houve nada tão próximo da revolução mundial com que sonhavam os insurretos do que esta conflagração espontânea e geral, que conclui a era analisada neste livro. O que em 1789 fora o levante de uma só nação era agora, assim parecia, "a primavera dos povos" de todo um continente”. HOBBSBAWM Eric. *A Era das Revoluções 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 129-130.

²⁵¹ “C'est une nouvelle révolution qui allait imposer la fin de l'esclavage, celle qui mit un terme au régime de la Charte monarchique et qui amena la proclamation de la Seconde République en février 1848. L'abolition immédiate, dans la tradition de la Grande Révolution, allait s'imposer avec le décret du 27 avril 1848, le retour de la République ayant conduit à la nomination de Schoelcher au poste de sous-secrétaire d'État du ministre de la Marine et des colonies, François Arago, autre abolitionniste radical”. GAINOT, Bernard. *Bref aperçu concernant l'histoire du mouvement abolitionniste français (1770-1848)*. La Révolution française Cahiers de l'Institut d'histoire de la Révolution française, n. 16 de 2019, p. 13. (Tradução Nossa)

²⁵² “A liberdade de imprensa, o estado de sítio e a discussão sobre como seria a República vindoura são os temas que Hugo irá abordar em seus discursos na Assembleia Constituinte. Como peças oratórias, os discursos estão

Sob a pena de Victor Hugo (a não ser que eu me esqueça) não há protesto contra a escravidão dos negros antes de sua partida para o exílio. Enquanto em 1848 ele registrou no *Journal de qu'je apprendre* todos os dias os acontecimentos de sua vida privada e comunicou as últimas notícias, ele não mencionou a abolição da escravidão colonial em 27 de abril e, até onde se sabe, não parabenizou Lamartine por ter assinado o decreto de abolição²⁵³.

Assim, podemos afirmar que mesmo após a publicação de *Bug-Jargal*, Hugo não só ainda tinha ressalvas com relação a Revolução do Haiti, como também colocou a abolição da escravidão como um momento secundário. Hoffmann demonstra que Hugo acabou mencionando sim a abolição da então colônia francesa de Guadalupe²⁵⁴, porém como se” [...] quisesse sugerir que a abolição era apenas uma medida simbólica”²⁵⁵. O fato de Hugo focar apenas no comportamento dos escravizados após terem conseguido a liberdade em seu texto de 1845, também pode nos revelar que o autor poderia ter mais ressalvas com a forma como a liberdade é concedida pelos escravizados do que a questão mais direta da necessidade (ou não) da abolição. A carta que o escritor redigiu a José do Patrocínio em 1884, é um indício dessa afirmação. Na carta, o escritor cita o imperador do Brasil, Dom Pedro II, clamando para que ele abolisse a escravidão no Brasil. Portanto, associando a carta com o romance *Bug-Jargal* e com o texto *Révolte de Saint Domingue*, duas obras em que Victor Hugo faz questão de pontuar a “selvageria” dos negros rebeldes e sua violência contra os brancos, podemos compreender que pelo menos neste momento de sua vida (década de 1830-1840), o escritor poderia não ser abertamente abolicionista, mas com certeza era completamente desfavorável ao tipo de abolição que a Revolução Haitiana proporcionou no fim do século XVIII: Feita a ferro e fogo.

intrinsecamente ligados ao contexto político. Como a Monarquia de Julho havia se encerrado, as ruas de Paris continuavam agitadas e o novo regime era apenas um interregno. O modo autoritário com que o general Cavaignac conduz a repressão aos protestos e à manutenção da ordem será problematizado por Hugo” SILVA, Luiz Eudásio Capelo Barroso. O rochedo é a tribuna, a liberdade o brado: os discursos políticos do exílio de Victor Hugo. 2016. Dissertação (Mestrado em Literatura)—Universidade de Brasília, Brasília, 2016, p.95.

²⁵³ “Sous la plume de Victor Hugo (à moins d'oubli de ma part) on ne trouve avant son départ pour l'exil aucune protestation contre l'es-clavage des Noirs. Alors qu'en 1848 il consigne dans le Journal de ce que j'apprends chaque jour les événements de sa vie privée et com-mente les dernières nouvelles, il ne fait pas état de l'abolition de l'es-clavage colonial le 27 avril et, pour autant que l'on sache, ne félicite pas Lamartine d'avoir signé le décret d'abolition”. HOFFMANN, Léon-François. Victor Hugo, les noirs et l'esclavage. Francofonia, 1996, p. 44. (Tradução nossa)

²⁵⁴ *Ibidem*, p. 46.

²⁵⁵ “[...] eut-être suggérer que l'abolition n'était qu'une mesure de pure forme”. *Ibidem*, p. 46. (Tradução nossa)

III. Republicano e Abolicionista: o exílio e a mudança dos discursos de Victor Hugo:

A partir de 1848, a vida pessoal e pública de Victor Hugo muda drasticamente. Após a Revolução de 1848, que deu início a Segunda República Francesa, Hugo foi se tornando lentamente um importante defensor do regime republicano. Em sua tenra juventude, o escritor foi um grande defensor da monarquia, desde os Bourbon até a Monarquia Constitucional de Julho. Porém, com a chegada da República, feita através da Revolução de 1848, o escritor decide se juntar à causa e uma das formas que encontrou para isso foi se elegendo como deputado da Assembleia Constituinte da França, passando a defender interesses, não apenas do povo francês, mas do povo europeu como um todo, que nesta mesma época também estava transformando as suas estruturas políticas e sociais, assim como a França.

De acordo com Michel Winock, no começo da República, Hugo não estava totalmente de acordo com o novo regime, pois ainda apoiava a Monarquia de Julho, tendo inclusive apoiado o governo provisório que se seguiu após a queda do rei Louis-Phillipe, regido por Hélène de Orléans. Porém, pautas como o fim da pena de morte, que ele já defendia muito antes de se tornar republicano, passaram a ganhar mais espaço na República fundada em 1848. De acordo com Winock, Hugo naquele momento,

Ainda não está em concordância com o movimento revolucionário, mesmo que fosse para impedi-lo de cair no abismo, como Lamartine. No entanto, ele dá a sua inteira adesão a algumas das primeiras medidas do Governo Provisório, principalmente a abolição da pena de morte para presos políticos – “um fato sublime”, diz ele, em 27 de fevereiro a Lamartine (que aliás, acaba de convidar Charles Hugo, filho de Victor, para fazer parte de seu gabinete). Em 2 de março, ao inaugurar uma árvore da liberdade na Praça Royale, já então Praça des Vosges, Hugo termina seu discurso com um “Viva a república universal!”. Já tomou partido: apesar das prevenções que ainda conservava contra o novo regime que acaba de ser instalado, ele vai candidatar-se à Assembleia Constituinte²⁵⁶.

Podemos, portanto, concluir que a pauta da abolição da pena de morte foi um motivo importante para que Hugo de fato se tornasse republicano, porém, a abolição da escravidão nas colônias da América, que a República de 1848 também consolidou, aparentemente não tinha o mesmo apelo para Victor Hugo. Atrelado a isso, algo que pode nos surpreender neste momento da trajetória de Hugo é que, ao mesmo tempo que não fazia questão de mencionar a abolição

²⁵⁶ WINOCK, Michel. *Voices da Liberdade: Os escritores engajados do século XIX*. São Cristóvão: Editora Bertrand Brasil, 2006, p.450-451

da escravidão e a condição dos escravizados nos espaços da República, o escritor sempre votava em projetos de leis voltados para questões como o sufrágio universal, educação gratuita e de qualidade oferecida pelo Estado, fim da miséria, questões internacionais (obviamente ligadas aos países europeus), entre outras discussões²⁵⁷. De acordo com Winock, mesmo fazendo parte do espectro político da direita, Victor Hugo votava em muitas pautas que eram associadas às demandas da esquerda²⁵⁸, sendo inclusive acusado de ser socialista durante as sessões. Mas o autor sempre seguiu reafirmando que era contra o socialismo, apesar de simpatizar com algumas coisas que o movimento defendia.

Um último argumento de destaque de Winock se encontra na questão da influência da igreja na mudança de Hugo do monarquismo para o republicanismo. Neste momento da história da França, a igreja católica ainda era uma instituição influente, e como tal, prezava pela educação religiosa nas escolas, algo que Hugo, juntamente com a esquerda da Assembleia Constituinte eram extremamente contra. Segundo Winock, Victor Hugo compreendia os ideais da classe clerical como antiquados e que já não serviam mais para a França que ele estava se esforçando para construir. Segundo Winock,

A última ilusão sobre a propensão da Igreja à liberdade esvaiu-se após a benção das chamadas Árvores da Liberdade. O clericalismo venceu. A esquerda e Hugo ainda se apresentavam como fiéis, falam naturalmente de Jesus e de Deus, mas romperam com a Igreja que, até o fim do século, e mesmo depois, estará destinada a se tornar o pilar da ordem social. Durante o ano de 1850 os discursos de Victor Hugo devem ser lidos também como sucessivos atos de um divórcio: a República dos republicanos será anticlerical ou não será República²⁵⁹.

²⁵⁷ “Imaginar o mundo moderno sem estas palavras (isto é, sem as coisas e conceitos a que dão nomes) é medir a profundidade da revolução que eclodiu entre 1789 e 1848, e que constitui a maior transformação da história humana desde os tempos remotos quando o homem inventou a agricultura e a metalurgia, a escrita, a cidade e o Estado. Esta revolução transformou, e continua a transformar, o mundo inteiro. Mas ao considerá-la devemos distinguir cuidadosamente entre os seus resultados de longo alcance, que não podem ser limitados a qualquer estrutura social, organização política ou distribuição de poder e recursos internacionais, e sua fase inicial e decisiva, que estava intimamente ligada a uma situação internacional e social específica”. HOBBSAWM, Eric. *A era das Revoluções (1789-1848)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p.17.

²⁵⁸ “Ainda sentado à direita, mas sempre votando com a esquerda, Victor Hugo ocupa uma posição à parte na Assembleia. Distingue-se dos “republicanos da vigília” porque é contrário a uma assembleia única, cujo princípio foi votado. Contra os “republicanos de amanhã”, Hugo retoma a luta pela liberdade de imprensa e pelo fim do estado de sítio. Em 11 de outubro escreve ele: “Outro dia votei contra a pena de morte, voto hoje pela liberdade. Por quê? É que não quero lembrar de 93! Porque em 93 havia cadafalso e não havia liberdade. Estive sempre, em todos os regimes, pela liberdade, contra a opressão. Por quê? Porque a liberdade regulada pela lei produz a ordem e a opressão produz a explosão. Aí está porque não quero a opressão, quero a liberdade”. WINOCK, Michel. *Voices da Liberdade: Os escritores engajados do século XIX*. São Cristóvão: Editora Bertrand Brasil, 2006, p. 453.

²⁵⁹ *Ibidem*, p. 462.

Assim, o Victor Hugo com o qual iniciamos este trabalho, conservador, católico e monarquista, já não existia mais durante a Segunda República Francesa. É possível ver uma espécie de secularização nos discursos do autor, que no começo de sua carreira sempre pontuava sua inclinação religiosa e política voltada para a monarquia e para o catolicismo. Mas foi em 1851, com o golpe de Estado articulado pelo então presidente da república Louis-Napoleon, que Victor Hugo se torna completamente republicano e um importante nome para as causas sociais de sua época.

No ano de 1851, o ainda presidente Louis-Napoleon faz uma grande campanha para conseguir mudar a decisão constitucional que determinava que os presidentes da Segunda República não poderiam se reeleger. De acordo com Winock, o presidente francês “chocou-se com uma dupla resistência: da direita monarquista e da esquerda republicana, chamada Montanha”²⁶⁰. Victor Hugo participou das manifestações contra a campanha de reeleição de Louis-Napoleon, tendo inclusive discursado sobre durante uma sessão²⁶¹. Apesar da resistência dos deputados e de uma parte da população, em 2 de dezembro de 1851 Louis-Napoleão, a partir daquele momento adotando o nome de Napoleão III, toma o poder prendendo seus principais adversários e iniciando a repressão contra a oposição ao seu governo²⁶².

Assim se inicia o chamado Segundo Império Francês, sob o comando de Napoleão III. Victor Hugo se tornou um símbolo da resistência ao golpe de Napoleão III, tendo inclusive participado de barricadas para conter os avanços do exército do governante. Dias depois, prevendo que sua prisão poderia estar próxima, o escritor embarca no dia 12 de dezembro para Bruxelas, na Bélgica e inicia o seu exílio. De acordo com Winock “no dia 14, Victor Hugo iniciou uma narrativa do golpe de Estado, que se chamou *História de um crime*”²⁶³. Além deste livro, Hugo também publicou de forma independente o poema *Napoleon, le petit*, no qual criticou o então imperador francês e seu governo autoritário. Por conta desses dois trabalhos, Hugo se viu obrigado a deixar a Bélgica, pois nenhum jornal ousou publicar textos contra o poderoso Napoleão III. A partir de 1852, Hugo passa um breve momento na Inglaterra, se transferindo para a ilha anglo-normanda de Jersey e enfim se estabelecendo até o fim de seu exílio na ilha, também anglo-normanda, de Guernsey.

²⁶⁰ WINOCK, Michel. *Victor Hugo na Arena Política*. Rio de Janeiro: Diffel, 2008, p. 54.

²⁶¹ “O que pedimos ao senhor presidente responsável pela república, o que esperamos dele e temos o direito de firmemente esperar não é que mantenha o poder como homem de estatura, mas que o deixe como homem de honra”. *Ibidem*, p. 56.

²⁶² “Na manhã de 2 de dezembro, aniversário da coroação de Napoleão e da vitória de Austerlitz, Hugo soube que durante a noite, o exército comandado pelo ministro da Guerra Saint-Arnaud havia efetuado a prisão dos principais adversários do príncipe-presidente: Thiers e os generais Lamoricière, Cavaignac, Changarnier e Bedeau”. *Ibidem*, p. 56.

²⁶³ *Ibidem*, p. 58.

Em sua dissertação *O rochedo é a tribuna, a liberdade o brado: os discursos políticos do exílio de Victor Hugo*, Luiz Eudásio Capelo Barroso Silva tem como objetivo analisar como a liberdade é compreendida por Victor Hugo em seus discursos na época em que estava exilado da França por conta do regime autoritário imposto por Louis-Napoleon, que se tornou o imperador Napoleão III. Neste momento de sua vida, diferente do curto período da República, a produção literária de Hugo se torna cada vez mais abundante, sendo seus discursos voltados não apenas para a sua condição de proscrito, mas também para diversos fatos sociais que o mobilizavam naquela época. O escritor se aprofundou ainda mais em questões como a miséria na qual viviam as crianças da ilha de Guernesney, onde passou a maioria do seu tempo de exilado; a participação política das mulheres, com relação a escravidão e a abolição nas colônias americanas, a situação da França e de outros países com relação a democracia. Se antes o autor já era conhecido por ser extremamente engajado socialmente, a partir do momento em que se torna um proscrito, Hugo aprofunda de maneira concreta suas aspirações políticas – republicano, progressista e democrata – e se consolida como importante figura pública.

Silva reconstrói a trajetória política de Victor Hugo, demonstrando suas passagens de monarquista, para liberal, para e depois para democrata e então republicano. Durante seu exílio, Hugo torna-se um bastião da defesa dos direitos humanos²⁶⁴. Silva, portanto, demonstra como a relação de Hugo com a política de seu país e de outras partes do mundo, quando se torna um exilado, está diretamente relacionada à forma como o escritor compreendia os ideais de liberdade neste momento, seja a liberdade das mulheres, liberdade dos condenados à morte, e também, a liberdade dos escravizados nas Américas.

Nesses discursos de Hugo sobre a escravidão e a abolição, Silva destaca um em que o escritor defende a liberdade do abolicionista norte-americano John Brown, que nos anos de 1859-1860 foi preso por seus atos radicais em prol do abolicionismo²⁶⁵, sendo condenado à

²⁶⁴ “Hugo, durante seu exílio, torna-se um bastião da defesa dos direitos humanos. Assim, muitos são aqueles que lhe enviam cartas buscando seu apoio. No ano de 1868, a guerra de independência de Cuba se reinicia. A Espanha irá reprimir essa nova revolta do povo cubano com extrema brutalidade, havendo distritos inteiros sido bombardeados pela artilharia espanhola. Nessa situação, várias cubanas fogem de seus país natal e vão se refugiar nos países vizinhos. Algumas mulheres cubanas então se unem e enviam uma carta a Victor Hugo pedindo apoio à sua causa” SILVA, Luiz Eudásio Capelo Barroso. *O rochedo é a tribuna, a liberdade o brado: os discursos políticos do exílio de Victor Hugo*. 2016. Dissertação (Mestrado em Literatura)—Universidade de Brasília, Brasília, 2016, p. 138.

²⁶⁵ “John Brown, 1800-1859, foi um abolicionista norte americano do século XIX. Figura controversa, ele é considerado, por alguns, um herói devido a suas ações em prol do abolicionismo; porém é também tido como o primeiro terrorista doméstico dos Estados Unidos da América. Desde meados dos anos 1850, Brown envolveu-se em diversos episódios em prol da abolição, porém, em alguns deles, houve mortes. Em 1859, Brown e seus correligionários atacam um depósito do governo federal, que guardava armas, em Harpers Ferry. Seu objetivo era tomar as armas que pertenciam ao governo e entregá-las a escravos insurretos. Brown não consegue concretizar seu plano, é capturado pelas forças governamentais e será julgado e condenado à morte por enforcamento”. *Ibidem*, p. 143.

morte por seus atos. Hugo, como um importante nome pela luta contra a pena de morte, sai em defesa do abolicionista. Apesar de citar a escravidão e a abolição neste discurso, o foco de Hugo neste texto é a defesa de um melhor tratamento para John Brown e um julgamento justo para o mesmo. Em trecho de seu discurso sobre Brown, citado por Silva em seu trabalho, Victor Hugo diz que,

Há escravos nos estados do Sul, o que indigna, como o mais monstruoso dos contrassensos, a consciência lógica e pura dos estados do Norte. Esses escravos, esses negros, um homem branco, um homem livre, John Brown, quiseram libertá-los. John Brown quis começar a obra de salvação pela libertação dos escravos da Virgínia. Puritano, religioso, austero, tomado pelo Evangelho, Christus nos liberavit, lançou àqueles homens, àqueles irmãos, o grito de alforria. Os escravos, furiosos com a servidão, não responderam ao chamado. A escravidão produz a surdez da alma. John Brown, abandonado, combateu; com um punhado de homens heroicos, ele lutou; foi perfurado por balas, seus dois jovens filhos, santos mártires, caíram mortos ao seu lado, ele foi capturado. Esse episódio é chamado de o caso de Harper's Ferry²⁶⁶.

Este trecho nos revela que neste momento de sua vida, Hugo já era um defensor, mesmo que moderado, do abolicionismo. Porém, o fato de Hugo sair em defesa de um abolicionista branco, ao invés de movimentos de libertação feitos por escravizados/libertos, nos demonstra que, de fato, o tipo de abolição que o autor defende não incluía a participação desses como agentes da liberdade. E a carta escrita para José do Patrocínio é um outro exemplo de como Hugo compreendia a abolição da escravidão sendo feita de uma forma pacífica e legal, com os escravizados tendo a menor participação possível.

Silva também nos demonstra que a partir da defesa sobre o caso de John Brown, Hugo também comentou sobre o Haiti, já independente, durante o seu exílio. Como o próprio autor argumenta “[...] contrariando a hipótese de Hoffman de que Hugo não elogia em texto algum a Revolução no Haiti [...]”²⁶⁷. O jornalista haitiano M. Heurtelou, envia uma carta para Hugo o parabenizando por ter se posicionado a favor de Brown²⁶⁸. Em sua resposta, Victor Hugo comenta o seguinte sobre a ilha:

Eu amo vosso país, vossa raça, vossa liberdade, vossa revolução, vossa República. Vossa ilha magnífica e doce agrada, nesse momento, almas livres. Ela acaba de dar um grande exemplo, ela quebrou o despotismo. Ela nos

²⁶⁶ *Ibidem*, p. 144.

²⁶⁷ *Ibidem*, p. 152.

²⁶⁸ “Heurtelou logo no começo de seu texto clama ser irmão de Hugo, que irá aceitar essa colocação e responder confirmando. Como só há um deus, e os homens são filhos de deus, negros e brancos são irmãos. Continuando sua defesa da igualdade entre os homens, Hugo afirma que: “Il n’y a sur la terre ni blancs ni noirs, il y a des esprits; vous en êtes un. Devant Dieu, toutes les âmes sont blanches” (HUGO, 2008, p. 525). *Ibidem*, p. 150-151.

ajudará a quebrar a escravidão. O Haiti é hoje uma luz. É belo que entre as chamas do progresso, iluminando a rota dos homens, seja a mão de um negro que a esteja carregando²⁶⁹.

É impressionante ler este trecho da carta de Hugo para Heurtelou e se dar conta que este é o mesmo indivíduo que anos antes escreveu *Bug-Jargal* e, em seguida, *Révolte de Saint Domingue*. Diferente destas produções, Hugo, pela primeira vez, reconhece a luta dos escravizados como legítima, além de citar a ilha pelo seu nome pós-independência, pois antes apenas se referia ao Haiti pelo seu nome de colônia: São Domingos. Entretanto, apesar de não ser o mesmo jovem que escreveu *Bug-Jargal* e ter reconhecido a importância da Revolução Haitiana, em conjunto com o papel que os escravizados tiveram na luta pela liberdade, o abolicionismo que o autor defende, até o fim de sua vida, ainda é aquele em que os escravizados não possuem uma participação significativa. Portanto, apesar de reconhecer a luta dos haitianos quando chega a idade madura, Victor Hugo não vê a abolição da escravidão em outras partes do mundo sendo feita no mesmo modelo que o Haiti estabeleceu. A defesa de John Brown e o apelo feito a Dom Pedro II, em sua carta para José do Patrocínio, são indícios do perfil do abolicionismo de Victor Hugo.

Feitas essas análises, argumentamos que a relação que Victor Hugo desenvolve com a escravidão, abolição e Revolução Haitiana se transformaram drasticamente ao longo da vida do escritor. A trajetória política de Hugo, por si só, nos revela que o escritor nunca se manteve ileso das questões de seu tempo, se adaptando às demandas de sua época e mudando seus posicionamentos sempre que achava adequado. O exílio que aderiu durante os anos do Segundo Império de Napoleão III, transformou a percepção de Hugo, a ponto de fazer com que o escritor começasse a pensar nas questões sociais que sempre defendeu para fora da esfera da Europa Ocidental. Os ideais da Revolução Francesa também passaram a fazer parte dos discursos de Hugo durante o exílio, pois é importante lembrar que, no início de sua carreira, o escritor não era exatamente a favor do evento de 1789. Portanto, ao analisarmos a trajetória de um indivíduo como Victor Hugo, que viveu quase todo o século XIX, fazendo parte de diversos debates sociais, além dos que são tema desta pesquisa, fica evidente que seria impossível para Hugo manter as mesmas opiniões até o fim de sua vida. Ele fez parte de um debate importante em seu século: a Revolução Haitiana e suas consequências. Dessa forma, tratar essa questão da mesma maneira até o fim de sua vida não seria (e não foi) algo possível na realidade concreta.

²⁶⁹ *Ibidem*, p. 151.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos anos de sua vida Victor Hugo se torna uma personalidade muito celebrada e respeitada tanto na França quanto no resto do mundo. Com o fim do Segundo Império de Napoleão III, o escritor volta para a sua terra natal depois de 19 anos em exílio. Apesar da anistia contra os exilados políticos ter sido feita em 1859, Victor Hugo escolheu permanecer em exílio até o momento que seu país estivesse livre do autoritarismo de Napoleão III²⁷⁰. Seu engajamento político e a defesa da liberdade e da igualdade fizeram do autor uma importante personalidade, que sempre se posicionava, não apenas nas pautas que diziam respeito a seu país, mas em causas e eventos dos seus vizinhos europeus e regularmente se posicionando com relação aos países do Novo Mundo²⁷¹. De acordo com Michel Winock,

Imortalizado, Victor Hugo não foi somente pelo talento literário, mas em virtude também do sentido político que deu a sua obra e de suas incansáveis lutas pela liberdade. Desde que se converteu à República, no período que se seguiu a revolução de fevereiro de 1848, ele não cessou de combater de peito aberto em favor da divisa: “Liberdade, Igualdade, Fraternidade”²⁷².

Sua volta foi celebrada pelos parisienses e o fato de ter se tornado um exímio defensor da República, da democracia e da liberdade demonstra a força política que o escritor tinha adquirido em seus anos de exílio. Mesmo aqueles que criticavam o romantismo que Hugo defendeu e ajudou a construir, como Emile Zola, admitiam a importância social e política do escritor. Uma das causas que ele defendeu, inclusive, foi a da anistia dos *communards*, rebeldes da Comuna de Paris (1871). Em um trecho de seu estudo, Winock comenta que “desde que foi eleito para o Senado, em janeiro de 1876, ele se empenha na votação da anistia dos

²⁷⁰ “Hugo está disposto a somente voltar para a França quando a liberdade puder retornar juntamente com ele. Somente quando o regime do usurpador Napoléon III cair, Hugo voltará para a França”. SILVA, Luiz Eudásio Capelo Barroso. O rochedo é a tribuna, a liberdade o brado: os discursos políticos do exílio de Victor Hugo. Obtenção de 2016, p. 113.

²⁷¹ “Victor Hugo, de sua casa em Guernesey, a Hauteville-House, responderá a diversas provocações para que se manifeste em prol de diferentes temas. Assim como Hugo recebeu cartas das mulheres cubanas pedindo apoio, mesmo que apenas moral, pela independência de Cuba da Espanha, em diferentes ocasiões o poeta será incentivado a se manifestar contra a pena de morte no mundo”. Ibidem, p. 170.

²⁷² WINOCK, Michel. *Voices da Liberdade: Os escritores engajados do século XIX*. São Cristovão: Editora Bertrand Brasil, 2006, p. 765.

communards”²⁷³. Além disso, Victor Hugo também passa a celebrar os ideais da Revolução Francesa de 1789, demonstrando que a mentalidade que o autor tinha sobre o evento em sua juventude já não era mais a mesma²⁷⁴.

Sendo assim, revendo a trajetória política de Victor Hugo desde o início de sua carreira até o fim de sua vida, podemos concluir que o escritor, dramaturgo, poeta e artista moldou seus pensamentos e atitudes de acordo com a sua realidade social e histórica. E quando retomamos as discussões que o autor fez sobre a Revolução Haitiana e a escravidão africana, tanto em seu romance *Bug-Jargal*, quanto em outros textos que o mesmo produziu, esta afirmação fica ainda mais clara.

Quando colocamos o Victor Hugo do início do século XIX - monarquista, católico, conservador - ao lado do Hugo do final do século - Republicano, progressista e democrata - podemos nos espantar com as diferenças, ainda mais se colocarmos nesta balança a forma como o escritor lidou com eventos como a Revolução Haitiana e a escravidão nas Américas. Como vimos, em seu romance *Bug-Jargal* Hugo representou os escravizados rebeldes do Haiti como seres cruéis e vingativos, tirando de jogo o papel dos senhores de escravos e dos traficantes de escravos dentro do sistema escravista e tornando os escravizados os únicos culpados pelo sistema que os violentou. Dessa forma, em sua juventude, Victor Hugo não via legitimidade na luta dos escravizados haitianos na sua luta por liberdade, mas, ao mesmo tempo, demonstrou em sua obra (de forma voluntária ou involuntária), que a violência pela qual os escravizados da ilha passaram justificava a revolta que foi construída. Personagens como Biassou e Habibrah são bons exemplos que demonstram que, ao caracterizá-los como antagonistas, as intenções que os dois personagens possuem também demonstram as barbaridades do sistema escravista²⁷⁵.

Em contrapartida, o Victor Hugo do fim do século já apresenta uma simpatia pela luta dos haitianos e defende o fim da escravidão em todos os territórios. Além disso, também passa a levantar a bandeira da igualdade racial, mesmo que de forma contida. De acordo com Luís Eudásio Capelo Barroso, em seu discurso de defesa do abolicionista John Brown,

²⁷³ *Ibidem*, p. 757-758.

²⁷⁴ “no ano seguinte, 1878, o centenário da morte de Voltaire deflagra inevitavelmente um novo confronto entre republicanos e realistas, entre livres pensadores e clericais. Hugo participa das cerimônias, empenhado em reconciliar Voltaire e o Evangelho”. *Ibidem*, p. 759.

²⁷⁵ “Irmãos de meu coração, vocês jamais foram tratados como filhos, e sim como escravos. Porque vocês são escravos como os negros. Enquanto um miserável trapo cobria-lhes as carnes, os brancos pais miseráveis pavoneavam bons chapéus e bons trajes. Malignos esses seres humanos!” HUGO, Victor. *Bug-Jargal*. São Paulo: Editora Assunção Limitada, 1946, p. 80-81.

Inicialmente, Hugo afirma que não há brancos ou negros, somente espíritos, porém afirma também, e aqui está o ‘nó’ a ser desatado, que, diante de deus, todas as almas são brancas. Na terra não há distinção de cor, porém, no paraíso, todos tornam-se brancos. Dessa afirmação percebe-se que, mesmo que defendesse a igualdade entre todos os homens, Hugo tinha o branco em maior conceito do que o negro²⁷⁶.

Em conclusão, Victor Hugo, de monarquista a republicano, de anti-abolicionista a libertário, foi uma importante personalidade do século XIX, que a partir de sua produção textual literária, representou em um de seus primeiros romances a forma como a sua ideologia política, naquele momento, tinha recebido a Revolução Haitiana. Porém, demonstramos neste trabalho que a forma como Victor Hugo viu a Revolução Haitiana, a escravidão e a igualdade racial nos anos 1820’s foi se transformando até o momento de seu exílio e a sua volta para a França nos anos 1870’s. Apesar de ter se tornando abolicionista e ter reconhecido a luta que o Haiti travou contra a escravidão como justa, Victor Hugo ainda defendia uma abolição que não passasse pelas mãos das pessoas negras escravizadas. A Revolução Haitiana, demonstrou para as sociedades escravistas de todos o Atlântico o poder de destruição que os escravizados poderiam atingir, portanto, não é de se estranhar que, por mais que o escritor tivesse passado a apoiar o fim definitivo do sistema escravista, ele deveria acontecer através das autoridades políticas. Na carta que Victor Hugo escreveu para José do Patrocínio, em 1884, podemos ver exatamente essa linha de pensamento. O escritor clama ao imperador do Brasil, Dom Pedro II, pelo fim da escravidão em todo território brasileiro, é nesta figura que o poeta desenvolve as suas esperanças para o fim da escravidão em um dos últimos países do mundo que ainda manteve o sistema escravista, até aquele momento. Sendo assim, por mais que o escritor tivesse transformados seus posicionamentos sobre esses assuntos, isso não significou que ele viu na revolta escrava uma saída para o fim da escravidão.

²⁷⁶SILVA, Luiz Eudásio Capelo Barroso. O rochedo é a tribuna, a liberdade o brado: os discursos políticos do exílio de Victor Hugo. 2016. Dissertação (Mestrado em Literatura)—Universidade de Brasília, Brasília, 2016, p. 151.

FONTES:

HUGO, Victor. **Bug-Jargal: O Libertador Negro**. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1954.

HUGO, Victor. **Bug-Jargal**. Paris: Urban Oanel, Libraire. 1826.

HUGO, Victor. **Bug-Jargal**. São Paulo: Editora Assunção Limitada, 1946.

HUGO, Victor. **Choses Vues**. Paris: Calmann Lévy, Éditeur, 1900.

“O dia 25 de Março em Pariz”. **Gazeta da Tarde**, 18 de abril de 1884.

BIBLIOGRAFIA:

BACH, Max. **The Reception of V. Hugo's First Novels**. In: Symposium: A Quarterly Journal in Modern Literatures. Taylor & Francis, 1964.

BONGIE, Chris. **Bug-Jargal**. Toronto: Broadview editions, 2004.

BONGIE, Chris. **Victor Hugo and the Melancholy Novel: Reading the Haitian Revolution in Bug-Jargal**. French Studies, Vol. LXXII, No. 2, 2018.

BONIN, Kathrine M. **Signs of Origin: Victor Hugo's "Bug-Jargal"**. Nineteenth-Century French Studies, Vol. 36, No. 3/4 (SPRING SUMMER 2008).

BUCK-MORSS, Susan. **Hegel e o Haiti**. Novos Estudos, 90, julho 2011.

CALLIPO, Daniela Mantarro. **Victor Hugo: sobretudo, poeta**. Lettres Francaises, 2011.

DE FREITAS, Soraya Matos. **Entrelinhas da Revolução: o dito e o não dito nas páginas do Correio Braziliense e da Gazeta do Rio de Janeiro sobre a Revolução Haitiana (1808-1822)**. Palavra Da Moda: “Revolução” – Palavra Proibida. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.

_____. **Nas entrelinhas da Revolução: o dito e não dito nas páginas do Correio Braziliense e na Gazeta do Rio de Janeiro, sobre a Revolução Haitiana**, Ano de Obtenção: 2010.

DE MELLO, Celina Maria Moreira. **As revistas literárias no romantismo francês: a ilustração**. Teresa, n. 12-13, 2013

DE SAES, Laurent Azevedo Marques. **A Sociedade dos amigos dos negros: o antiescravismo na revolução francesa**. História Econômica & História de Empresas, v. 16, n. 2, 2013.

GAINOT, Bernard. Breve panorama da história do movimento abolicionista francês (1770-1848). A revolução Francesa. Cadernos do Instituto de História da Revolução Francesa , n. 16 de 2019.

GAITET, Pascale. **Hybrid Creatures, Hybrid Politics, in Hugo's " Bug-Jargal" and " Le Dernier Jour d'un condamné"**. Nineteenth-century French studies, p. 251-265, 1997.

GENOVESE, Eugene D. **Da rebelião à revolução**. Global, 1983.

GILLMAN, Susan. **Victor Hugo's Bug-Jargal, Translationally**. J19: The Journal of Nineteenth-Century Americanists, v. 3, n. 2, p. 376-384, 2015.

GINZBURG, Carlo, Rosa Freire d'Aguiar, and Eduardo Brandão. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. Editora Companhia das Letras, 2007.

GUINSBURG, J. **O romantismo**. Editora Perspectiva, 1978.

HOBBSAWM, Eric. **A Era das Revoluções 1789-1848**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

HOFFMANN, Léon-François. **Victor Hugo, les noirs et l'esclavage**. Francofonia, p. 47-90, 1996.

_____. **L'idéologie de Bug-Jargal**. J.-M. Tremblay, 1989.

HUGO, Victor. **Do Grotesco e do Sublime**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2014.

JAMES, C.L.R. **Os Jacobinos Negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos**. São Paulo, Boitempo, 2018.

LAFONTANT, Julien J. **A tribute to Victor Hugo's "Bug-Jargal"**. Rocky Mountain Review of Language and Literature, Vol. 32, No. 4 (Autumn, 1978), pp. 195-210.

LINEBAUGH, Peter & REDIKER, Marcus. **A hidra de muitas cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

DE SOUZA MARTINS, Paulo Henrique. **Processo de abolição no Ceará: história, memória e ensino**. Revista Historiar, v. 6, n. 11, 2014.

MOREL, Marco. **A Revolução do Haiti e o Brasil escravista: o que não deve ser dito**. Jundá: Paco Editorial, 2017.

MORETTO, Fulvia ML. **Victor Hugo e o romantismo**. Lettres Françaises, 2003.

NASCIMENTO, Washington Santos. **Além do medo: a construção de imagens sobre a revolução haitiana no Brasil escravista (1791–1840)**. Especiaria: Cadernos de Ciências Humanas, v. 10, n. 18, 2007.

OYAMA, Maria Helena Valentim Duca. **O Haiti como locus ficcional da identidade caribenha: olhares transnacionais em Carpentier, Césaire e Glissant**. Tese (Doutorado em Literatura), Universidade Federal Fluminense, 2009.

PINTO, Alberto Oliveira. **Bug-Jargal de Victor Hugo: As representações culturais e somáticas dos escravos de São Domingos como legitimação da negrofilia e do abolicionismo.** Lisboa: 5th European Conference on African Studies, 2014.

POPKIN, Jeremy D. **Uma revolução racial em perspectiva: relatos de testemunhas oculares da Insurreição do Haiti.** *Varia História*, v. 24, 2008.

SILVA, Amanda Bastos da. **A revolução de São Domingos e os embates entre forças abolicionistas e escravistas no longo século XIX: as contribuições de Marcus Rainsford e Jean-Louis Dubroca.** 2019. 167f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

SILVA, Luiz Eudásio Capelo Barroso. **O rochedo é a tribuna, a liberdade o brado: os discursos políticos do exílio de Victor Hugo.** 2016. 202 f., il. Dissertação (Mestrado em Literatura)—Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano; GOMES, Flávio. **Sedições, haitianismo e conexões no Brasil escravista: outras margens do Atlântico Negro.** *Novos estudos*, v. 60, p. 131-144, 2002.

STONE, Irene Joyce Kim. **Remembering the Haitian Revolution Through French Texts: Victor Hugo's Bug-Jargal and Alphonse de Lamartine's Toussaint Louverture.** Brigham Young University, 2013.

TOMICH, Dale. **Pensando o "impensável": Victor Schoelcher e o Haiti.** *Mana*, v. 15, p. 183-212, 2009.

WINOCK, Michel. **Victor Hugo na Arena Política.** Rio de Janeiro: Diffel, 2008

_____. **Vozes da Liberdade: Os escritores engajados do século XIX.** São Cristovão: Editora Bertrand Brasil, 2006.

